

## Americanas.

	Peças	Homens	Mortos	Feridos
Navio—Saratoga	26	210	26	20
Eagle—Brigue	20	120	13	27
Ticonderoga—Escuna	17	110	6	6
Preble—Chalupa	7	30	1	1
Dez Barcas Canhoneiras	11	350	3	3
	—	—	—	—
Total	86	820	49	57
	—	—	—	—

Os Officiaes Inglezes mortos foraõ o Commadore Downie, dois Tenentes, &c.

Dos Americanos dos. os Tenentes Gamble, e Stansbury, e o Mestre Caster.

Officiaes Inglezes prizioneiros, o Capitaõ Pring, e 6 ou 8 Tenentes. Os feridos ficaraõ debaixo da sua palavra, e feraõ mandados por hum Parlamentar para a Ilha—Aux Noix.

14 de Outubro, de 1814.

EDITOR DO MORNING CHRONICLE.

Senhor,

Naõ se tendo ainda publicado noticia alguma Official, ou por conta dada ao Parlamento ou por outra qualquer forma, relativamente ao numero de vazos da Real Marinha, que tem sido aprisionados ou destruidos pelos Americanos, eu vos offereço a seguinte lista, a qual julgo ser perfeita-mente exacta.

Nome dos Vasos.	Calibre das peças.	Numero das peças	Por quem tomados ou destruidos.	Calibre das peças.	Numero das peças.
Fragatas Guerriere	38	49	Constituição	44	52
—Macedonian	38	49	Estados Unidos	44	52
—Java	38	49	Constellação	44	52
Chalupas de guerra					
—Frolic	18	20	Wasp	18	22
—Peacock	18	20	Hornet	18	20
—Epervier	18	20	Peacock	18	22
—Reindeer	18	20	Wasp	18	22
—Avon	18	20	Ditto	18	22
—Boxer	14	16	Enterprise	14	16
—Dominica	10	16	Decatur	Corsario	7
Escunas—Battalion	8	10	Perry	Ditto	8
—Landrail	—	4	—	Ditto	—

E tambem seis vazos no Lago Erie commandados pelo Capitão Barclay.

Ao que se deve acrescentar o penoso catalogo de quasi 900 navios mercantes.

### Mr. CANNING.

#### CARTA AO EDITOR DO COURIER.

Senhor,

Eu muito desejaría que os amigos de Mr. Canning, ou alguma pessoa officialmente inteirada da natureza e número de objectos que elle tem a tratar na sua embaixada á Portugal, se dignassem expor a malignidade das observaçoens que tem circulado relativamente ao extraordinario salario que se lhe ha concedido para manter a *extraordinaria magnificencia e esplendor*, que o Morning Chronicle e seos adherentes tem querido dar á esta projectada embaixada.

Permitti-me referir-vos á exposiçãõ impressa por ordem da Caza dos Communs em Maio passado, respectiva aos paga-

mentos feitos aos Embaixadores no anno que terminou em Abril de 1813, e em Abril de 1814. He certamente desnecessario informar-vos que o salario *ordinario* dos nossos Embaixadores he 8,000 libras por anno (os Embaixadores de Paris e Petersburgo parecem ter £10,000;) e que alem destes salarios os Embaixadores tem despezas extraordinarias a fazer, despezas totalmente independentes da magnificencia e esplendor, que elles quizerem manter. Porem eu vos refiro á ditta exposiçaõ, a fim de que vejaes que as despezas extraordinarias desta natureza, feitas pelo immediato antecessor de Mr. Canning (Sir Charles Stewart) montaraõ em 1812 e 1813 a £26,807 e 7 shillings, e em 1813 e 1814 a £19,900 5 sh. e 6 p. As despezas extraordinarias de Sir Henrique Wellesley em Hespanha, montáraõ segundo o mesmo documento, a quasi £19,000 por anno, durante o mesmo periodo. Alguma diminuiçaõ nestas despezas da parte dos nossos Ministros se deve naturalmente esperar no estado mais tranquillo dos tempos; e se he com a esperanza desta diminuiçaõ que Mr. Canning vai receber a limitada soma de £6,000, quando o seu predecessor gastou mais de £23,000 por hum calculo medio; he certamente huma audacia extraordinaria illudir o povo Inglez dizendo, que para satisfazer as ideas de magnificencia de Mr. Canning, elle hia ter o salario extraordinario de £6,000 por anno, no todo £14,000, entretanto que o Duque de Wellington em Paris tem só £10,000!

Vosso, &c.

Hum Constante Leitor.



## MISCELLANEAS.

## CANAL DE L'OURCQ.

CARTA AO EDITOR DO MORNING CHRONICLE.

*(Publicada na Gazeta de 12 de Outubro.)*

Senhor,

A seguinte noticia de huma ou duas emprezas de Bonaparte em Paris talvez não seja desagradavel á alguns dos vossos leitores. Todos se queixavaõ, e com razao, que aquella famosa cidade fosse supprida com má agoa, e essa sem ser abundante. Com tudo não tinha menos de tres aqueductos, a saber; St. Gervais, Belleville e Arcueil, e tambem a grande Bomba de fogo de Chaillot, situada na margem esquerda do rio Sena, entre as pontes denominadas Pont La Concorde, e Jena. Esta bomba, diz-se, poder elevar 2,000 toneis d'agoa por hora, á altura de 110 pés Francezes. Este suprimento d'agoa, sem duvida o mais abundante de todos, foi derivado do rio Sena, cujas agoas não são mui puras. Estas differentes agoas eraõ dadas aos Parisienses por meio de numerozas fontes, situadas convenientemente em varias partes da cidade. A grande falta que havia de boa agoa não escapou á Bonaparte, o qual no primeiro anno que tomou o titulo de Imperador ordenou, que se principiasse a fazer o celebre Canal de L'Ourcq, o qual deve servir ao mesmo tempo de hum grande chafariz, e de hum canal de navegaçao. Esta grande obra ha tres ou quatro annos que está completa, e se tem ach do ser sufficiente para supprir Paris e suas vizinhancas com excellente agua, e essa 58 vezes em maior quantidade que todos os precedentes mananciaes juntos; de maneira que Paris presentemente possui, e em grande abundancia huma das maiores commodidades da vida. A ouzadia de huma tal empreza, e a rapidez com que foi executada, necessariamente abismaraõ a todo o viajante que a observar. O Canal de L'Ourcq se communica com o de St. Quentin e o Marne; no seo curso para Paris passa as Communs de Mareuil, Echampier, Lizy, Grizy, Meaux, Villemoix, Charmantre,



e Claye, e descendo a Sevran pela floresta de Bondi, termina finalmente em huma bacia perto da barreira St. Martin em Paris. Para ligar esta fauozza empreza com a nova rua Imperial, e as obras que se estavaõ entãõ fazendo ao redor das Thuilleries, e para dar ás janellas do palacio a vista de huma rua quasi de duas milhas, se emprehendeo construir huma magnifica fonte e reservatorio, sufficiente so per si para suppir todos os outros em Paris. A fim de que se executasse esta obra com toda a grandeza que merecia, o Instituto participou ao Artistas, que se dariaõ premios aquelles, cujos desenhos fossem mais approvados. Estando impressas no programa as dimensoens de que deviaõ constar o reservatorio, e edificio, muitos arttstas eminentes sahiraõ a campo a offerecer os seos planos. Estes foraõ apresentados á Bonaparte, como ordinariamente se praticava com todos as obras publicas; elle, diz-se, ter entrado em huma mui longa conversaçãõ com alguns Membros do Instituto sobre as particularidades da parte executiva; e que observara, que as figuras Gregas do Monte Cavallo em Roma nas suas dimensoens colossaes, claramente mostravaõ o que o genio e a pericia combinados saõ capazes de effectuar, quando as circunstancias lhes saõ favoraveis. Consequentemente Bonaparte elle mesmo traçou a obra, que se vai descrever, chamada *Fontaine L'Elephant*. Ella consta de hum elephante colossal da altura de 75 pes Francezes sustendo nas costas hum immenso reservatorio, formado a maneira de huma torre, e de 25 pes de comprimento; o elephante deve estar collocado com a frente para as Thuilleries na entrada da Rua Imperial, em hum pedestal formado em grandissimos pedaços de marmore branco, elevado dez pés desde o fundo de huma fonte, que está ao nivel do terreno; toda a altura deste enorme monumento anda por 112 pes, medindo desde o terreno ate o cume do reservatorio. O elephante e reservatorio se estaõ fazendo de bronze, o qual, diz-se, ser extrahido das peças que Bonaparte tomou aos inimigos mas suas differentes campanhas; a porçãõ de metal necessario para a obra se avalia em 90 toneladas. Os unicos ornamentos sobre este monumento saõ aquelles da cupola, ou remate do reservatorio, cujos lados estaõ divididos em quadrados, realçados por molduras, e folhagem de *Lotus* (em baixo relevo) que rodeaõ a letra N. &c.; e representaçoens de tapeçarias em bronze guarnecidas ao redor com largas margens de oiro, estaõ pendentos dos lados do elephante, e cahidas ate a baixo: As pernas deste colosso (caha huma de mais de 5 pes em diametro) devem servir para os seguintes fins: as duas trazeiras haõ de ser sifoens

ou canos, pelos quaes a agua subirá ao reservatorio; huma das dianteas deve ter huma escada de caracol, na qual se entrará por huma porta feita na parte posterior do pe, e pela outra perna, passará a agoa com que se tiver lavado o reservatorio. Os trabalhadores estaõ agora fazendo a fonte elliptica ao redor do pedestal em que o elephante hade ser collocado, e nesta fonte o elephante lançara pela sua immensa tromba torrentes d'agoa derivada do Canal de l'Ourcq, para o uso dos habitantes vizinhos. O terreno appropriado para este estupendo monumento, he aquelle em que estava a famosa Bastilha. Bonaparte deo a principal direcção desta obra á M. le Baron Denon, e este continua a superintende-la por ordem do presente Governo: ella não está aberta para o publico em Paris, porem pode ser vista por estrangeiros, recorrendo se aos Ministros e Membros do Instituto, que daõ cartas para esse fim.

Vossa, &c.

J. R.

8 de Outubro 1814.

---

### CORSARIOS BARBARESCOS.

A questãõ da Escravatura tem-se convertido em huma verdadeira mania em toda a Inglaterra. Os mesmos Gazeteiros saõ como forçados a tratar constantemente desta materia: e ainda que na verdade ja não haja toda aquella effervescencia espantosa que observamos, quando se tratava de assignar as infinitas petiçoens que se apresentãõ ao Parlamento, tempo de tanto enthusiasmo, que o individuo que ouzasse contradizer estas medidas populares, certamente seria feito em postas pela populaçaõ de Londres, todavia he ainda, e sera sempre athe a final decisãõ do congresso hum assumpto de huma constante discussãõ. Ao menos porem daqui se tem originado huma grande utilidade, que foi o excitar-se com a primeira outra nova questãõ incidente sobre os Corsarios Barbarescos, a qual agora mais que nunca lembrada e discutida poderá produzir hum grande beneficio para a Europa. A este respeito lemos pois em o *Morning Chronicle* de 8 de Outubro a carta seguinte que de boa von-



tade vamos transcrever, porque por ella se mostra que todos os homens são os mesmos quando o mal lhes chega por caza; e que facilmente passão para o estado de censores, quando aquillo que antes approvavaõ lhes começa a fazer mui sensiveis prejuizos.

---

CARTA AO EDITOR DO MORNING CHRONICLE.

Senhor,

Os amigos da humanidade e os Advogados da liberdade universal devem todos fazer-vos a devida justiça por haverdes sido o primeiro que ha muito tempo ja denunciastes o infame procedimento de hum povo barbaro, que apezar de incrível tem athe agora sido tolerado pelas naçoens civilizadas. Ja he facil advinhar que eu alludo á vergonhoza pirataria dessas tribus de Africanos, que habitaõ as Costas do Mediterraneo, e da qual, ainda não ha muito, nos destes ham exemplo, mencionando a tomadia de hum navio Sueco que navegava de Lisboa para Bourdeaux. A existencia destes Barbaros he huma infamia para todas as Potencias da Europa, e particularmente para nos que somos reputados os Senhores dos mares; e assim seria muito para desejar que algum habil Escriptor philantropico tomasse á seo cargo, o provar ao mundo, que em quanto nós estamos defendendo os direitos dos infelizes habitantes da Africa Occidental, deviamos primeiro empregar todos os meios de reprimir os roubos e piratarias destes despreziveis habitantes do Norte.

Para melhor fazer sentir estas verdades vos envio alguns extractos do acontecimento que teve hum respeitavel individuo, tomado pelos Argelinos na sua viagem de Inglaterra para a Sicilia em hum navio pertencente a esta ultima Potencia. Os ditos Extractos, que eu julgo devem merecer a vossa contemplação, foraõ traduzidos do Original Italiano, e do ultimo No. de hum Jornal chamado—o *Italico*,—que o Dr. Granville publica em Londres.

Segue-se a narrativa deste factio, que não tem mais singularidade do que haver acontecido a hum Ingles; o qual entre outras muitas lamentaçoes, fas estas seguintes, que transcrevemos:—

“ A nossa consternação he mais facil de se imaginar do



que poder descrever-se. Nós, acostumados a viver entre naçoens civilisadas, e na sociedade do povo o mais amavel, agora condemnados a passar a nossa vida entre barbaros? Nós que tinhamos vindo da ditoza Inglaterra, do centro da verdadeira liberdade, agora insultados por despreziveis escravos e assassinos? E em que tempo, e em que circumstancias? Quando o sol da liberdade raiou para todo o mundo; e quando depois de muitos annos de calamidades, a Europa começa agozar de paz e de ventura! . . .”

### TAXAS DE INGLATERRA.

Os varios ramos do Fundo Consolidado foraõ mui productivos no quartel que finalizou a 10 do corrente, montando á huma soma de não menos de 10,954,900*l.* que excede o quartel corresponde do anno passado por mais de 800,000*l.* Houve em o mesmo quartel nos Direitos de Papel sellado hum accrescimo de 64,000*l.*, e nos da Alfandega de 665,000; porem os da Siza diminuirão no mesmo periodo perto de 266,000.—O Fundo Consolidado está somente carregado com 8,750,000*l.* que he menos 214,000*l.* que o correspondente quartel do anno passado. Esta vantagem procede da extincão dó fundo de 36,542,000 pelo Acto Parlamentar de 54 do presente Rei, sobre a qual soma a annuidade de seis mezes, que se tem subtrahido, montava á 548,130*l.* As Taxas de Guerra que se receberão no Exchequer durante o dito quartel montaõ á mais de 8,215,000*l.*; e desta soma 5,212,000*l.* he o producto das Táxas sobre a Propriedade. So esta ultima taxa rendeo no anno que finalizou a 10 do corrente 14,189,000 e e redito total de todas as taxas anda por mais de 23,470,000. A soma, em que ellas foraõ avaliadas pelo Chancellor do Exchequer no *Budget* do anno passado, foi unicamente 21,000,000.

(Extrahido do Courier de 17 de Outubro.)

## CONCELHO DE GUERRA FEITO AO CORONEL QUINTIN.

Muitos dos nossos officiaes, que fizeram a guerra na Peninsula e em França, devem conhecer o Coronel Quintin, e quanto nesse tempo se passou á cerca delle e do seo Regimento, o 10. dos Hussares. Este Official acha-se pois respondendo a hum Concelho de Guerra; e como he accusado de factos, que se devem ter passado á vista de muitos dos nossos Militares, julgámos por consequencia que não lhes será desagradavel o ouvir mencionar este successo, assim como o seo resultado, que ainda neste No. do nosso Jornal ou no seguinte daremos.

O Concelho de Guerra, feito ao Coronel Quintin do 10 Hussares, principiou hoje 17 de Outubro. Os seguintes são os Officiaes de que o Conselho he composto :

Presidente o General Vyse.

Membros.

Tenente General Houston.  
 Tenente General Champagne.  
 Tenente General Sir W. Payne.  
 Tenente General Campbell.  
 Major General Bolton.  
 Major General Mahon.  
 Major General Stopford.  
 Major General De Grey.  
 Major General Rebow.  
 Major General Pringle.  
 Major General Jones.  
 Major General Buller.  
 Major General Fuller.  
 Major General Reynardson.

As accusaçoens conta o dito Coronel são quatro.

A primeira allega, que á 10 de Janeiro passado em Macay no Sul da França estando o 10 Hussares empregado em forragear, e sende Commandante o Coronel Quintin, este of-

ficial não tomou as sufficientes medidas para o feliz exito destas operaçoens, ou para a segurança dos corpos que se achavaõ neste serviço, conformê as direcçoens que em tal caso se costumão dar; que em virtude desta desatenção varias divizoens ficaraõ sem ordens, e sem apoio, quando o inimigo as atacou; e que consequentemente a sua segurança esteve arriscada; e que alguns cavalloos foraõ tomados.

A segunda accusação allega, que á 28 de Fevereiro de 1814, o dia depois da batalha de Orthes, achando-se o 10 Hussares travado com o inimigo na estrada alta de St. Sever, o dito Coronel Quintin que o commandava, nem antes nem durante o tempo da acção comprio com os deveres do seo posto, não apoiando por meio da sua presença, esforços pessoas, e exemplo, as diversas divizoens, que entaõ combatiaõ.

A terceira he que no dia 10 de Abril de 1814 durante a batalha de Toulouse, o 10 Hussares sendo atacado pelo inimigo, o dito Coronel não apoiou por meio da sua presença, &c. as divisoens que se acharaõ travadas.

A quarta he de elle Coronel haver permittido no regimento huma relaxação de disciplina, pela qual o ditto regimento veio a ficar mal visto do Commandante das Forças (o Duque de Wellington) e encorrer na censura communicada em huma carta do Ajudante General das forças á Lord Edward Somerset, commandante da brigada dos Hussares, a qual carta, ou a parte relativa a este objecto, tem ja apparecido em todas as gazetas.

Dos factos allegados se tem inferido que o dito Coronel ha mostrado grande incapacidade na sua profissão; diminuindo a confiança dos soldados na pericia e coragem dos seus officiaes; e desnecessariamente arriscando a segurança, character, e refutação do regimento; e que huma tal conducta he ignominiosa a elle Coronel como hum official, danosa á boa ordem e disciplina militar, e contraria aos Artigos da Guerra.

De todas estas accusaçoens o Coronel Quintin delarou estar innocente.

Entaõ o Coronel Palmer fez huma falla ao Conselho dizendo que sentia muito comparecer contra o Coronel Quintin; porem que a reputação do regimento estava de tal forma compromettida, que elle julgava faltaria ao seo dever, se obrasse de diverso modo sobre hum objecto de tanto momento.

Depois de algumas observaçoens do Juiz Advogado e do Presidente, começou o processo.



As testemunhas examinadas em apoio das accusaçoes foraõ o Major de Brigada Jones, Tenente Fitz-Clarence, Capitaõ Lloyd, Capitaõ Stewart, Capitaõ Harding, Tenente Eversfield, Tenente Seymour, e o Coronel Elly, Assistente-Ajudante General do Duque de Wellington, Lord Combermere, Lord E. Somerset, General Grant, e outros mais officiaes.

Huma das principaes testemunhas contra o Coronel Quintin era o Capitaõ de Grammont do 10 Hussares, agora Duque de Guiche, porem como elle se achava auzente, o Coronel Parker perguntou ao Conselho se cartas do mencionado Duque sobre a materia podiaõ servir de provas contra o accusado; ao que o Juiz Advocado respondeo que não, e que era absolutamente necessario que elle Duque comparecesse, excepto se o Coronel Quintin consentisse que os depoimentos das ditas cartas fizessem parte do processo: e que o Coronel Quintin devia ter algum tempo para considerar se era ou não proprio dar huma tal permissaõ.

No dia seguinte havendo o Capitaõ Fitzclarence emendado parte do seo depoimento; o Coronel Palmer concluiu declarando que não tinha mais coiza alguma a dizer contra o Accusado.

Entaõ o Presidente informou ao Conselho que o Coronel Quintin desejava alguma tempo para preparar a sua defeza, e que compareceria no dia 25 do presente mez as 10 horas; ao que o Conselho annuo.

Com effeito o Coronel Quintin compareceo no dia aprazado, e a sua defeza continuou nesse, e no dia seguinte. Como não he possivel darmos huma serie seguida de toda esta defeza, por tanto taõ somente communicaremos aos nossos leitores neste mesmo numero ou no seguinte, qual tem sido o seo resultado.

# APPENDICE I.

AO ARTIGO

## CORRESPONDENCIA.

---

### ANALYSE IMPARCIAL

DO COMPENDIO CHRONOLOGICO, OU ENSAIO POLITICO  
SOBRE O DESAMOR E INGRATIDÃO QUE A INGLATERRA  
TEM TIDO CONTRA PORTUGAL.

(*Obra que nos foi communicada para inserir-mos em o nosso  
Jornal.*)

Quanto a quelles, que propagam informações taes, e vos  
poem em tanta desconfiança, não me admiro tanto da sua  
audacia, como da sua necedade em pensarem que se não  
percebem os seus perversos designios.

*Thucyd. liv. VI. Oração de Athenagoras.*

---

A propensão inherente ao coração humano de contrariar,  
ou illudir todas as leis prohibitivas que não parecem ter por  
fundamento se não o capricho, ou a ignorancia dos homens,  
he sem duvida o movel que nos faz buscar e ler com ancia  
todas as obras prohibidas. Sentimos todos hum prazer par-  
ticular em revindicar os nossos foros injustamente invadidos,  
e tomando por cauza o que o não he, attribuímos sempre  
esse prazer ao livro que lemos; e por conseguinte sup-  
pomos graças e bellezas em muitas produções que nunca  
teriam sahido de hum justo desprezo sem o talisman da  
prohibição que lhe communiçou todo o valor.

Se eu qui esse allegar huma prova deste raciocinio, ap-  
pellaria para a boa fé dos Portuguezes mais honrados que  
tem viajado por paizes estrangeiros, pois estou certo que  
elles confessariam que nem mesmo haviam tido vontade de

abrir algum daquelles livros que em Portugal lhes desafiavam tanto a curiosidade.

Esta so consideração deveria influir nos Governos justos e illustrados para que permittissem huma racionavel liberdade de imprensa: quando não existissem outras razões incontestaveis para provar que a illimitada censura he injusta, impolitica e prejudicial aos mesmos Governos que pensam com ella consolidar a sua authoridade;\* porem não sendo agora o meu intento entrar nesta discussão, passo ao objecto que deu motivo as reflexões precedentes.

Tal foi hum papel intitulado *Compendio Chronologico, ou Ensaio Politico sobre o desamor e ingratitude que a Inglaterra tem tido contra Portugal* que acabo de lêr no 2. Numero do *Microscopio de verdades*, impresso em Londres.

Em quanto este opusculo, ou para melhor dizer, rhapsodia de invectivas, andava manuscripto em Portugal, mostrando-se por baixo de capa, e como por favor, era elogiado á boca cheia, e considerado como huma obra magistral, principalmente por certas pessoas de talentos superficiaes que de ordinario são as mais afoitas em julgar de tudo a torto e á direito. Porem hoje felizmente que appareceu impresso em Londres, e que ficou por tanto sujeito ao exame dos homens sensatos, desvaneceu-se todo o prestigio que lhe dava importancia, e nem mesmo o julgaria digno de occupar o meu tempo e o dos seus Leitores, se debaixo das mais ineptas e grosseiras formas elle não envolvesse o culpavel designio de irritar o animo dos Portuguezes contra a Nação Ingleza a quem faz cargo das mais escandalosas injustiças, calumniando-a com todo o fel da maledicença. O homem que revela aos seus compatriotas os desconhecidos procedimentos de huma nação que infringe os seus direitos, ou attenta a sua independencia, he sem duvida acredor a gratidão dos homens honrados; porem aquelle que desfigurando factos, e accumulando imposturas, quer accender o facho da discordia entre duas nações alliadas, e que por ignorancia ou com aleivosa tenção engana a sua patria sobre as verdadeiras causas do abatimento em que ella se

\* He sobre os grilhoens da imprensa que se levantou o throno de Bonaparte; he com elles que o seu monstruoso despotismo se susteve por espaço de 12 annos, e (o que parece á primeira vista contradicção) he por effeito delles que aquelle mesmo despotismo veio a levar o ultimo golpe, pois se a opiniaõ publica se podesse manifestar, o seu brado faria parar o Tyrano no meio da sua espantosa carreira.



acha deve ser denunciado a indignação publica como hum cidadão perigoso.

Sim, o author do compendio e todos os da sua relé puzeram em perigo a sua patria quando lhe fizeram abraçar hum partido que infelizmente levou a monarchia ate as bordas do precipio, e que a teria de todo precipitado se a não salvassem a magnanima resolução que tomou a Soberano rompendo pela insidiosa nuvem que o cercava, e o heroico valor dos Portuguezes que souberam restaurar o berço da Monarquia tomando assim huma nobre vingança da perfeita nullidade em que eram tidos, como soldados, não so pelos estrangeiros, mais ainda por certas classes dos seus proprios Nacionaes desde o ultimo degraão do Throno ate o mais pequeno caixeiro da Rua Augusta.

Mas para que não imaginem os meus leitores que eu combato moinhos por gigantes, e afim de que elles possam julgar por si mesmos, vou transcrever fielmente o texto do Author naquellas passagens que parecem mais formidaveis; e respondendo aos seus argumentos hum por hum, lizongeo-me que a simples verdade e a boa logica deixaraõ facilmente confundidos o erro e a má fé, e preveniraõ os incautos ou pouco intelligentes, que se poderiam deixar seduzir por perfidas insinuaçoens disfarçadas com hum apparente amor da Patria. *Latet anguis in herba.*

---

TEXT DO AUTHOR.

ANALYSE IMPARCIAL.

We can look back on our prejudices as if they had been the prejudices of other people.

“ Parece que a Inglaterra  
 “ he huma potencia que ha  
 “ mais de hum seculo tem  
 “ sido hydropica de sangue  
 “ e oiro. A sua politica con-  
 “ siste na alternativa de der-  
 “ ramar sangue para haver  
 “ oiro; de ganhar oiro para  
 “ derramar sangue.

“ Ligado Portugal a este  
 “ monstro, tem concorrido

Desde a epigrafe comecam a transluzir as intençoens do Author pois que as foi beber nos escriptos do mais frenetico Democrata moderno de quantos intentaram perturbar a ordem social; e se a esta consideração juntar-mos a da epoca de 1799 em que este papel foi fabricado e apresentado ao Duque de Lafoens, apparecerá claramente que o seu objecto era propagar em Portugal as ideas da França Revolucionaria, e fazê-lo adhe-

“ para quasi todos os seus  
 “ crimes não como com-  
 “ plice mas como victima,  
 “ nutrindo esta fera de seu  
 “ sangue para torna la mais  
 “ desoladora.

“ Hoje que a Europa se  
 “ conjura para a sua morte  
 “ deveria Portugal aproveitar  
 “ este instante para es-  
 “ capar-se das suas garras, e  
 “ recobrar o sangue ja per-  
 “ dido.

“ A vista dos males passa-  
 “ dos evitem os Portuguezes  
 “ novas desgraças, importa  
 “ geralmente que todos vejaõ  
 “ o que lhes convem. Mas os  
 “ factos neste caso nos podem  
 “ instruir mais do que a espe-  
 “ culação, e por isso passan-  
 “ do-os novamente pela me-  
 “ moria, reconheceremos as  
 “ injustiças d’Inglaterra, e  
 “ forcejaremos para livrar o  
 “ desgraçado Portugal dos  
 “ vergonhosos ferros dos In-  
 “ glezes.”

rir ao partido continental, ou  
 Antianglicano; isto he em  
 outros termos, ter a felicidade  
 de compor huma pequena  
 fracção do Grande Imperio  
 Jacobinico. E quanto nos ter-  
 ria valido humatal felicidade!  
 O problema não custaria muito  
 á resolver á qualquer paizano  
 da Beira.

A antithese sanguinolenta,  
 com que o A. principia á in-  
 sultar a Nação Inglesa em  
 pezo, he hum echo dos Mo-  
 nitores daquelle tempo, nos  
 quaes os Jacobinos France-  
 zes, se desatavam em vio-  
 lentas injurias contra a Ingla-  
 terra, furiosos de ver que  
 ella só mallograva as suas  
 perversas maquinaçoens, e  
 caminha com passos firmes  
 para o seu engrandecimento,  
 livre dos erros e volubilida-  
 des em que cahiram os Go-  
 vernos fracos, e malavisa-  
 dos.

Qual he a Nação que tem figurado como conquistadora,  
 a quem se não podesse applicar o complimentto, que o A. fez  
 exclusivamente á Inglaterra? De certo o poderíamos, com  
 igual justiça, applicar á Carlos V. Felipe II. e Luis XIV.;  
 e a nos mesmos poderia ser dirigido pelas Naçoens de Mala-  
 bar, Coromandel, Ceylaõ, Ternate, &c.

Em huma palavra, toda a Nação conquistadora carece de  
 oiro para sustentar a força, e por meio da força adquire o  
 oiro.

Não he possivel persuadir aquem sabe a historia dos dois  
 paizes, que Portugal nunca tenha gozado de vantagem al-  
 guma reciproca, na sua alliança com a Inglaterra: porem ad-  
 mittindo, e não concedendo, que assim fosse, que outra  
 coisa provaria isso, senão o que todos os homens bem instru-  
 idos sabem; isto he, que Portugal seguindo, desde o princi-  
 pio da Monarquia, hum Systema errado de Administração  
 interna, como todas as outras Naçoens, não poudes melhora-  
 lo como ellas no Seculo XVI., por que, exactamente por esse



tempo, consentio em aceitar instituicoens *estranhas*\* e viciosas ; por effeito das quaes, o natural engenho dos Portuguezes ficou embotado na rudeza

*D'huma austeridade apagada e vil tristeza,*

Como diz o nosso immortal Poeta.

Seguiu-se, e não sem culpa daquellas instituicoens, o jugo estranho, do qual resurgindo Portugal gloriosamente em 1640, resurgiram tambem as mesmas instituicoens viciosas ; e com mais força do que nunca, depois da morte do Senhor Rei D. João IV. : e ficou a Nação assim exposta a servir de victima a todas as outras, que lhe levam hum Seculo de dianteira em civilização e grandeza.

Se o não fosse da Inglaterra, tê-lo-hia sido da França, e ate mesmo da Hespanha, se esta Nação lhe não tivesse, em todos os tempos, disputado felizmente a palma da ignorancia e do fanatismo ; ou antes se o valor incomparavel do Soldado Portuguez, não sobejasse para compensar o numero dos Soldados Hespanhoes.

## 1. TRATADO DE 1642.

“ As vantagens de Portugal neste Tratado, foram reconhecer lhe Inglaterra huma independencia que lhe não podiam impedir. Esta verdade ficará mais clara, lendo-se a historia

Este Tratado que de sua natureza he mui generico foi feito com o infeliz Carlos I. no tempo em que elle andava ja em disputas com o Parlamento, que dalli a 7 annos o levaram ao Cadafalso ; e por

\* He hum facto que se poderá provar hum dia que a Inquisição foi senão introduzida em Portugal, ao menos feita mais rigorosa, por instigaçoens e influencia de Carlos V. He outro facto assaz notorio, que os Jesuitas foram creados pelos Papas, a fim de melhor subjugarem os Principes, e os Povos. Eis a razão porque qualifico de *estranhas* estas duas instituicoens, pois que não dimanam de fonte alguma Portugueza. Todos sabem que no Reinado do Sr. Rei D. João IV. a Inquisição foi quasi nulla porque aquelle Soberano lhe sopeou o exercicio das suas homicidas funcçoens, impedindo que se confiscassem os bens dos Judeos. Esta he claramente a razão porque se observou naquelle periodo mais energia nacional, que desapareceu nos seguintes ; segundo muito bem observa o Author das Observaçoens sobre a Economia Politica de Portugal publicadas no Investigador Portuguez.



“ d’Inglaterra daquelle tem-  
 “ po. As vantagens d’Ingla-  
 “ terra foram 1. vingar-se  
 “ dos ciúmes que a França  
 “ lhe causava por terra. 2.  
 “ a Hollanda por mar. 3.  
 “ vingar-se igualmente da  
 “ Hespanha. 4. Augmentar  
 “ o seu commercio.

“ Não durou muito tempo  
 “ a boa harmonia que nos pro-  
 “ curava este Tratado: pas-  
 “ sados nove annos, bloqueou  
 “ o Almirante Black o porto  
 “ de Lisboa, e quis entra-lo  
 “ por força. Tomáráo-nos  
 “ todavia 15 Navios do Brasil,  
 “ e tudo por dar-mos azillo a  
 “ dois Principes infelizes, sem  
 “ nos embarçar-mos com a  
 “ revolução d’Inglaterra.

“ Dois annos depois de-  
 “ gollaram os Inglezes em  
 “ publico cadafalso, a Pan-  
 “ taleão de Sá, Irmaão do  
 “ Conde de Penaguião, Ca-  
 “ mareiro Mor, e nosso Em-  
 “ baixador em Londres.  
 “ Crime horrendo que ultra-  
 “ jou o direito publico e das  
 “ Gentes, como confessa o  
 “ seu proprio Historiador  
 “ David Hume.”

o Almirante Blake reclama-los, prevaleceu no Concelho d’Estado o voto do Senhor D. Theodosio, que se não entregassem : voto digno da sabedoria de hum Principe de taõ raras qualidades que os Portuguezes ainda até hoje se não consolaram da magoa de não as ter visto brilhar sobre o Throno.

Até aquelle ponto era esta medida, muito justa e honrosa, porque nenhum Tratado obrigava os Portuguezes a entregar os Principes, mas levou-se mais adiante aquella medida equipando-se huma esquadra Portugueza para comboyar os Principes Palatinos ate fora de Barra. Este segundo passo, que não se pode igualmente justificar pelas leis das Naçoens, foi interpretado pelo Almirante Blake e por Cromwell como

tanto se deste Tratado não resultaram para os Portu- guezes as mesmas vantagens que couberam aos Inglezes, foi antes por incuria dos primeiros, ou incapacidade de perceber o que lhes convinha estipular, do que por effeito de prepotencia nos segundos, que entãõ laboravam em con- vulsoens internas.

He bem notavel a impu- dencia com que o A. inver- teu aqui a serie dos factos, ao mesmo tempo que nos manda lêr a Historia d’In- glaterra ; o que he prova da ma fé com que elle pro- curava extravear os Portu- guezes, talvez calculando com a sua ignorancia ; pois de outra sorte, como poderia elle esquecer-se de que ha hum livro (entre os poucos impressos *com todas as licen- ças necessarias*) que tem por titulo *Portugal Restaurado* ; onde elles descobririam o seu grosseiro artificio.

Alguns annos depois da morte de Carlos I. e durante a Revolução de Inglaterra, en- traram no Porto de Lisboa os Principes Palatinos ; e vindo

hum acto hostile e consequentemente julgou-se o dito Almirante authorizado a commetter hostilidades.

Para remediar este facto que o A. representa como violação da parte d'Inglaterra do 1. Tratado he que o Conde de Penaguião foi mandado a Inglaterra, e negociou o Tratado de 1654\*.

Naõ podemos deixar de lamentar a desgraçada morte de Pantaleão de Sá ; e no meu particular naõ tenho a mais leve tenção de lavar Cromwell do opprobrio que lhe cabe por huma similhante atrocidade : com tudo segundo os principios de imparcial justiça, he preciso conceder que a natureza e circumstancias do acto de Pantaleão de Sá, indo armado, e acompanhado por seus criados, á Praça do Commercio em Londres a esperar hum Inglez, e commettendo alli huma morte, naõ teriaõ recebido mais do que o devido castigo, se elle naõ fosse addicto a huma legação estrangeira ; e se elle fosse hum simples particular a sua morte seria taõ justa como a do official Inglez ha pouco enforçado em Lisboa pelo roubo e assassinio do Banqueiro seu Correspondente a violação de Direitos que houve naquelle caso, foi o constituir-se o ferocissimo Cromwell juiz de hum reo que gozando da immuniidade de huma legação Estrangeira, he so pelo seu proprio soberano que deveria ser julgado.

Mas he por ventura a Inglaterra a unica Nação, que, debaixo da tyrannia dos facciosos, tem dado exemplos de similhantes attentados? Quereria o A. que nunca nos reconciliasse-mos com a França, por que o Directorio fez prender 17 Ministros Estrangeiros entre elles hum Ministro de S. A. R. e que o seu Cromwell, violando ao mesmo tempo o Direito das Gentes, as Leis da Justiça, e os deveres da humanidade, mandou cruelmente arcabuzar o Duque d'Enghien?

\* Aproveito esta occasião para rectificar a singular inadvertencia do Author do Jornal intitulado o *Portuguez* No. 6. pag. 550. e a injusta accusação que elle faz ao nosso Governo daquelle tempo, dizendo que o Negociador da parte de Portugal no Tratado de 1654 fora o Inglez W. Strickland—se elle, assim julga pela copia que vem na collecção Ingleza de Tratados de G. Chalmers, bastava a simples inspecção para perceber que nella faltam os nomes dos Embaixadores Extraordinarios de Portugal alli citados que o assignaram ; assim como falta o Preambulo ; e que sendo tiradas estas copias do Registro que para no Board of Trade, ou Junta do Commercio, alli naõ eram necessarios Preambulos nem assignaturas. Eu examinei o corpo Diplomatico de Dumont e o Diccionario de Posthwayte ; e em ambos vem este Tratado sem assignatura Ingleza nem Portugueza, por ser tirado de copias naõ authenticas que Dumont cita.



## 2. TRATADO DE 1654.

“ Não obstante todas estas injurias fez logo Portugal outro Tratado com Cromwell na qualidade de Protector d Inglaterra. As vantagens que tivemos neste Tratado foram grandes em esperanças: prometteram-nos muito, mas nada se cumprio; pois tanto pelo famoso Acto do Parlamento de Tonnage o Poundage de 1660, como pelo de navegação feito pouco tempo antes no mesmo anno se determinou inteiramente o Contrario da letra do Tratado.

“ As vantagens dos Inglezes foram: estimular a nossa diversão com os Hespanhoes para lhe fazerem huma guerra com que muito se enriqueceram. Sem passarem pelo perigo de expulsar os Hollandezes do Brazil gozaram do Commercio daquelle immenso paiz.

“ Finalmente aproveitaram-se de todos os nossos recursos sem nos darem socorro nem por terra nem por mar.”

para elles como a perola para o Gallo da Fabula. Se o tivessem feito valer em 1780 quando se suscitou aquella grande questão poderia Portugal entrar na arena, juntamente com as demais Naçoens, e com mais vantagens do que ellas, urgir a Inglaterra á que reconhecesse para todas aquelle principio, ou tivesse por nullo o Tratado de Cromwell\*.

O Author para não arredar-se do systema que adoptou, começa por adiantar huma falsidade manifesta, dizendo que este Tratado nos prometteu vantagens grandes em esperanças quando elle pelo contrario he a base das concessões mais grandiosas que a Inglaterra obteve em Portugal.

Ha com tudo na quelle Tratado hum artigo, de que os nossos Portuguezes nunca souberam tirar proveito. algum, senão, pouco e mal, na ultima guerra. Cromwell, a quem fazia conta que os seus Navios fizessem a navegação entre Portugal e Hespanha, que estavam naquelle tempo em guerra entre si, e paz com elle estipulou claramente o principio, contra o qual depois a Gram Bretanha clamou tanto nos fins do seculo passado; quer dizer a neutralidade Armada, ou que a Bandeira cobre a propriedade.

Hum artigo tão vantajoso estava inteiramente obliterado para os Portuguezes; foi

\* Huma tal resolução havia de por necessariamente a Inglaterra em hum grande dilema, como se veio a verificar de 1803 ate 1807, quando



He bem singular que o A. que nos mette tanto a cara a Historia d'Inglaterra não tivesse melhor conhecimento della; e se o tinha, he ainda mais singular a impudencia, com que pretendia abusar da boa fé dos Portuguezes, representando-lhes o Acto de Tonnage e Poundage, como hum subterfugio, a que o Governo Britanico recorreo, para evadir as condiçoens do Tratado de 1654. Basta, para convencer-nos desta verdade lançar os olhos sobre hum Historiador bem conhecido, daquella Nação, i. e. David Hume, que o A. mesmo cita, e no Vol. III. edit. de 1807, a pag. 104 acharemos que o Parlamento no anno de 1415 concedeu a Henrique V. por todo o tempo do seu Reinado os direitos de Tonnage e Poundage, &c.

A pag. 290 veremos que os mesmos direitos foram concedidos no anno de 1484 a Ricardo III. durante o seu reinado. E finalmente a pag. 318, que o Parlamento no anno seguinte, 1485, confirmou aquelle mesmo Rei, durante a sua vida, a posse dos direitos de Tonnage e Poundage de que tinham gozado, na mesma forma; os seus immediatos predecessores.

Quanto ao Acto de Navegação toda a pessoa bem instruida sabe que elle foi passado em 1652 dois annos antes do Tratado em questão; e que não obstante os termos geraes em que elle era concebido, com tudo o seu objecto se dirigia principalmente a reprimir a navegação dos Hollandezes, que eram naquella epoca os Factores e Recoveiros Maritimos do mundo inteiro; e mal podia affectar os Portuguezes que só navegavam para as suas conquistas.

A este respeito não posso deixar de recommendar á leitura dos Portuguezes as observaçoens sobre a Economia Politica de Portugal publicadas no Investigador Portuguez; onde se prova com evidencia que nos tempos do Sr. Rei D. João IV. ja tinhamos de todo perdido o nossa Navegação da Europa, da qual se haviam apoderado não somente os Inglezes, mas tambem os Hollandezes, Dinamarquezes, Suecos, Venezianos, &c. E este infortunio era tão antigo que trazia a sua origem dos Privilegios concedidos aos Estrangeiros pelos SS. Reis D. Fernando, Affonso V., e D. Manuel.

Finalmente pelo que diz respeito a asserção do A. que os Inglezes gozaram do Commercio do Brazil, a sua falsidade he tão clara que julgo inutil demonstra-la.

Porem dado o caso que os Inglezes ja por meio do Acto os Navios Portuguezes aprehendidos pela Marinha Ingleza foram, de baixo de outros pretextos, mas realmente so por se ter allegado este Tratado postos em liberdade pelos Tribunaes Britanicos.

de Tonnage e Poundage, ja pelo de Navegação, ou por qualquer outro modo, tornassem illusorias as vantagens estipuladas em nosso favor, quem nos prendia as maõs para não seguir o exemplo, decretando iguaes direitos nos nossos portos, que nos dessem a desforra? E quem nos impede ainda hoje de fazer o mesmo? Não he certamente a operosa difficuldade de estabelecer huma lei, quando basta para isso hum alvará, &c. &c.

Logo se o mal provem da nossa habitual incapacidade e desleixo, a que fim criminamos huma Nação mais esperta e poderosa que necessariamente ha de tirar partido dos nossos defeitos. Em lugar de nos comprometter-mos com ella por esse modo, seria mais acertado indagar as causas do nosso abatimento para as remover, e as da prosperidade dessa outra Nação, para adopta-las. Tal he o meio mais seguro de evitar afrontas e aggressões.

Em huma nota ao 2. Tratado affirma o Redactor deste compendio que todos os privilegios concedidos aos Negociantes Portuguezes em Londres, ficaram sempre nullos pelos differentes Actos de Parlamento; eu provarei em huma analyse de todos os Tratados feitos com a Inglaterra que publicarei no mes seguinte, que a classe de Negociantes Portuguezes não foi quasi mesmo tida em consideração em Tratado algum desde 1654 ate 1810, e que todos os direitos e privilegios que elle diz lhes pertenciam na forma dos Tratados anteriores são obra da sua imaginação.

Esquecidos pelos seus proprios Negociadores os Negociantes Portuguezes em Inglaterra não podiam ate o Tratado de 1810 ser considerados senão como vassallos Inglezes, e assim ficavam sujeitos aos mesmos encargos e tributos. Neste respeito he o Tratado de 1810 muito superior aos precedentes.

Mas aqui devo repetir o que acima disse; suppondo que houvesse da parte d'Inglaterra taes infracções do estipulado nos Tratados, quem nos impedia de uzar de represalias. Se me responderem que a nossa fraqueza, torno a replicar que ella he voluntaria porque os recursos que a natureza poz á nossa disposição nos deveriam habilitar para competir com a Inglaterra, se os soubessemos fazer valer; e se não contrariassemos todos os seus effeitos com as más instituições internas. E como he tanto o nosso afferro a ellas, que não as queremos reformar preferindo sempre confiar a nossa existencia á tutela de huma ou outra Nação; he hum grande absurdo queixarmo-nos das injustiças da nossa tutôra, que naturalmente hade exigir alguma recompensa em troco da sua protecção.



## 3. TRATADO DE 1662.

Naõ cito aqui as palavras do A. tanto por que ellas são, pouco mais ou menos, do mesmo tom e theor que as precedentes; como porque das minhas reflexoens se poderá inferir o que dizia o Author.

A cessaõ de Tanger aos Inglezes naõ foi de tanta importancia que elles naõ largassem dahi a pouco tempo aquella praça; quanto a de Bombahim ella foi na verdade importante. Mas he de admirar que o A., se he Portuguez, lêsse taõ mal este Tratado, que fazendo mençaõ da perda de Tanger, Bombahim, Cananor, &c. deixasse no silencio a naõ cumprida promessa, que nos fez a Inglaterra, de nos restituir Colombo, quando Ceylaõ fosse tomada e de repartir com nosco por metade o trato da Canella. E segundo o fim que levava em mira, teria aqui hum motivo mais plausivel para adjectivar a Inglaterra com huma enfiada dos termos mais eminentes no Diccionario do Cynismo.

Quando o A. afirma, que todas as vantagens que teve Portugal com este Tratado, consistiram na gloria de cazar a sua Princeza com hum Rei d'Inglaterra, mostra bem quaõ pouco sabia da Historia Portugueza pois ignora o susto que cauzou no Reino, a entrada do Exercito de D. Joaõ d'Austria em Alcacer do Sal, e o reboliço que produzio em Lisboa a linha, que no Terreiro do Paço traçou o Secretario d'Estado Antonio de Souza de Macedo; naõ sendo possivel acalmar a geral perturbaçaõ ate que desembarcaram em Lisboa 2 ou 3 mil homens mandados por Carlos II. Este socorro foi o verdadeiro fim do presente Tratado.

Se o A. procedesse com boa fé, e como leal Portuguez, nem devgia desconhecer este serviço que nos fez a Inglaterra, nem deixar de lamentar que estivessemos na triste situaçaõ de mendigar hum taõ pequeno soccorro estrangeiro, tendo deixado passar hum lapso de 20 annos (16 do Reinado do Snr. D. Joaõ IV, e 4 da Regencia da Rainha a Senhora D. Luiza) sem ter disciplinado o Exercito Portuguez; o que, segundo a brilhante prova, ha pouco dada, nos teria feito bem escusados naquelle tempo os 2 mil estrangeiros; pois de qualquer parte do Reino se podia mandar vir naõ so dois, mas 4 mil nacionaes. Mas, perguntar-me-haõ, em que consistia huma taõ grande differença entre as Tropas Inglezas e Portuguezas? Respondo que as primeiras vinham bem disciplinadas, e as nossas ainda o naõ estavam; e he por isso que os Inglezes nos seus livros se attribuiram grande parte da victoria do Ameixial; e outro tanto fizeram



os Authores Allemaens, em razão de hum Regimento de Cavallaria Alemam, formado pelo Conde de Shoemberg, e que se achou nesta batalha\*.

E que diria o A. se estivesse sinceramente penetrado do zelo que affecta pelo bem da sua patria, se reflectisse que este mesmo caso aconteceu exactamente dalli a 100 annos em 1762, depois de 12 de Ministerio do Grande Marquez de Pombal! Conta, nas suas Memorias, o Conde de Lippe, que toda a Tropa, com que teve que resistir á 60 mil, entre Francezes e Hespanhoes, que invadiraõ o Reino consistia em 14 mil Soldados Portuguezes ainda bisonhos; e 3 a 4 mil Inglezes recém chegados. Eu perguntaria ao Author se pode negar que este auxilio, pequeno como era, foi decisivo para a salvação do Reino; e se o foi perguntaria ainda, se a sua importancia não dependeu inteiramente da falta de exercito Portuguez; pois 18 mil homens, he huma força muito inferior a que o Reino poderia ter, se houvesse o cuidado de forma-la e disciplina-la á tempo.

Mas observar-se ha, com magoa, que por huma especie de fatalidade, sempre em Portugal prevaleceu o costume, de não cuidar no exercito em tempo de paz; quando vem o perigo achar-se sem officiaes nem soldados, e ser obrigado a mandar vir soldados, officiaes, e Generaes estrangeiros; e quando estes graças as incomparaveis qualidades militares dos Portuguezes, tem creado repentinamente hum exercito brilhante, deixa-lo assim que vem a paz, para ter que descrever de novo o mesmo circulo vicioso.

Pelos poucos exemplos que tenho apontado se mostra que a Inglaterra nos tem prestado auxilios com que em diversos occasioens nos tem salvado, o que argue o A. da ma fé com que affirma o contrario. E da pequenez do soccorro que foi bastante para salvar-nos da ultima ruina, não se deve arguir contra ella, mas contra o desmazello, com que sempre tratamos as nossas coisas Politicas e Militares, que nos puzeram na indispensavel necessidade de semilhançes soccorros.

A importancia do auxilio dado na guerra da Peninsula, que acaba de terminar, tão gloriosamente, parece ser huma objecção ao que acima digo, pois hum soccorro de 30 a 40 mil homens, dois milhoens de subsidio annual, a Portugal e outro tanto á Hespanha e mais de 60 milhoens esterlinos que a Guerra da Peninsula custou não se podem chamar hum soccorro insignificante; porem a resposta á esta objec-

\* Veja-se Account of Portugal under Peter II., e Memoires du Comte de Shoemberg, traduits par le General Dumourier.

ção, terá melhor lugar no fim da seguinte exposição historica e summaria, que eu substituo á erronea, superficial, e mal dirigida, exposição do Author.

### EXPOSICÃO HISTORICA.

Não merece muito seria consideração o que o A. diz de Bombaim, do Governador A. de M. Castro, e do Marquez de Sande, porque a justiça pediria que se ouvissem ambas as partes, e toda a pessoa hum pouco versada na Historia sabe que accusações e recriminações deste genero tiveram sempre lugar entre todas as Nações que tiveram entre si transacções similhantes. Não se conhece na Europa ajuntamento algum onde se possa fallar com tanta liberdade e independencia, como são as duas Cameras do Parlamento Inglez; mas por ventura estaria o A. disposto á dar inteiro credito a quanto alli se diz do comportamento das Nações Estrangeiras? Com quanta desconfiança pois se deve lér, e comparar, o que se achá em memorias manuscriptas de huma Nação, com as memorias e relações de outra!

Durante a guerra de successão, isto he, de 1703 ate 1712 foram constantemente calumniadas as Tropas Portuguezas no Parlamento Britanico, porque não havia quem lhe respondesse; nem os Portuguezes se occupavam então com objectos que lhe diziam respeito, fora da sua patria. O contrario succedeu nesta guerra. Devem agora os leitores acreditar as asserções contradictorias, ou indagar a razão da differença? Ponha-mos pois de parte informações taes: os seguintes factos são independentes dellas por isso que são notorios

No anno de 1668 concorreram os Inglezes, como diz o Author, para que os Hespanhões fizessem a paz com nosco; assim como os Francezes trabalharaõ para que não a fizessemos; e cada huma das duas Nações fazia o jogo que lhe convinha. A França desejava que continuasse a diversão da nossa guerra, para que a Hespanha não podesse dar Soccorro aos Paizes Baixos; a Inglaterra desejava o contrario. Qual foi o fim desta luta, abaixo direi; mas entretanto observo que o A. do compendio, sempre fiel ao seu systema de má fé não só deixa de dizer, que a França nesse momento queria impedir a nossa paz; mas a fim de fazer odiosa a Inglaterra, vai somente lembrar se que a França 3 annos antes offerecêra a sua mediação para esta paz com a Hespanha: aqual ainda que tivesse sido feita naquelle tempo não impediria



Luis XIV. de negociar e conseguir, como conseguiu, em 31 de Março, 1667, ainda com El Rey D. Affonso VI, o ajuste d'hum Alliança offensiva, e deffensiva, contra a Hespanha; porque assim lhe convinha, pela razão ja dita.

E porque motivo falhou Luis XIV. tendo em seu favor hum Tratado formal, a circumstancia de ser a nossa Rainha Franceza, e a opiniaõ do Conde de Schoemberg que com todo o Exercito Portuguez desejavam a continuacão da guerra, certos de novos triunfos, porque o Exercito Hespanhol estava anniquilado, e a Hespanha amedrontada com as grandes derrotas que tinha soffrido? Ao Autor do Compendio não convinha dizer o motivo mas eu o direi: He porque as Cortes tumultuarias que acabavam de consolidar a triste deposicão do Senhor D. Afonso VI. estavam ainda juntas. Com estas intrigaram, tanto o Embaixador d'Inglaterra, como o Hespanhol Marquez de Liche, que estava prezo no Castello de Lisboa; e a perturbaçã da Corte como a intriga dos Fidalgos depois da retirada do Conde de Castello Melhor, eram taes, que El Rey D. Pedro não se atreveu a resistir ao voto das Cortes que insistiam em que elle rompesse o Tratado feito com Luis XIV. e fizesse a paz: esta foi feita, com tanto desacordo, que pedindo-a os Hespanhoes, como pelo amor de Deus, nem nos restituiram Ceuta que era nossa, e o nosso primeiro triumpho em Africa, nem foram obrigados á dar-nos hum equivalente.

Mal poderá a Naçã Portugueza queixar-se da Ingleza a respeito desta transacção, quando ella, taõ decididamente, fez seu este erro; e entre todos os que se contam na Politica Portugueza, este não he certamente o menor. As suas consequencias immediatas foram despedirem-se as Tropas Estrangeiras, licenciar-se o Exercito de Linha, ficando, unicamente, os Auxiliares, sem disciplina alguma; de sorte que 35 annos depois, isto he, em 1703 quando rompeu a guerra da successão de Hespanha ja não havia sombras do formoso Exercito, creado pelo Conde de Schoemberg.

Esta guerra de successão foi certamente taõ mal feita pelo General Inglez Galway, como pelo General Portuguez Marquez das Minas. São muitas as razoens que se poderiam assignar para explicar o exito que ella teve; mas pelo que respeita á Portugal, bastará ler as memorias do Duque de Berwick, onde se verá claramente que hum tal circumstancia foi causada pelos dois partidos que alli havia, Inglez e Francez; que procuravam arruinar hum a outro, exactamente do mesmo modo que observamos em Lisboa, ainda não ha muito tempo.

Na paz de Utrecht, de certo nos abandonou a Inglaterra, assim como abandonou todos os demais Alliados. Porém a



Inglaterra não foi a Arbitra daquella paz; e todos sabem que depois da desgraça de Marlborough entrou hum novo Ministerio, que se combinou com a França, e ambos sacrificaram todos os outros Alliados, excepto o Duque de Saboya; mas quem nos diz que a habilidade com que Victorio Amadeu fez a guerra na Italia, e o modo desastrado com que nos a fizemos na Hespanha, não influram nas deliberaçoens da Rainha Anna. As muito interessantes memorias manuscritas, que existem, de alguns Portuguezes daquelle tempo, concordam com os Authores Estrangeiros para dar-nos huma lamentavel pintura da nossa administração interna, por aquella epoca.

O successo de Pedro Alvares Cabral em Madrid, e a chegada do Almirante Norris á Lisboa em 1735, mal se pode dizer que interromperam os 48 annos de huma podre paz, que se seguiu a de Utrecht. Do que se passou no Reinado do Snr. Rei D. João V., somente o Author da Historia Genealogica da Caza Real, poderá fazer o devido elogio. Os acontecimentos de 1762 e 1763 estão ainda frescos na memoria; e aqui respondo eu á objecção que acima puz, dizendo, que se no espaço de 9 annos que decorreram desde 1792 ate 1801, se tivesse dado execução ao plano apresentado, e tantas vezes discutido e approvedo, de hum exercito de 76 mil homens, segundo o methodo Allemaõ; quer dizer, licencionando se parte delle revezadamente. para não prejudicar á Agricultura, não teria tido lugar a vergonhosa campanha de 1801, teriamos obviado a catastrophe de 1807 e poupando á Inglaterra a enorme somma de mais de 60 milhoens esterlinos, que lhe custou a guerra da Peninsula, poupariamos á nos-mesmos os immensos auxilios que della recebemos para salvar a nossa independencia; e cuja divida não he agora huma pequena cruz para os nossos hombros.

Aqui termina esta Analyse, porque o mais que se segue no compendio, sobre os Tratados de 1801 e 1807, he acrescentado por hum Addicionador, e a este pouco ou nada responderei, julgando-me dispensado, *ipso facto*, de cançar me em argumentar com hum homem que pode combinar duas ideas tão contradictorias como são huma Nação independente e tributaria; visto que elle se lastima tanto de se ter faltado á França, com o tributo que lhe promettemos dar pelo Tratado de 1797. *Risum teneatis amici?*

E quanto ao Mappa como elle lhe chama, ou antes rol, como eu lhe chamaria, dos géneros da nossa exportação, sobre que elle julga que a Inglaterra tem posto, injustamente, direitos mui fortes ou quasi prohibitivos; a escolha he tão singular, e a queixa tão absurda, que eu não me foi possível

dar me razão della, em quanto não descobri que este additamento he traduzido de algum manuscripto Francez, sem maior reflexão; pois he a primeira vez que alguém teve a lembrança, de dizer em Portuoz, *uvas Secas*, em lugar de passas. *Les Raisins Secs*, foram o pé de cabra que descobriu o demonio que hia fugindo, como se conta nas historias da Carochinha. Huma vez descoberta a patria do A, he facil de entender o grande cuidado que lhe deram os direitos, que os Inglezes puzeram sobre as Aguas ardentes e Vinagres, que os Francezes em todo o tempo importaram á Inglaterra em grande quantidade; mas que os nossos Portuguezes desgraçadamente, ou nunca o fizeram ou ha mais de 60 annos que o não fazem. Os Vinagres nunca foram exportados para o Estrangeiro, pela sua má qualidade, e muita inferioridade aos de França, de sorte que haveria 10 annos ou mais que os embarços da guerra fizeram nascer a idea em alguns negociantes Inglezes que traficam neste genero de mandar instrucçoens para Portugal a ver se la podiam fabricar Vinagres de melhor qualidade que suprissem os de França. A queixa a respeito das aguas ardentes he ainda mais risivel, porque Vinagres, bons ou máos, tinhamos nós para nosso consumo; e como não somos muito delicados nunca fizemos caso do que deziam constantemente os Estrangeiros, isto he: que os Portuguezes tinham muito máo vinagre, e muito máo azeite podendo ter hum e outro muito bons.

A queixa á respeito das aguas ardentes (torno a dizer) he ainda mais risivel porque da creação da Companhia do Porto, data o conhecimento do lamentavel factó, que não distillavamos aguas ardentes bastantes, para beneficiar os vinhos que se exportavam para a Inglaterra; importando-as actualmente da França e da Hespanha; e tendo havido annos de se importarem 3 mil Pipas de Agua ardente de fora, para beneficiar os vinhos do Porto. Ninguem ignora que para animar a producção deste genero, imaginou o Marquez de Pombal de dar á Comdanhia do Porto o privilegio exclusivo de destillar aguas ardentes—Este expediente teve o effeito que devia ter; isto he, que tem havido annos em que a Companhia não destillou mais de 90 Pipas.

A falta de sinceridade, que o chamado A. Portuguez mostra, nestes dois artigos, tira toda a vontade de entrar no muido exame dos outros artigos; e contento-me de lhe tapar a boca, fazendo-lhe reflectir que, se a Inglaterra fez quantas regulaçoens pôde, para augmentar o consumo dos seus proprios generos, e diminuir os dos Estrangeiros; fez exactamente o que devia; e nos he que não fizemos o nosso



dever, porque não cuidáramos em augmentar a quantidade e melhorar a qualidade dos nossos generos; antes adoptámos todos os regulamentos mais proprios para acabrunhar a Industria Nacional; do que não quero maior exemplo do que o mesmo sal a respeito do qual o Author se queixa, que os Inglezes procurassem tanto favorecer o consumo do seu, e deprimir o do nosso. E que fizemos nós entretanto com este nosso genero? Puzemos-lhe fortes direitos de sahida; sobre os quaes concedemos algum favor aos Estrangeiros, que o viessem buscar em seus proprios Navios: E para mais desanimar a nossa propria Navegação, e extracção de Sal, estabelecemos hum contracto ou monopolio delle para o Brazil; o qual á troco da pequena pítança de 48 contos para o Erario, reduzio a bem pouca coiza o consumo no Brazil; para o qual não Sobejaria todo o Sal que produzissem as marinhas de Portugal, das Ilhas de Cabo Verde, Cabo Frio, &c.—Tem pois muito pouca graça hum Portuguez que tendo estado a dormir com a sua Nação por espaço de 150 annos, acorda agora, e sequeixa de outra nação, que tem estado todo aquelle tempo com os olhos abertos. Não he inveja que nos falta, mas suis actividade e industria: e sobre esta falta, se não he licito rir com Democrito, he obrigação chorar como Heraclito.

Resumindo pois o que fica dito, e referindo os meus Leitores a Analyse dos Tratados, promettida para o mez que vem, tenho provado, que o Author do Compendio Chronologico, ou ignorava inteiramente a Historia Moderna, ou de proposito a falseou, desfigurando os factos e invertendo a sua ordem natural. Tenho provado, que os sentimentos que elle manifesta, a virulencia das suas invectivas contra a Inglaterra, a epoca em que fabricou o seu papel, e a pessoa do Duque aquem o apresentou, tudo denuncia que elle era hum daquelles que nos queriam identificar com a França. E tenho em fim provado, que não he tanto na influencia estranha, como na propria incuria nossa, ou *espantosa desprevidencia*, segundo a expressão de D. João de Castro, que devemos buscar a cauza daquelle fatal abatimento, em que, ha muito tempo começamos a cahir; tendo chegado a nossa decadencia a huma tal crise, que deixando-nos pacificamente subjugar por hum exercito bem insignificante de 25 mil Francezes, ainda hoje talvez que genessemos debaixo do seu jugo oppressivo, se a Inglaterra não nos soccorresse, e ministrasse aquellas armas, com que os nossos valorosos soldados effectuaram a grande obra da nossa restauração; adquirindo hum nome immortal nos fastos da Historia.



Esta só consideração, prescindindo de outras muitas, deveria impôr silencio aos insensatos grasnadores, que supprindo com a audacia a fraqueza dos seus argumentos, querem fazer odiosos, sem excepção alguma, todos os procedimentos da Inglaterra; e procuram imprimir no animo generoso dos Portuguezes, os baixos sentimentos da inveja e da ingratitude.

As leis que devem regular, no estado social, as acçoens moraes de homem á homem, não são strictamente as mesmas, á respeito das relações politicas de huma Nação com outra. Nenhuma está obrigada, por pontos de honra, a ser tão escrupulosa, que sacrifique os seus interesses politicos, deixando de aproveitar-se dos erros, e da fraqueza de outra Nação menos forte e instruida; e Portugal, desgraçadamente, existirá neste predicamento, á respeito de outras muitas Naçoens, em quanto a *cobiça e o egoismo*, resistindo mesmo á Soberana Vontade de hum Principe Sabio e Generoso, lhe fomentarem no seio todos vicios, e instituçoens, que impedem a sua gloria nacional, e publica prosperidade.

N. B. Por não haver tempo, não ajunto aqui alguns Documentos que confirmaõ o que levo dito; mas apparecerão com a Analyse dos Tratados.

---

Temos em nosso poder o primeiro volume de huma obra impressa em Lisboa com o titulo seguinte:—Variedades sobre objectos relativos ás Artes, Commercio, e Manufacturas, consideradas segundo os principios da Economia Politica.—Por Joze Accursio das Neves.

Devemos confessar, que nos tem parecido mui util, e assás interessante esta Obra, particularmente por vermos que he escripta segunda os bons e unicos principios da Economia Politica, e que o Author se desviou de todas essas antigas ideas, que athe agora bem infelismemente tem dominado entre nós. O author he por consequencia digno de louvor pelo trabalho que toma em instruir a sua nação, que só por este caminho, isto he por via da Imprensa, he que pode adquirir as luzes que lhe faltaõ para a sua interna e externa prosperidade.—Quando para isso tivermos tempo e occasião, daremos mais extensamente a conhecer a importancia deste Escripto; assim como daremos taõbem alguns Extractos das seguintes publicações que recebemos de Paris.

De l'interet de la France à l'égard de la traité des Negres, par J. C. L. Simonde de Simondi.

Lettre au Prince de Talleyrand Perigord, au sujet de la traité des Negres, par Mr. Wilberforce.

Memoire sur l'esclavage Colonial, par Mr. l'Abbé Dillon.

Considerations importantes sur l'Abolition general de la traité des Negres, adressées aux Negociateurs des Puissances Continentales, qui doivent assister au Congres de Vienne,—par un Portugais.

Description abrégée de la Guiane Française, par Mr. le Bland. Aperçu des Etats Unis au Commencement du XIX. siècle depuis 1800 jusqu'en 1810, par Mr. le Ch. Felix de Beaujour.

Extraits du Moniteur—Discours prononcé par Monsieur, frere du Roi en Assemblée Generale, 1789.

Denonciation au Roi des Actes et Procedés, par lesquels les Ministres de S. M. ont violé la Constitution, par Mr. Mehée de la Touche.

Memoire adressé au Roi en Juillet 1814, par Mr. Carnot.

N. B. A cerca desta ultima Memoria de Mr. Carnot, podem os nossos leitores ver as Observaçoens de Mr. Salgues, que publicámos no seguinte Appendice ao Artigo—Politica.—

## APPENDICE II.

---

### AO ARTIGO—POLITICA.

#### PROVINCIAS BELGICAS.

*Bruxellas, 15 de Outubro, 1814.*

Sua Alteza Real havendo tomado em consideração as numerosas petições que lhe tem feito os negociantes e proprietarios de navios das principaes cidades Comerciaes da Belgica, para que se estabeleça hum direito de tonelada sobre todos os navios que entraõ ou sahem dos portos; e dezejando dar ao Comercio da Belgica toda a protecção de que elle necessita, tem decretado no dia 29 de Setembro:—Que todos os navios de qualquer nação ou bandeira que sejaõ, pagarão por cada vez que entrarem em qualquer porto da Belgica hum direito de quatro francos e dês centimes por tonelada, segundo a sua respectiva grandeza: porem que os navios pertencentes á qualquer proprietario de Hollanda ou da Belgica, e que naveguem com bandeira Hollandeza, pagarão ao entrar em hum porto da Belgica somente o direito de hum franco e cincoenta centimes por tonelada, e ao sabir hum direito de setenta e cinco centimes por tonelada. Os navios, de qualquer natureza que sejaõ, com tanto que exclusivamente se empreguem nas pescarias nacionaes da Hollanda ou da Belgica, não pagarão nenhuns direitos nem quando sabirem, nem quando entrarem no porto, carregados com o producto das suas pescarias.



## VIENNA.

As noticias desta Capital de 5 de Outubro mencionão huma mui notavel e interessante particularidade:—

“ Temos notado que o Principe de Talleyrand Perigord foi recebido com muita distincção pelos dois Emperadores, e por El Rey de Prussia. Dis-se que o Principe deve entregar na abertura do Congresso huma nota da mais alta importancia.”

O *Times* de 21 de Outubro, fazendo menção desta circumstancia, esereve o que se segue:—“No artigo Vienna, este mesmo Jornal nos informa, (*Journal de Paris*) que o Principe Talleyrand apprezentou, ou estava para appresentar, huma importante nota ao Congresso. Assim não duvidamos que por este modo nos queira insinuar, porque as noticias particulares de Paris mencionão isto mesmo, que a sobredita nota se derige a convencer as Potencias Continentaes da necessidade de adoptarem alguns principios hostis contra a nova preponderancia maritima, com o pretexto de estabelecer alguns melhoramentos na Lei das Naçoens,—isto he, algum Codigo maritimo mais suave á respeito do Comercio *des Neutros*.”

## NOTICIAS RELATIVAS AO CONGRESSO.

Hamburgo, 14 de Outubro.

Por noticias de Vienna do dia 7 refere-se que as negociaçoens não correm tão de pressa como se imaginava. Talleyrand, da parte da França propoz que Portugal e a Suecia tivessem parte em as negociaçoens, por isto que estavaõ incluídos em o Tratado de Paris. Taõbem se diz ter posto objecçoens contra os projectos das outras naçoens sobre a Polonia e Saxo-

nia, porque a França não quer perder a sua influencia em aquelles paizes, e não leva a bem que muito se queirão engrandecer.—A Secretaria de Talleyrand he huma daquellas em que mais se trabalha em Vienna.”

### WASHINGTON.

16 de Setembro, 1814.

### ORBEM DO DIA.

*Quartel General, Plattsburgh, 14 de Setembro, 1814.*

O Governador General do Canada, e Commandante em Chefe das Forças Britanicas na America do Norte, havendo invadido os territorios dos Estados Unidos, trouxe comsigo hum poderoso exercito e flotilha, com o intuito de conquistar o paiz ate Crown Point e Ticonderoga, e invernar ahi com as suas tropas com vistas de ultieiros conquistas. Com hum exercito que montavá á 14,000 homens, todos completamente abastecidos, e accompanhados de hum numerozo trem de artilheria, e todos os instrumentos de guerra,—soldados que haviaõ conquistado em França, Hespanha, Portugal, Indias, e outras partes do globo, e capitaneados pelos mais assignalados Generaes do exercito Britanico; e com huma flotilha tambem superior á nossa em vasos, homens, e peças, o inimigo determinou destruir-nos de hum golpe tanto por agoa como por terra.

O Governador General depois de blazonar do quanto executaria, e havendo tentado dissuadir da sua fidelidade os leaes habitantes dos Estados Unidos, ja por meio de ameaças ou promessas, como mostraõ as suas proclamação e ordem; collocou o seo Quartel General na aldea de Champlain, a fim de organizar o seo exercito, e dispor o governo da sua projectada conquista. No segundo dia do mez elle marchou de

Champlain, e a 5 appareceo com todo o seo exercito defronte de Plattsburgh á 11, o dia aprazado para o ataque geral, chegou a flotilha.

A flotilha do inimigo ás oito da manham passou *Cumberland Head*, ás nove atacou a nossa que estava ancorada, com toda a certeza de que em hum instante destruiria toda a nossa força naval; porem o bravo Commodore Macdonough em o curto espaço de duas horas, obrigou os navios grandes a arriar as suas bandeiras, e pôz as gallés em fugida. Esta glorioza facção esteve bem á vista de varios fortes, e as tropas Americanas tiveraõ a satisfação de prezenciar a victoria. O exercito Britanico estava de tal forma postado nas alturas circunvizinhas, que havia de necessidade observar a interessante contenda sobre o dominio do Lago. Na mesma hora em que se travaraõ as flotilhas, o inimigo principiou a fazer fogo das suas baterias contra os nossos fortes, atirando centos de bombas, balas, &c. e ao mesmo tempo tentou atravessar o Saranac em tres differentes pontos a fim de assaltar as fortificaçoens. No forte superior o inimigo foi opposto pela milicia e voluntarios, e depois de reiterados ataques foi rechaçado com grande perda em mortos, feridos, e prizioneiros. Na ponte proxima á aldea elle foi repellido pelos piquetes, e bravos caçadores commandados pelo Capitaõ Governor e os Tenentes Hamilton e Riley; e na ponte dentro da villa foi destruçado pelas guardas, castellos e artilheria dos fortes. Nós tambem fizemos fogo das nossas baterias com tal effeito, que ao pôr do sol tivemos a satisfação de fazer calar sete baterias que elle plantara; e de ver a sua coluna retirar-se para o seo campo fora do alcance das nossas peças.

Assim batido o inimigo em ambas as partes, o Governador General fez retirar a sua artilheria, e levantou o cerco. As nove horas da noite expedio a sua bagagem pezada e com o amparo da noite se retirou com todo o seo exercito para Canada, deixando os seus feridos no campo, e huma vasta quantidade de pão, farinha, e carne, que elle não teve tempo para destruir, alem de huma grande porção de bombas, balas, pederneiras, e muniçoens de toda a especie. Logo que se descobrio a sua retirada, as tropas ligeiras,



voluntarios, e milicia tiveraõ ordens de hir em seo seguimento, e o perseguiraõ ate Chazy, aprizionando varios dragoens, e soldados, e tomando na fugida centos de desertores, que mesmo ate agora continuaõ a chegar. Huma violenta tempestade, e excessiva chuva impediraõ que os bravos voluntarios e milicia continuassem em seo alcance.

Assim foraõ os esforços do invasor frustrados unicamente por huma força de mil e quinhentos homens de tropa de linha; hum bravo e activo corpo de milicia do Estado da Nova York, commandado pelo General Mooers; e os voluntarios dos respeitaveis e patrioticos cidadãos de Vermont, capitaneados pelo General Strong, e outros Senhores de distincção; naõ excedendo tudo á 2,500 homens.

Visto que as tropas Britannicas estaõ ou expellidas ou aprizionadas, os serviços dos voluntarios, e milicia podem ser dispensados.

O General Macombe com tudo naõ pode deixar partir a milicia de Nova York e os voluntarios de Vermont, sem lhes declarar o alto conceito que faz dos seus merecimentos. O zelo, com que elles sahiraõ a campo para defender a patria, quando o General deo o signal de perigo, faz summa honra ao seo patriotismo, e coragem: a sua conducta no campo da batalha correspondeo aos louvaveis motivos que os fez pegar em armas. Elles se tem feito merecedores da estima dos seus concidadãos, e alta approvaçaõ dos seus commandantes. Elles haõ mostrado quam rapidamente os cidadãos Americanos se podem preparar para resistir aos inimigos do seo paiz.

O General ao mesmo tempo que manifesta a idea, que concebe do merecimento das tropas, naõ póde deixar de lamentar a perda de alguns bravos e virtuosos cidadãos, e tambem aquelles que fóraõ feridos. A perda sem duvida sera agudamente sentida pelos seus amigos e compatriotas; porem he de esperar que ella sera supportada com aquella firmeza, e resignação que caracterizaõ o verdadeiro Christaõ, e o bom cidadão. O affecto do General acompanhará os seus companheiros d'armas para onde quer que elles vaõ; e nada lhe dará tanto prazer como a oportunidade de lhes mostrar individualmente tanto por acçoens como

por palavras a alta estima, que delles faz. O General em nome dos Estados Unidos, agradece aos voluntarios e á Milicia os seus distinctos serviços, e deseja que se recolhaõ felizmente ao seio das suas familias, e amigos.

(Assignado) ALEXANDRE MACOMBE.

### VIENNA.

19 de Outubro, 1814.

Falla-se muito aqui do Memorial, que o Principe Talleyrand apresentou no dia 4 do corrente, por ordem do seo governo, aos Ministros Plenipotenciarios das outras grandes Potencias. Assevera-se que o Ministro, no seo Memorial, protesta formalmente contra qualquer engrandecimento, á que as differentes potencias da primeira ou segunda ordem hajaõ de ter pertençaens. O seo contheudo se diz ser em suma o seguinte :—Que a França, para não pôr obstaculos á huma paz desejada por todas as naçoens, consentira, que as suas fronteiras ficassem reduzidas ao que eraõ pouco mais ao menos no anno de 1792 : em consequencia disto era justo, que taõbem as outras Potencias adoptassem a mesma base, e não passassem os limites que tinhaõ em 1792 ; sem o que a França se acharia em contacto com mui poderosos vesinhos, e assim o equilibrio seria violado, e se fomentariaõ crimes. O Ministro, com tudo acrescentava, que se apezar da justiça destas observaçoens as Potencias presistiaõ no seo sistema de engrandecimento, e queriaõ estender as suas fronteiras alem dos limites de 1792, a França não se opporia á isso hostilmente para não perturbar a paz da Europa, porem que nunca reconheceria taes mudanças ; e que declarava, que o *Status* de 1792 era o unico que lhe parecia justo e regular. O Principe Talleyrand manifestou igualmente



o deseje de não entrar em discussões verbaes sobre este assumpto, mas que tudo se tratasse por escripto.

Affirma-se, que esta Nota, muito bem feita, produzira hum notavel effeito, e que muitos dos mais instruidos Diplomaticos concordão em que os principios nella desenvolvidos são conformes á justiça e ao bom espirito que agora derigem os Soberanos.

Hum dos pontos mais importantes, que parecem occupar os Plenipotenciarios das Grandes Potencias, he o estabelecimento de certos principios geraes de lei das naçoens, que devem ser adoptados e reconhecidos por todos os Estados da grande Familia Europea. Passa por certo, que os principios da França e da Russia são mui analogos á cerca dos mais delicados objectos.

Por noticias de 13, taõbem se tinha espalhado, que o Principe Talleyrand se interessava muito pela restauração de El Rey de Saxonia, e que este mesmo interesse tomavaõ alguns dos outros Alliados.

### NORWEGA.

Em alguns artigos addicionaes á Convenção de Moss de 14 de Agosto de 1814, o Principe Christiano prometteo que deporiam sem reserva toda a sua auctoridade nas mãos da Nação, e que deixaria a Norwega, ainda mesmo quando a Dieta exigisse a sua assistencia por mais tempo. Em virtude destes ajustes fez pois a seguinte Declaração, que mandou á El Rey de Suecia.

#### DECLARAÇÃO.

“ Eu declaro, e solemnemente prometteo, de entregar o Poder executivo nas mãos da Nação sem nenhuma reserva. Esta mesma Declaração será renovada por mim quando se ajuntar a Dieta; e entãõ eu me ausentarei da Norwega, ainda quando



a Dieta requeira a minha assistencia por mais tempo.”

(Assignado) Christiano Frederico.

A Sua Magestade El Rey de Suecia.

O Principe da Coroa da Suecia fez taõben huma Declaraçaõ importante, em nome de El Rey, concedida nos tres artigos seguintes :

Declaraçaõ do Principe da Coroa.

“ Nós, Carlos Joaõ, Principe da Coroa da Suecia e Norwega, em virtude dos plenos poderes que nos foraõ dados por Sua Magestade El Rey de Suecia e Norwega, declarãmos :—

I. Que nós em nome de Sua Magestade El Rey de Suecia e Norwega aceitamos a Constituiçaõ decretada em Eidswold ; e que nenhuma mudanças se faraõ nella senã as que forem absolutamente necessarias.

II. Que Sua Magestade El Rey de Suecia concede huma inteira e plena amnistia sem distincçaõ de qualidades nem pessoas.

III. Que todos os Norweganos, e as auctoridades militares e civis, seraõ igualmente tratadas com o respeito e estimaçaõ devida.”

CARLOS JOAÕ.

Quartel General de Frederickstadt,  
10 de Agosto, 1814.

Por noticias de Gottenburgho de 18 de Outubro dizia-se, que ja constava officialmente de que o Principe Christiano havia resignado o poder nas maõs da Dieta, e que depois tinha partido para Lauwig, aonde se devia embarcar em huma embarcaçaõ Dinamarqueza, que alli o estava esperando,

## PROVIDENCIAS MARITIMAS.

*Bruxellas, 12 de Outubro, 1814.*

O Decreto, em virtude do qual se abrião os tres ancoradoiros (docks) mandados fazer em Antuerpia pelo Governo Frances, determina ; que estes ancoradoiros estaraõ abertos aos navios de todas as naçõens, pagando os seguintes direitos:—Navios de 50 athe 100 toneladas pagaraõ 25 centimes por tonelada : de 100 athe 200, 56 centimes por tonelada : e á cima de 250; 75 cent. por tonel.

Pagando estes direitos, todos os sobreditos navios de qualquer porte que sejaõ, poderaõ conservar-se tres mezes successivos dentro dos taes ancoradoiros ; e se excederem este prazo de tempo, pagaraõ por semana huma quarta parte mais das somas mencionadas. Os navios Hollandezes, e Belgicos com bandeira Hollandeza, pagaraõ só a metade dos ja declarados direitos. Os navios ábaixo de 50 toneladas, e os que exclusivamente se empregarem nas pescarias, ficaõ de todo exemptos destes direitos.

## NORUEGA.

Com effeito no dia 8 de Outubro os Deputados de todos os districtos da Noruega se ajuntaraõ em Christiana, e constituirãõ a Dieta. O acto de abdicacão do Principe Christiano foi entregue por escrito por Sua Alteza Real á huma Deputacão da Dieta, que lhe foi enviada para esse fim. Immediatamente depois elle partio da Noruega em hum brigue de guerra. No dia 13 os Commissarios Suecos apresentaraõ a nova Constituicão á Dieta, a qual diz-se, a recebera favoravelmente.

## GENERAL ESPOZ E MINA.

As Cartas de Paris dizem que sendo o General Mina e alguns officiaes que accompanhavaõ prezos em Paris pelo Commissario da Policia á requerimento do Ministro Hespanhol, Conde de Casa Flores; logo que este facto chegou aos ouvidos do Ministro dos Negocios Estrangeiros, este ordenou que se prendesse o Commissario da Policia, por haver violado as leis da França, obedecendo as ordens de hum estrangeiro que nenhuma jurisdicção tinha naquelle paiz. Quando El Rei foi informado do que havia occorrido, respondeu sem hesitação: “Sejaõ esses Senhores postos em liberdade; as leis da França lhes daõ hospitalidade; e mando que o Commissario seja ja demittido do seo emprego.”

Pelas mesmas cartas consta que em virtude deste acontecimento o Ministro Hespanhol recebeu ordens do Rei para deixar o territorio Francez.

---

As noticias mais interessantes de França, publicadas nas gazetas Inglezas de 31 de Outubro saõ: que no dia 21 se publicou e promulgou finalmente a lei da Imprensa com as emendas e modificaçoens, que ja mencionámos. O Conde de Blacas propoz na Sessão da Camera dos Deputados do dia 25 huma lei, relativa á lista civil e rendimentos da Coroa, concedida em tres Titulos com 25 artigos, da qual faremos mais extensa menção em o No. seguinte.

No dia 26 de Outubro a Duqueza de Orleans pario hum filho, que tomou logo o titulo de Duque de Nemours. Este successo he mui grato á todos os bons Francezes, por que neste novo Principe considera hum possivel herdeiro da Coroa de França.



## Artigo do Times, de 31 de Outubro.

Este Jornalista fallando da Commissão preparatoria do Congresso, que ja deixamos publicada, acrescenta as particularidades seguintes, que mui gostosamente vamos referir.

“Esta commissão preparatoria, diz elle, foi hum objecto de discução entre os Ministros das principaes Potencias. Primeiramente se havia convencionado, que fosse composta de poucos Membros, e que para evitar a offensa dos Ministros excluidos nella só entrassem os Ministros das mais consideraveis Potencias, como Russia, Inglaterra, Austria, Prussia, Hespanha e França.

“Este plano estava quase adoptado, e a sua execucao devia ter lugar no dia 30 de Setembro, em huma Assembleia dos Ministros das seis Potencias, e havia de ser promulgado por meio de huma Declaração no primeiro de Outubro. Todavia, o projecto não foi a vante pelas instancias do *Ministro Portuguez*, que fortemente mostrou a justiça das suas razoes, e conseguiu que se tomasse por baze da Commissão o principio do artigo 32 do Tratado de Paris: por outras palavras, que havendo o Tratado annunciado a Convocação do Congresso, os Ministros das Cortes que o haviaõ assignado, tinhaõ por consequencia direito de ser Membros da Commissão. Este principio, alem de ser justo, tinha igualmente a vantagem de excluir os outros Ministros sem que elles se podessem offender. O resultado foi a final, que os nomes dos Ministros *Portuguez* e Sueco se acrescentaraõ ao primeiro projecto, e que todos estes Ministros, á cima mencionados, saõ os que agora formaõ a Commissão, de cujas decisoes dependem as bazas do Congresso.”

## ILHA DA MADEIRA.

A terceira noticia importante, que temos para communicar aos nossos leitores, depois das duas que ja demos no artigo Inglaterra á pag. 106, e 107, he que as Tropas Inglezas, que deviaõ ficar na Madeira athe á conclusãõ da Paz Geral, em consequencia evacuaõ aquella Ilha no dia 3 de Outubro de 1814.

---

Na Gazeta da Corte se acha declarada officialmente a nomeaçãõ do Right Honorable George Canning para Embaixador Extraordinario, e Plenipotenciario junto á Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor ; e de Mr. Cassamajor para Secretario de Embaixada.

---

## V A R I E D A D E S .

---

### FRANÇA.

#### Manufacturas de Algodao.

#### EXTRACTO

Do Relatorio de Mr. Emerie David, em nome da Commissão das Petições, á cerca das Manufacturas de algodão.

Os negociantes e manufacturadores das differentes cidades, assustados com os vagos, e certamente mal fundados, rumores de hum Tratado de Commercio, relativo á importaçãõ das fazendas Inglezas de algo-

daõ, tem feito petiçoens contra hum semilhante Tratado, que de certo arruinaria todos os seos estabelecimentos, assim como a existencia de 250 mil artifices, que nelles trabalhavaõ.

No meio das desordens da nossa revolução vimos o nobre espetaculo dos progressos das Sciencias, das bellas artes, e das manufacturas. Nestas ultimas ja nós fazemos damascos taõ delicados como os da Syria; temos armas de fogo de toda a qualidade, que excedem em elegancia ás melhores da Europa, e que se fabricaõ com huma rapidez incalculavel, tudo obra dos nossos dias; as nossas limas de aço servem para polir as mais duras de Inglaterra; os nossos Instrumentos mathematicos, saõ taõ correctos, e muito mais baratos do que os melhores de Londres; nos ornatos de bronze ninguem nos iguala, ou seja na beleza ou delicadeza da sua execuçaõ; todas as obras de ferreiro se executaõ tanto em Paris como nos Departamentos com huma exactidaõ e magnificencia maravilhosas; os nossos cristaes naõ saõ inferiores aos melhores conhecidos; os veludos, que por huma maravilha combinaçaõ dos seos fios reproduzem as Cores, chegaõ a exprimir as mais bem acabadas pinturas; os curtumes e os coiros tem chegado a maior perfeiçaõ por effeito das descobertas na chimica; nós inventamos o Stereotypo, e aperfeiçoamos a arte de toda a especie de esmaltes; e as pinturas em vidro tem-se restabelecido, muito mais naturaes, e bem combinadas nas suas cores, do que as do tempo de Francisco I., e Henrique II. De todos estes adiantamentos os que tem maior utilidade saõ as nossas fiaçoens e tecidos de algodãõ, que nós por muito tempo compramos aos Gregos e Venesianos, e depois aos Portuguezes, Inglezes e Suiços. No espaço dos ultimos 30 ou 40 annos o gosto pelos algodoens brancos e pintados espalhou-se por todas as classes. No tempo da Revolução o seo consumo em França montava a 60 milhoens, e apenas a metade desta soma sabia das nossas manufacturas, que occupavaõ setenta mil artifices. Nos apenas fabricavamos alguns algodoens brancos. Os Decretos de Concelho de 10 e 17 de Julho de 1785, que prohibiraõ a introducçaõ dos algodoens estrangeiros, animaraõ muito esta manufactura.—O



famozo Tratado de Commercio de 1786 permittio a importação dos algodoads Ingleses, e por esta forma arruinou a manufactura dos nossos. A Assembleia Constituinte, que era mui illustrada para se illudir pelas ideas impraticaveis de huma illimitada liberdade de Commercio, estabeleceo pela pauta de 13 de Março de 1791 direitos taõ fortes que equivaleraõ á huma prohibiçaõ. A Convençaõ publicou a excellente lei do anno II., confirmada no anno V., em que prohibio sem excessaõ todos os productos de industria Inglesa. Desde esta epocha he que nos podemos datar os nossos principaes estabelecimentos de fiação, e o aperfeicoamento das nossas diversas manufacturas. O Museum das artes mechanicas, este vasto estabelecimento aonde todas as invençoens estavaõ patentes á todos os artifices, contribuiu grandemente para instruir e estimular a nossa industria. Os Decretos de 13 Fructido, anno 9., de 22 de Fevereiro de 1806, e a lei de 30 de Abril do mesmo anno renováraõ as prohibiçoens. O celebre Decreto de Berlin, que declarou em bloqueio as Ilhas Britannicas, e o Decreto de Milaõ consolidáraõ o sistema da prohibiçaõ absoluta. As fiaçoens e manufacturas de algodoad continuáraõ a ter tal augmento, que os edificios e maquinas deste genero de industria se avaliavaõ a cima de 200 milhoens: 250 mil artifices estavaõ nellas empregados, que produziaõ por anno fazendas do valor de 170 milhoens pelo menos. Mas toda esta riqueza se tolheo por hum dos mais destruidores actos que tem inventado a tirania, mencionada nas historias, o qual acto foi o de 5 de Agosto de 1810, e em que se impoz hum direito em todos os productos coloniaes que excedia tres ou quatro vezes o seo valor primitivo. Os algodoads naõ escapáraõ á esta taxa monstruoza, e os effeitos foraõ os que se deviaõ esperar. Quando se faziaõ os preparativos para a Campanha que aniquilou o nosso poder militar, o nosso commercio taõbem soffreo immensas perdas. Em consequencia destes preços, todo o equilibrio se perdeo; o fabricante arruinou o negociante, este o banqueiro, e ambos arrastáraõ na sua queda athe os mais pequenos artifices. O Governo reduzido a sustentar as manufacturas á sua custa illudio a tota revogaçaõ pelo Decreto de 18 de Outubro de 1810

que ordenava queimar todas as fazendas Inglezas. Este acto atroz fazia-se necessario para servir de contrapezo aos excessivos direitos. Em 1813, apezar das perdas passadas, o gosto continuado pelos algodoens, e o rigor da prohibiçãõ ainda sustentáraõ as nossas cazas principaes; porem as banca-rotas começaraõ de novo, e a confuzaõ foi geral.

Tal era o estado das nossas manufacturas, quando depois de huma longa serie de revezes, todas as forças da Europa entraraõ em o nosso territorio. A primeira petiçãõ que fazem pois os negociantes e Fabricantes Francezes está ligada com este grande successo. Os seos armazens estavaõ nesta epocha cheios de algodoens, pagos por hum preço exorbitante; veio depois o Decreto de 23 de Abril proximo passado, e o preço dos dittos algodoens dimiauiõ por ametade, em razaõ de se lhe haverem suprimido todos os direitos. Alem disto, por todas as partes da França invadida entráraõ logo a tras dos exercitos invasores quantidades enormes destas fazendas colonias; e ambas estas cauzas juntas concorreraõ para arruinar os antigos compradores. Nestas tristes circunstancias, os negociantes do pequeno S. Quentin, Rouen, e Paris imploraõ a justiça da Camera.

Pedem mais os sobredittos Peticionarios huma lei que, ao menos por alguns annos, prohiba absolutamente a importaçãõ de algodoens estrangeiros.—He com effeito humo idea mui generosa a daquelles que propugnaõ por huma illimitada liberdade de Comercio; mas tanto ella he bella em theoria como impolitica e inexecutavel na pratica. *Sim, toda a naçaõ, que se não quizer arruinar, he preciso que sãõ compre aquillo que não pode fabricar dentro de casa, excepto se isto senaõ poder executar senaõ por hum preço exorbitante, ou se este genero de industria poder ser differentemente empregado com muito maiores vantagens: alem disto, he preciso que facilite a permutaçãõ das materias primeiras, e que receba em trãõo dellas a menor quantidade possivel de manufacturas estrangeiras.* Quando os nossos fabricantes poderem competir com os estrangeiros, entãõ lhes devemos impor direitos que equivalhaõ a huma prohibiçãõ, ou completamente prohibir as suas fazendas. Huma das bases da grandeza



das manufacturas Inglezas he a sua absoluta prohibiçaõ de quase tudo o que he estrangeiro. Nós nunca podémos em Tratado algum conseguir, que as nossas sedas fossem admitidas nos seus portos; e que outra couza he o seo famoso Acto de navegaçaõ mais do que a prohibiçaõ de todas as fazendas que não entraõ nos seus proprios navios? Devemos pois agora considerar, quaes saõ as faltas ou recursos que tem as nossas manufacturas, e qual he a situaçaõ presente da França.—Hum Capital de 200 milhoens; 250 mil artifices; e fazendas manufacturadas do valor de 160 milhoens; dos quaes deduzidos 30 milhoens, como importancia das materias primeiras, ficaõ por conseguinte 130 milhoens para se dividirem por todos aquelles que tem parte neste ramo de industria e de commercio. Por outra parte, a ruina das nossas manufacturas, e credito, e hum grande desalento: taes saõ os factos, que devem guiar as nossas deliberaçoens.—A experiencia de 20 annos prova, que as nossas manufacturas saõ sufficientes para o nosso consumo; e quando comparamos a nossa situaçaõ com a de Inglaterra, vê-se que temos grandes vantagens sobre os fabricantes Inglezes em raziõ da barateza da nossa mã d'obra. Com tudo devemos confessar, que as maquinas Inglezas estaõ mais aperfeiçoadas, e suprem muitos braços; e que athe os fabricantes saõ muito mais habéis e muito mais experimentados. Mas apesar desta inferioridade, que he o que nos falta para competirmos com os nossos vesinhos?—Estimulos, e segurança.—A vossa Commissão não sabe mesmo o que melhor vos deva propor sobre este ponto. As antigas leis prohibitivas das manufacturas Inglezas ainda estaõ em vigor; as nossas alfandegas estaõ restabelecidas; o que agora pois só nos falta he continuarmos a mesma prohibiçaõ. Os receios dos peticionarios á cerca de hum Tratado de Comercio com Inglaterra, de certo não tem fundamento: o Tratado de Comercio de 1786 só foi assignado tres annos depois da paz de 1783; porque este pericdo se julgou necessario para poder avaliar exactamente os interesses reciprocos de ambas as naçoens. Agora, que nos acabamos de 20 annos de guerra, e de huma interrupçaõ absoluta de Comercio, será



então por ventura necessario menos tempo para formar hum tratado? Alem disto qualquer tratado de Comercio não seria huma reciproca renuncia de todos os direitos e prohibiçoens, mas antes seria hum novo sistema de taxaçaõ e restricçoens: e por tanto he melhor esperar ainda algum tempo para se ver tranquillamente, o que convem destruir e o que convem conservar. E athe mesmo talvez fosse mais conveniente não fazer tratado algum de Comercio: basta reciprocamente renunciar á todas as medidas que só em tempo de guerra se podem justificar; e que cada huma das naçoens prohiba, ou admita com os direitos que julgar necessarios, todos aquelles productos que melhor lhe parecer.

Isto suposto, a vossa Comissaõ he de parecer que a primeira petiçaõ não tem lugar: quanto á segunda, como actualmente existe a prohibiçaõ absoluta das fazendas de algodão em virtude das leis do anno II, anno V, e de 22 de Fevereiro, e 30 de Abril de 1806, taõbem lhe parece, que fique adiada esta materia athe que huma nova Pauta de direitos vos seja apresentada para ser discutida.

---

Observaçoes feitas por Mr. Salgues á cerca da Memoria dirigida á El Rey em Junho de 1814, por Mr. Carnot, Tenente General, Cavalleiro da Ordem Real e Militar de S. Luis, Membro da Legião d'honra, do Instituto de França, &c. &c.

“Que genio he este de confuzaõ e de discordia que ainda parece querer agitar a nossa patria? Quando todas as tempestades da revoluçaõ acabáraõ, quando o horisonte da França se apresenta á nossa contemplaçaõ, claro e sem nuvens; quando todos os coraçoes estaõ animados dos mesmos sentimentos, e dos mesmos pensamentos, isto he, os da uniaõ e felecidade publica; quando o virtuoso e sabio Monarca, objecto de tanta confiança e de amor, solemnemente proclama o esquecimento dos males passados, e quando a sua voz paternal convida todos os filhos da grande familia á viverem como irmaõs; como he possivel que Cain

ainda tenha imitadores, e que hum espirito maligno agite homens para reanimar partidos, reviver odios, e resuscitar desordens ?

“ Desde os primeiros momentos da nossa felis restauraçã eu tenho visto individuos, prégadores da moral e das leis, perturbar ao mesmo tempo a serenidade dos nossos bons dias, erguendo as vozes contra as solemnes e beneficas promessas do Monarca, o-pondo a auctoridade dos seos escriptos á auctoridade dos seos augustos Decretos, e alucinando o espirito publico com mal fundados receios.

“ Outros menos austeros em seos principios, menos puros nas suas intençoens, manifestando sentimentos que nos são bem conhecidos, exaltaõ o seo Realismo com declamaçoens hyperbolicas, e sempre occupados dos seos interesses, procuraõ fazer-se notaveis por demonstraçoens fingidas de amor e afeição. Todos os dias nos seos fugitivos Jornaes tomaõ, por hum tenebrozo e melancolico estudo, esse fatal empenho de fazer lembrar as tristes catastrophes da revolução, e de expor ao resentimento publico todos esses homens, á quem a febre e o delirio Revolucionario leváraõ alem dos limites da razaõ, da justiça, e humanidade, procurando marca-los com o sello da reprovaçã.

“ Eu diria aos primeiros imprudentes amigos da justiça;—conheceis vós bem o incendio que hides excitar? O vosso dezejo, dizeis vós, he de não comprometer os principios; porem o primeiro principio que o homem deve ter não he amar o seo paiz, respeitar as suas leis, e a vontade do seo Principe?

“ Aos segundos prudentes amigos de todas as auctoridades eu diria:—Vós, que não tendes outra lei senãõ o interesse e ambiçãõ, Vós, cujas pennas ainda estaõ molhadas com as servis adulaçoens que fizestes a Buonaparte, e que com a mesma maõ atacais hoje o que hontem defendestes; não receaes pois, que as vossas accusaçoens se voltem contra vós mesmos, por que sendo os primeiros que necessitaes de perdaõ, pertendeis que os outros o não tenham? Logo para que são todas essas provocaçoens e combates, que não tem outro fim senãõ de fomentar a guerra, quando a paz devia ser o vosso unico cuidado?



“ Nós vemos todos esses antigos Cavalleiros da maldade e do terror já prontos de novo a apparecerem em armas; hum delles já mesmo sahio ao Campo; mas que honra podeis ganhar com taes victorias? Não he já huma bem triste humilhação o ter por adversario hum Mehée?

“ Outro apparece taõ bem com a lança em punho; e o seo nome assás celebre recorda grandes talentos e mui tristes lembranças. Nós só quizeramos lembrar-nos de seos talentos, mas elle quer que taõ-bem nos occupemos com outra recollecçoens. Mas qual he a cauza que elle defende? Ella nos faz lembrar as palavras de hum antigo Escriptor:—*Excidat illa dies!* &c.

“ Nesses tempos de delirio e de anarchia, quando o fanatismo da liberdade allucinou huma parte da nação Franceza,—quando a audacia das facçoens substituiu a saudavel auctoridade das leis,—quando pela destruição de todos os principios nos vimos hum grande Monarca chamado á juizo pelos seos vassallos,—Mr. Carnot teve a desgraça de votar contra o seo Soberano. Aquella terrivel sentença horrorisou toda a Europa, e a sua recordação ainda está gravada em todos os coraçõens; mas taes eraõ as virtudes da augusta victima, que mesmo morrendo implorou perdaõ para aquelles que o matavaõ. Por largo tempo o seo throno pareceo para sempre aniquilado; porem grandes successos, envolvidos no misterio por aquelle que tudo governa, em fim o restauraõ; e o herdeiro de Luis XVI. veio occupa-lo, aparecendo no meio dos seos vassallos com o testamento de seo irmaõ em suas maõs.

“ A sua vinda tem sido assignalada por quanto ha de prudencia e de bondade; o seo reinado he o reinado do esquecimento, da concordia, e da paz; e nunca depois da fatal epocha das nossas dissensoens civis havemos tido dias taõ felizes como os de que gozâmos ha seis mezes. Com tudo espiritos inquietos, proprios para verem fantasmas, porque se não podem queixar do presente, fabricaõ sustos para o futuro, e athe espalhaõ seos terrores em volta do throno. Ah! que querem dizer essas queixas,—essas memo-



rias,—e essas observaçoens sem objecto,—diria eu á Mr. Carnot, quando vós tendes a palavra de hum Principe,—sim de hum Principe, o successor daquelle que disse :

“ Se a boa fé fossa banida do resto da terra, ella devia achar hum azillo no coração dos Reys; e porque em lugar de esperar tudo da palavra do Monarca, vós pertendeis justificar huma sentença, que nada pode desculpar? É quaes são os argumentos com que defendeis o desgraçado voto que destes no memoravel processo de Luis XVI? Vós ereis juiz, e dizeis que votastes segundo a vossa consciencia; e por tanto não violastes lei alguma.

“ Eu vos responderei porem sem odio, sem paixão, e com todas as disposiçoens pacificas, que a vontade do meo Principe, o interesse da minha patria requerem, e os meos proprios sentimentos me inculcão;—eu vos responderei, que violastes todas as leis.

“ Sim, Vós as violastes, quando sem mandado,—sem auctoridade dos vossos Constituintes,—Vós, por auctoridade propria, vos constituistes Juizes de Luis XVI.—Vós as violastes, quando depois de constituídos Juizes, decidistes preliminarmente, que o vosso Decreto não teria appellação para o povo, para aquelle povo, donde dimanavaõ todos os vossos poderes, e cuja soberania taõ altamente proclamastes para estabelecer o vosso throno Republicano. Vós as violastes, quando apezar da Constituição, que declarava o Principe inviolavel, o chamastes á juizo;—quando forçastes a innocencia e a virtude a comparecerem com toda a sua magestade na barra da vossa Assembléa; o forçastes á hum interrogatorio; e em fim á defender-se como qualquer acusado ordinario. Vós as violastes, quando abrogastes para com elle a lei que requeria a maiora de tres quintos para a condemnação de hum accusado, e quando pronunciastes a sentença contra o vosso Soberano só por huma maioria de cinco votos.—Vós as violastes, quando não quizestes, contra a opiniaõ de Mr. Rozet de Folmon, e alguns outras estimaveis Deputados, que tivesse effeito a appellação que o Rey fazia á nação! Mas ja muito antes vós as tinheis violado todas

quando só pelo vosso capricho e auctoridade abolistes a Monarquia, e decretastes a Republica.

“ Quem vos tinha dado poderes para estabelecer huma Republica? Foi a nação Franceza que a pediu? Certamente não. Vos querieis huma Republica para lhe dividir os despojos; porque era mui facil de ver que huma Republica, contraria á vontade nacional, eustaria rios de sangue, e cobriria a patria de ruinas, citizas, e cadaveres; mas que vos importava tudo isso com tanto que vos fosseis os seos grandes architectos?

“ Luis ja não podia viver, dizeis vós, desde que foi despenhado do seo throno; a sua morte era necessaria para reprimir os facciosos. Mas á isto responderei:—Se era preciso que El Rey morresse para reprimir os facciosos; se á maneira de Caiphas, que condemnou o Justo, vos dicestes, *Expedit unum mori pro populo*, então vos não sentençaastes como Juis, nem vos decidistes pela innocencia ou pela culpa; porem por hum principio politico, a salvaçãõ publica.—Por esta forma, vós huma vez buscaes abrigo na vossa consciencia, outras na politica do homem de Estado que deseja reprimir os facciosos.

“ Porem quaes são os que entendeis por facciosos? Serão facciosos aquelles Francezes, que se indignavaõ de tantos crimes, cometidos em seo nome? Ou os que fieis ao throno, clamavaõ contra a vossa tirania? Porque não consultastes a nação quando decretastes a vossa Republica? Então vós terieis conhecido, quaes eraõ os verdadeiros facciosos. Cicero dis, que Cesar foi morto justamente, porque intentava mudar as leis da sua patria; e vós procuraes achar em Cicero hum argumento á vosso favor. Porem segundo esta mesma auctoridade, vós he que devieis ser morto, porque procuraveis transtornar as leis do Estado.

“ Para nos persuadir que a sentença contra Luis XVI., fôra o resultado da vontade geral de nação, Vós citaes as innumeraveis congratulaçoens das Comuns. Mas será possivel que Mr. Carnot aqui falle seriamente? Mr. Carnot, que passou atravez de



todas as alternativas da Revolução, e que melhor do que ninguem conhecia os seus movimentos occultos! Ah! certamente a nação nunca consentirá em se ver manchada com taes crimes, e vos deixará sempre em plena posse de toda a sua enormidade! Não era a nação, nem as Communs que enviavaõ essas congratulaçoens; eraõ os vossos Clubs populares, e todos esses homéns que sem consciencia, nem principios recebiaõ o impulso das Sociedades Jacobinicas. As Communs ou se callavaõ, ou se oppunhaõ á taes indignidades. O autor deste artigo pode dar-vos provas pessoasas de tudo isto.

“ Bom será pois que Mr. Carnot não defenda hum erro que se pode esquecer, mas que nunca se pode perdoar. Os seus conhecimentos, os seus talentos, e os grandes serviços, que fez á patria quando era Director, excitaráõ sempre hum grande interesse á seo favor. He com bem magoa que descobrimos algumas manchas do sangue do cordeiro na capa do Sabio; oxala pois que não queira remover do nosso coração estes benevolos sentimentos, e que continuemos a ver nelle o Geometra profundo, o habil Tactico, e o homem de probidade e desinteresse!”

## COMMERCIO PORTUGUEZ.

Commercio, e Navegação de Portugal e seus Dominios na  
Cidade e Porto de Gibraltar em 1813.

### Entrada de Embarcaçoens Portuguezas :

3	Galeras.
11	Bergantins.
7	Escunas.
30	Hiates.
116	Cahiques.
40	Rascas.
6	Caloens.
7	Faluxos.
2	Lanchas.
21	Botes.

243 do Porte de 5,433 Toneladas.

Importancia dos Fretes. Reis 119,369,600

### Relação das produçoens, que importáraõ :

Pertencentes a Portuguezes.

731	Quintaes	de Arros.
10	—	de Favas,
10	—	de Bacalhão.
1509 $\frac{1}{2}$	—	de Atum.
21	—	de Café.
8850	—	de Assucar branco.
62	—	de — mascavado.
9222 $\frac{1}{2}$	—	de Cacão.
23	—	de Cravo.
280 $\frac{1}{2}$	—	de Sebola.
32360	—	de Tabaco de rolo.
3553	—	de Couros.
32	—	de Vaquetas.
11 $\frac{1}{2}$	—	de Attanados.
1300	—	de Lenha.
4029	—	de Alfarroba.
300	Arrobas	de Neve.
800	—	de Palha-Triga.
17	Barricas	de Farinha.



200	Pipas	de Rum.
50	—	de Vinho do Porto.
50	—	de Vinho Madeira.
16	—	de Dito ordinario.
35	Barris	de Melaço.
87½	Duzias	de Galinhas.
10½	—	de Frangos.
182	—	de Couves.
47	—	de Melancias e Meloens.
4025½	—	de Taboas.
57	—	de Vigas e Barrotes.
20	—	de Ripas.
7	—	de Pelles de Viado e de Cabra.
1356	—	de Capaxos, Esteiras, Alcofas, Gorpe- lhas, e Vassouras.
30	Feixes	de Arcos de pipa.
108	—	de Canas.
5122	Fangas	de Sal.
5	—	de Amendoa de coco.
46	Cantaros	de Azeitonas.
120	Ceiras	de Figos.
1500	Laranjas.	
13000	Limoens.	
800	Aboboras.	
572000	Ostras, e Ameijoas.	
80500	Ovos.	
35000	Tijolos.	
Pertencentes a Estrangeiros.		
10	Quintaes	de Atum.
76	—	de Amendoa amarga.
54	—	de Tamaras.
11½	—	de Nozes.
1354½	—	de Couros.
140	—	de Laã.
600	—	de Ferro.
413½	—	de Cera em paõ.
72	—	de Cera em vellas.
47½	—	de Ambar.
19	—	de Goma Sandraca.
400	—	de Carvaõ de pedra.
28	—	de Fio de vella.
27	Pipas	de Vinho, Tinto ordinario.
67	Pipas varias.	

400	Barris	de Vaca e Porco salgado.	200
1	—	de Borrás de peixe.	30
110	Barricas	de Farinha.	30
30	—	de Sardinha salgada.	18
5	—	de Prezuntos.	38
196	—	de Anchovas.	10
600	Fangas	de Sal.	10
320	Molhos	de Seboas.	47
2	Cantaros	de Mel.	37
360	Duzias	de Taboas de Flandres.	30
2	—	de Barrotes.	7
20	—	de Gorpelhas.	18
38000	Tijolos.		
7000	Aduelas.		
178	Bois.		

JOSE AGOSTINHO PARRAL,

Consulada Nação Portuguesa.

Gibraltar, 13 de Agostinho de 1814.

N. B. O Snr. Correspondente, que nos fez o favor de remetter-nos a lista que acabamos de publicar, assim como a outra que ja inserimos á pag. 603 do nosso No. passado, não deve considerar como sinal de pouco apreço, ou de estima o não haver-mos então publicado a prezente lista que de certo muito estimamos, e muito lhe agradecemos. Foi hum daquelles esquecimentos, de que nem sempre o homem pode dar razão, e particularmente hum Jornalista, que ao mesmo tempo tem diante de si huma infinidade de papeis que deve publicar.

Os Redactores.

## MAPPA

Dos Navios despachados nesta Alfandega de Londres para os Dominios de Portugal, Legalizados neste Consulado Geral desde Abril ate 30 de Setembro de 1814.

Navios.	Capitaens.	Numero dos Cockets.	No. dos Cockets que continhaõ fazendas de							
			Não Inglesa, naõ certa a Origem.	India, e America.	França	Hollanda	Italia.	Alemanha		Noruega
George Canning	Evans	13	1	1	—	—	—	—	—	pagou
Thetis	Longreen	2	—	1	—	—	—	1	—	pagou
Daphne	Rogers	20	1	1	—	1	—	3	—	do.
Comet	Watson	42	—	2	—	1	—	2	—	do.
Freundschaft	Riverts	57	2	1	—	1	—	—	—	do.
Duque of Bronti	Strange	23	—	2	—	1	—	4	—	do.
Experiment	Edmonds	32	1	3	—	1	—	4	—	protestou
Harriet	Cox	43	1	1	—	5	—	2	—	pagou
Betsey	Quinton	98	3	1	—	7	—	2	—	protestou
Eliza	Randall	16	—	1	—	—	—	2	—	pagou
Kitty	Ditchburn	39	—	2	—	2	—	2	—	do.
William	Filmore	22	2	—	—	2	—	1	—	do.
Golden Grove	Summers	101	5	—	—	8	—	3	—	do.
Perseverance	Winter	110	12	—	—	5	—	5	—	do.
Braundsberg	Rogers	60	9	1	—	—	—	3	—	protestou
Magnet	Blackburn	79	4	2	—	7	—	3	—	pagou
Oporto	Covey	48	5	1	—	2	—	9	—	protestou
Bonifacius	Hudtman	11	—	5	—	—	—	3	—	pagou
Dom Domingos	Silva	64	2	—	—	2	—	6	—	do.
Sir Home Popham	Clements	51	—	1	—	—	—	—	—	do.
Betsey	Neale	27	3	—	—	—	—	—	—	do.
Frau Anna Maria	Steffenson	58	1	1	—	2	—	—	—	do.
Eleanor	Ellis	2	—	1	—	—	—	—	—	do.
Indus	Weldon	2	—	2	—	—	—	—	—	do.
Tigris	M. Dugald	1	—	1	—	—	—	—	—	do.
Bure	Harris	4	1	—	—	—	—	2	—	do.
Samuel	Phillips	47	1	2	—	3	—	—	—	do.
Ann	Cameron	1	1	—	—	—	—	—	—	do.
Endeavour	Humphrey	10	—	—	—	—	—	2	—	do.



Coldstream	Mansell	1	—	—	1	—	pagou
Hero	Evans	61	4	1	1	5	do.
Lady Carrington	Bucher	3	—	2	—	—	do.
Thais	Appleby	37	—	—	1	3	do.
Dry Harbour	Hay	27	—	—	4	1	do.
Countess of London	Hammon	27	—	—	8	2	do.
S. Pedro e Aguiar	Silva	94	2	—	8	9	do.
Activa	Vieira	26	1	—	1	1	do.
Ann	Roberts	12	—	—	3	—	do.
La Marie	Webb	45	2	—	1	2	do.
Ann	Parkin	73	1	—	1	4	protestou
Ceres	Scott	20	1	—	3	—	pagou
Brilliant	Petrie	32	1	—	1	—	do.
Henry Dundas	Davidson	9	3	1	—	—	do.
Estrella do Norte	Basto	43	1	1	—	1	protestou
N. S. do Rosario	Basto	16	1	3	—	4	do.
Sarah	Lundberg	33	2	—	—	2	do.
Eliza	Blake	22	1	—	—	1	pagou
Pilot	Wallis	43	7	2	—	2	protestou
Lord Nelson	Norris	18	1	—	1	—	pagou
Pomona	Gibbon	40	—	2	5	3	do.
Sir James Henry							do.
Craig.	Duncan	31	3	3	6	1	do.
Mervin	Hodgson	9	—	—	—	—	do.
Desire	Cullen	12	1	1	—	—	do.
Louisa	Mattison	7	1	—	—	—	do.
Vrow Kinkdina	De Groot	22	2	—	—	2	do.
Swift	Tankersley	9	1	—	—	1	do.
Inveja	Da Costa	42	3	—	—	2	do.
Marquis Welling-							do.
ton	Bell	6	—	—	—	—	do.
Charles	Box	83	7	—	—	2	protestou
Caroline	Allen	8	1	—	1	—	pagou
Kate Karney	Jolly	20	—	—	2	—	do.
Ann	Franklin	3	—	—	—	—	do.
Providencia	Rosa	48	1	—	—	5	do.
Swallow	Frith	14	—	—	—	—	do.
Friends	Steffenson	40	3	—	1	1	do.
Noah	Browman	3	—	—	—	1	do.
Olive Branch	Gard	16	—	—	—	—	do.
Resolution	Nield	28	2	—	—	1	protestou
Montalegre	Gonsalves	80	5	1	3	4	pagou
Dundee Packet	Foreman	9	1	—	—	1	do.
North Craig	Higton	13	—	—	1	—	do.
Lavinia	Murphy	20	1	1	1	—	do.
Anne	Gibson	100	7	—	3	4	do.

Diligence	Gadie	9	—	—	—	—	pagou
Dom Rodrigo	Barboza	99	9	1	3	4	do.
Eliza	Jorge	62	6	1	3	2	protestou
Bure	Harris	1	1	—	—	—	pagou
Carolina	Thomson	7	—	—	1	—	do.
Georgiana	Gottinquest	39	1	—	1	1	do.
Oporto	Covey	26	4	1	—	2	protestou
Ventura	Teixeira	20	4	—	—	3	pagou
Venus	Walker	10	1	—	2	—	do.
Suffolk	Baigrie	32	4	—	—	2	do.
Augustine	Thomas	11	—	—	—	—	do.
Eliza	Achuteque	11	4	—	1	1	do.
Anna Matilda	Parcell	25	—	—	1	1	do.
Duque of Bronti	Strange	6	3	—	—	—	do.
Fortitude	Miller	2	—	—	—	2	do.
Hippocampi	Langley	32	2	2	—	1	do.
Frau Anna Maria	Steffenson	39	—	—	1	2	do.
Harmony	Normanel	3	—	—	—	3	protestou
Courtesey	Hutton	10	—	—	1	3	pagou
Brazileiro	Moita	72	2	1	—	1	do.
Sisters	Oldham	83	8	—	2	1	do.
Riga Packet	Lumsdale	24	—	—	1	2	do.
95	95	3,011	171	58	124	156	

J. ANDRADE, Consul Geral.

Consulado Geral de Portugal.

Londres 30 de Setembro, 1814.

M A P P A

Dos Navios Despachados nesta Alfandega de Liverpool para os Dominios Portuguezes desde o 1. de Abril ate o ultimo de Setembro de 1814.

Nomes dos Navios.	Nomes dos Capitaens.	Numero dos Cockets de cada Manifesto.	Numero dos Cockets que continhaõ fazendas da				
			India e America.	França Hollanda e Italia.	Alemanha	Norwega e	Baltico.
Yarmouth	J. Coxon	44					
Katherine	S. Paer	47					
Nile	T. Bateman	75					
Briton	S. Ward	41					
Mediterranean	J. Moreson	23					I
Nichoson	R. Talcock	25					
Providencia	F. J. Carvaõ	28					
Arrow	W. Base	8					
Richard	J. Bleasdale	67					
Aid	T. Neale	56					
S. Joze Indiano	J. J. Feliz	136					
Nancy	T. Thomson	22					
Speculator	A. Cumming	5					I
Dublin	H. Morgan	27					
John	J. J. Eedds	34					
Hawke	M. Levington	54					
Anna	J. B. Sedow	36					
Kingmill	A. Cassels	14					
Hope	J. Scott	19					
George	W. Willslood	66					
Irmaons	B. J. dos Santos	4					
Triumpho	J. G. da Roza	8					
Hamet	B. Haram	42					
Paquete do Rio	M. A. C. Portugal	42					
Mary	D. Williams	69					
Naomi	H. Richards	48					
Unanimous	C. Gamock	33					
Hodgkinson	A. Matthews	34					
Fame	W. Brog	20					
Venus	B. Bankeen	35					I
Azia	D. J. Miz	96					
Fama	H. Maria	21					



Tiger	R. Hull	4		
Kelton	A. Bribeek	12	1	
Sarah	M. Leccorg	1		
Speculation	P. Beckelman	28		
Nelly	W. Vestch	40		
Ires	H. Greathed	68	1	
Irmaões	B. J. dos Santos	10		
Comet	R. Brock	38		
Lucy	J. Tait	74	2	1
Essex	S. Walker	42		
Polly	J. Read	21		
David	W. Cawell	83		
Integrity	T. Mordy	39		
Active Jane	D. Balberno	69		
Felix Americano	F. J. Souza	38		
Maria Crowther	T. Nelson	23		
Diana	J. Mewstell	33		
Phenix Triumphant	J. Lastaleta	15		
Elizabeth	A. Halser	3		
Leighton	A. J. Wilson	47		
Spring	J. Cockolt	59		
Viannez	J- Rebello	63	1	2
Midas	W. Gifford	11		
Speedy	W. Bonse	49		
Molly	A. Scotland	15		
London Packet	G. Roberts	43		
Francez	H. Caste	7		
Mary Whittle	J. Beats	12		
General Palafox	J. Cumming	10		
Aid	T. Neale	25		
Signal	R. Jones	23		
Yarmouth	J. Coxon	32		
Lion	J. Balbarny	68		
Active	G. Harrsion	6	1	1
66	66	2,390	7	6

ANTONIO JULIAO DA COSTA.

Liverpool, 30 de Setembro, 1814.

Consulado de Portugal, Bristol, 18 de Outubro de 1814.

Relação dos Navios que sahiraõ deste Porto tendo os seus manifestos legalizados neste Consulado—á saber

Nomes dos Navios.	Numero de Cockets em cada manifesto.	Numero dos Cockets que continhaõ Fazendas da		
		India e America.	França Italia e Hollanda.	Alemanha Norwega e Baltico.
Escuna N.º S.ª da Piedade	19			
Da Paquette de Vianna	11			
Bergantim Sra. dos Passos	10			
Do. Sta. Izabel	4			
Do. Joseph, J. Burrell	5			
Do. Deligente, Careaga	2			
Do. Severn, Holladay	1			
Do. Pilot, Barton	1			
Do. Nelson, Powell	1			
Do. S.ª de Iria, Abiles	6			
Do. Boa Uniaõ	0			
Do. Pensamento	0			
Escuna N.º S.ª da Piedade	25			
	18	85		

JOAõ CHRISOSTOMO DA SILVA.

Consul.

ANTONIO JULIA DA COSTA

Liverpool, 20 de Setembro, 1814.

## LISTA

Das Embarçaçoens que sahiraõ para Portugal e seus Dominios do Porto de Dublin desde o 1. de Abril deste anno ate 10 de Septembro do mesmo—a saber

Nomes dos Navios. Nomes dos Capitaens.		Numero dos Cockets.	
Hiate — Dito e feito	M. J. Felipe	1	Para Setubal.
Chalupa—Leith Packet	James Muarchy	4	Para a Madeira.
Da.—Evander	Fee	8	Para o Porte.
Hiate—Trium- pho	J. J. de Carvalho	0	Para Inglaterra
4	4	13	

JOZE MANOEL DO COUTO GARRIDO.

Londres, 24 de Outubro, 1814.



RECAPITULAÇÃO

Do Numero de Navios, Cockets, a sua natureza, despachados nos Portos de Londres, Liverpool, Bristol e Dublin, para os Dominios de Portugal nos Seis Mezes que decorrem do 1 de Abril ate 30 de Setembro, 1814.

Portos.	Navios.		No. dos Cockets, e Origem das fazendas que continham.					No. dos Cockets total, de todas as qualidades.
	Inglezes.	Portuguezes	No. dos Cockets de fazendas Inglezas.	Não Ingleza mas não certa a Origem.	America e India.	França, Hollanda Italia.	Alemanha, Noruega, Baltico.	
Londres	82	12	2,502	171	58	124	156	3,011
Liverpool	55	11	2,377	—	—	7	6	2,390
Bristol	5	8	85	—	—	—	—	85
Dublin	2	2	13	—	—	—	—	13
4	145	33	4,977	171	58	131	162	5 49

RESULTADO.

Diferença da proporção dos precedentes seis mezes.

Proporção dos Navios Portuguezes 33 } ou  $\frac{1}{4}$  p. m. } de  $\frac{1}{4}$  a  $\frac{1}{4}$   
 Aos Ditos Inglezes 145 } ou menos }  
 Proporção do Numero de Cockets de Fazendas não Inglezas 522 } ou  $\frac{1}{10}$  p. m. } de  $\frac{1}{2}$  a  $\frac{1}{10}$   
 Ao Numero total das Cockets 5499 } ou menos. }  
 Proporção do Numero dos Cockets ao dos Navios ou Termo medio dos Cockets por Navio } 30 $\frac{1}{2}$  p. m. ou menos.  
 Proporção em Londres por Navio . 31 $\frac{1}{2}$  p. m.  
 Ditto em Liverpool Ditto . 36 ou menos.  
 N. B. Numero dos Cockets de fazenda não Inglezas despachados no Porto de Londres } 509  
 Numero dos Cockets de fazendas não Inglezas despachados no Porto de Liverpool } 13  
 Ditto Ditto despachados no Porto de Bristol } —  
 Ditto Ditto despachados no Porto de Dublin } —

## POSTSCRIPTUM.

Em Cartas, que recebemos de Vienna com data de 16 de Outubro, nos he promettida a lista dos assumptos de que se ha de occupar a Commissão preparatoria; porem receamos que não chegará ja á tempo para este No. O nosso Correspondente adiantou-nos com tudo a grata noticia de que dois destes assumptos, os quaes devem ser discutidos segundo a ordem em que foraõ collocados na lista, são : o—Negocio de Olivença,—e a Compensação á Hespanha pela cessaõ dos Ducados de Parma e Placencia, feita á Arquiduqueza Maria Luisa e seo filho no Tratado particular com Buonaparte. O mesmo nosso Correspondente observa muito bem, que sendo esta Commissão composta dos Plenipotenciarios das Potencias principaes, he mais que provavel que a proposta que ella fizer em cada assumpto passará no Congresso sem grandes alteraçõens. E como alem disto, o nosso Plenipotenciario he Membro nato da Commissão preparatoria, não podemos duvidar que o negocio de Olivença será tratado, como dizem os Italianos, *con amore*, ou com aquella affeição, que os Plenipotenciarios de todos os Alliados lhe mostrãõ em Paris, em veneração ao nome que adquirio o Exercito Portuguez.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XL.

Pag. 504 ubi, lea-se, tibi.

- iræ, l—, ira.
- 515 remontada, l—, remontado.
- 516 por fiado, l—, porfiado.
- 521 morrem, l—, morrerem.
- 554 philologia, l—, physiologia.
- 573 com que o ella, l—, com o que ella.
- 589 certo, l—, cerco.
- leo o processo, l—, leo o depoimento das testemunhas.
- 591 traduzi-los, l—, traduzi-los-hemos.
- 595 vir, l—, vos.
- 603 289, l—, 239.
- 604 varias, l—, vazias.
- 605 varias, l—, vazias.
- 614 toda, l—, toca.
- 622 parcelles, l—, parece-lhes.
- 625 redas, l—, redias.
- per tenæ, l—, por tenue.

SUPPLEMENTO EXTRAORDINARIO.

- Pag. 8 sus, l—, seus.
- 12 com taõ, l—, constaõ.
- sabraõ, l—, sabiaõ.
- 38 saõ, l—, taõ.
- 46 Divino, l—, Direito.
- 63 incluia, l—, incluza.
- 64 altera, l—, alterar.



INSTITUTION FOR THE DEAF AND DUMB

ANNUAL REPORT FOR THE YEAR 1852

THE INSTITUTION FOR THE DEAF AND DUMB, WASHINGTON, D.C.

REPORT OF THE DIRECTOR, JOHN W. WADSWORTH, FOR THE YEAR 1852.

WASHINGTON: PUBLISHED BY THE NATIONAL PRINTING OFFICE, 1853.

THE INSTITUTION FOR THE DEAF AND DUMB, WASHINGTON, D.C.

REPORT OF THE DIRECTOR, JOHN W. WADSWORTH, FOR THE YEAR 1852.

WASHINGTON: PUBLISHED BY THE NATIONAL PRINTING OFFICE, 1853.

THE INSTITUTION FOR THE DEAF AND DUMB, WASHINGTON, D.C.

O  
INVESTIGADOR PORTUGUEZ  
EM INGLATERRA,  
OU  
JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.  
DEZEMBRO, de 1814.

---

---

*Condo et compono, quæ mox depromere possim...HOR.*

---

---

LITERATURA PORTUGUEZA.

FRAGMENTO

DA TRADUCCÃO DO IV. LIVRO DE VIRGILIO.

POR MANOEL MATHIAS VIEIRA FIALHO DE MENDONÇA.

..... Oh Ceos! mentiraõ  
De longos dias esperanças faustas,  
E duraçãõ de flor tolheo miã fructos!

BGCAGE.

INTRODUCCÃO.

“NA minha opiniaõ, diz Madama de Stael na sua bella  
Obra da Allemanha, fallando de Klopstock, todos os  
homens cumpririaõ dignamente com os deveres da vida,  
se em qualquer genero que fosse, procurassem assig-  
nallar a sua passagem sobre a terra pela empreza de  
algum nobre objecto ou de alguma grande idea. He  
com effeito ja huma honroza prova de character, o deri-  
gir para hum unico fim os raios dispersos das suas facul-  
dades, e os resultados de todos os seos trabalhos.” Neste

cazo devemos considerar o auctor deste Fragmento. Empreendendo huma obra de tanto trabalho, e honra não só pessoal, mas para a sua mesma patria, tem direito á merecer a gratidão não só daquelles que o conhecerão, porem de quantos lerem estes restos dos productos do seo entendimento. Athe mesmo nos parece, que a circumstancia de haver sido cortado em flor, e de haver como o cisne completado a carreira da vida no meio das armonias do seo canto, deve concorrer muito mais para estimar-mos a sua memoria, e honrar-mos seos escriptos. Em consequencia destes principios, e por sabermos quanto á *certas pessoas será grata esta nossa publicação*, com muito gosto a vamos fazer, dando previamente huma breve idea do auctor, e dos seos trabalhos literarios.

Manoel Mathias Vieira, Fialho de Mendonça nasceu em Cabanas de Torres, Termo da Villa de Alemquer. Seo pai foi o Dr. Manoel Vieira de Mendonça, que seguiu a Magistratura, e que sendo despachado Juis do Crime da Bahia levou com sigo seo filho, de idade de seis annos. Depois de haver alli servido os lugares de Juis do Crime e Corregedor, ainda que lhe coubesse então ser Desembargador do Porto, como se áchasse ja adiantado em annos, e não se quisesse expor aos novos encomodos da viagem, preferio ficar na America, vivendo como particular athe a sua morte.

Os primeiros estudos de Manoel Mathias foraõ por consequencia na Bahia, aonde teve por Mestre Jozé Francisco Cardozo, auctor do Canto de Tripoli; e he muito para louvar que nunca se esqueceo dos disvellos com que o educára, porque conservou sempre por elle mui singular affecto e estimação.

Nos seos primeiros annos compoz varias obras, ainda incorrectas por falta de experiencia, mas que ja annunciavaõ força de talento: estas foraõ hum Drama Galante, composição original; pedaços de traducções das Georgicas de Virgilio, e varias outras couzas que nunca se imprimiraõ. O segundo Tomo das suas Rimas, ainda que impresso depois, foi composto nesse mesmo tempo, ou todo ou quase todo; e por isso bem indicaõ, que o seo genio ainda não estava assás desenvolvido.



Deliberou-se a vir a Universidade de Coimbra formar-se em Leis, e embarcou; e ha d'elle hum Idillio que compoz ao auzentar-se da Bahia, no qual se deviza ja essa especie de melancolia e sensibilidade, que de ordinario caracterizaõ o genio.

Chegando a Coimbra não se contentou simplesmente com os estudos Juridicos, estudou Geometria, Fisica, e Historia Natural. Era incançavel no estudo da lingua Portugueza, sabia muitas outras; e na Latina foi na realidade eminente. A sua alma insaciavel de conhecimentos, não podia limitar-se á este ou aquelle ramo, queria saber tudo; e formando por conseguinte hum vastissimo plano de estudos, este lhe custou a perda da saude e da vida. Muitos dos nossos illustres sabios e litteratos o conhecerão, e não será por tanto fora de proposito referir o que hum d'elles, o Snr. Joze Bonifacio de Andrade, disse fallando da morte de Manoel Mathias: — “Excellent coraçãõ! capaz de tudo que era grande, bello, e sublime! Já os seus talentos lhe haviaõ attrahido hum grande numero de amigos; mas foi mui apressado em seus trabalhos, e a extrema actividade do seo espirito lhe ralou a existencia! Eu perdi hum amigo, e a Naçaõ perdeu muito.”

Em quanto frequentou a Universidade, dava-se ao mesmo tempo, nas suas horas vagas, ao estudo da Poesia e Bellas Letras; e foi nesta epocha que elle fez a sua bella traducçaõ da Tragedia de *Atréo* por Crebillon, a qual os Estudantes representãõ em Coimbra, e depois se imprimio no Tomo I. das suas Rimas. Parte do que se contem neste volume não he de grande merecimento, e o mesmo auctor o reconhecia, arrependido de o haver taõ cedo publicado. Há com tudo nelle couzas excellentes, e entre ellas apontaremos a Traducçaõ do primeiro Canto do *Remedio de Amor*, de Ovidio; a Carta de Sapho, em que há mui bellos versos; as Odes á Guerra, e á Sua Alteza Real o Principe Regente; e as Cantatas de J. B. Rousseau.

A Traducçaõ da Eneida de Virgilio deve-se contar como hum dos mais distinctos de todos os seus trabalhos literarios; mas infelizmente se perdêraõ na Invasãõ Franceza os tres primeiros livros com a maior

parte da sua livraria, e quase toda a sua caza. Neir se quer podendo, como Camoens, salvar no meio da desgraça os fructos do seo entendimento, nem como Bocage restaura-los—*com o pronto auxilio da fiel memoria*,—porque a morte lho impedio, restou-lhe só este Fragmento do IV. Livro, que foi achado entre ruinas, precursôras ainda de outra mais fatal,—a morte do Auctor.—Vê-se pois, que circumstancias tão notaveis devem fazer mui circumspectos os leitores quando hajaõ de censurar quaesquer imperfeições que nelle se encontrem. Neste mesmo desastre se lhe perderaõ outras muitas Obras, tanto originaes como traduzidas, que muito honrariaõ a sua memoria ; porque nellas de certo havia algumas de hum mui relevante merecimento.

Manoel Mathias formou-se finalmente em Leis no mez de Julho de 1807, e cazou-se no anno seguinte. *Naõ querendo*, como elle dizia, *senãõ servir o seo Principe*, tanto que vio Portugal occupado, e dominado por tropas estrangeiras, largou o seo antigo designio de seguir a Magistratura, e foi estabelecer-se em Santarem como Advogado, regendo ao mesmo tempo huma cadeira de latim.

Entrando em huma carreira nova, todas as suas faculdades se voltaraõ para bem á desempenhar. Appliou-se absolutamente á Legislaçaõ patria, e nisto gastou tanto cabedal de saude, que bem se pode dizer, que foi huma das cauzas da sua morte prematura. Os seos motivos eraõ mui nobres ; porque destinando-se a derigir os seos concidadaõs em todos os seos embaraços e contendas civis, julgava ter contrahido hum dever sagrado de se constituir capaz de bem os aconselhar e conduzir : e na verdade a recordaçãõ de tão virtuosos sentimentos deve fazer-nos mui saudoza a sua memoria.

O resultado de todos estes trabalhos foi a composiçaõ de hum Diccionario Juridico, que deixou quase acabado ; e que certamente com mais alguns mezes de vida teria deixado completo, porque ja mui doente naõ podia vencer-se de naõ lhe consagrar alguns momentos, chamando á esta violenta applicaçãõ hum gostozo entretenimento.



Existe ainda do mesmo Autor hum Canto Heroico, dedicado aos Portuguezes na grande epocha de Restauração, o qual foi impresso em Coimbra por ordem de quem então a governava. Outra obra taõ-bem de grande momento, que emprehendeo, he a Traducção de Salustio, que principou quando estava refugiado em Lisboa na Invasão de Massena; mas della apenas restaõ fragmentos, escriptos com tudo com tanta elegancia, que tem merecido os louvores dos intelligentes.

Eisaqui pois como empregou Manoel Mathias o curto periodo da vida, que na realidade abreviou pelo incançavel espirito que tinha para trabalhar e instruir-se. Huma febre etica, consequencia destes diferentes estudos immoderados o levou em fim a sepultura na florente idade de trinta e tres annos, acabando os seos dias, em Coimbra as 9 horas da noite de 14 de Abril, de 1813.

#### 4º. LIVRO.

Já cuidado mortal magõa a Dido,  
Fogo devoradôr, ferida occulta  
Nutre dentro de si : na Mente pinta  
De Enêas o valôr, nobreza, e fama :  
Gravou no coração feiçoens, palavras,  
D'ellas a imagem lhe afugenta o sômno.

Mal c'o'a Phebea Luz Aurora nova  
Dos Ceos afugentára humidas sômbra  
Pela Terra esparzindo o claro dia,  
Victima da paixão, delirio toda,  
Co'a fida Irmam desta arte dezabafa.

“ Anna, barbaros sônhos me horrorizaõ !..

“ Que Estrangeiro pouzou em nossos Climas ?

“ Que gesto ! que valôr ! que heroicidade !

“ Creio, e não creio em vaõ, de hum Nume he Prole,



“ As almas baixas o temor demonstra.  
 “ Eneas arrostou perigos, Fados,  
 “ Mil guerras emprenheo, findou mil guerras.  
 “ Ah ! se immovel tenção me não vedasse  
 “ Se laços conjugaes me fossem gratos,  
 “ Se em odio não tivesse o Thóro, as Fáxas,  
 “ Desde que me illudio, desde que a Morte  
 “ No meu primeiro amôr frustrou meus gostos,  
 “ Seria esta affeição meu só delicto.  
 “ Eu to confesso, Irmam; desde que o sangue,  
 “ O sangue de Sicheu, do infausto espôzo,  
 “ Vertido pelo Irmão tingio meus lares,  
 “ Só elle, amada Irmam. só pôde Eneas  
 “ Fazer doce impressão em meus sentidos,  
 “ Fazer-me vacillar, mover minha alma.  
 “ Vestigios sinto em mim da antiga flamma . . .  
 “ Mas por gargantas mil me sôrva a Terra,  
 “ Raios de Jove ao Tartaro me arrojem  
 “ Lá onde he tudo horrôr, he sombras tudo,  
 “ Antes do que violar com meu perjurio  
 “ Tuas sagradas Leis, Pudôr sagrado.  
 “ O primeiro que á sua unio minha alma  
 “ Meus amores roubou, com sigo os guarde,  
 “ Do Sepulchro no horrôr com elle habitem.”  
 Disse, fervido pranto assôma aos olhos,  
 Pranto que em borbotoens lhe inunda o scio.

“ Oh tu, que eu prézo mais que o sêr, que a vida,  
 (Anna lhe respondeo) “ na flôr dos annos  
 “ Haõ de ralar-te a mízera existencia  
 “ Tristeza e Solidaõ ? sem tu gostarês  
 “ O prazér de beijar mimozos filhos  
 “ Delicias com que Amôr aos seus premeia ?  
 “ Pensas que no Sepulchro cinzas, Manes,  
 “ Se recordaõ de ti ? dos teus pezares  
 “ Embora não triunfe em Lybia em Tyro

- I arbas, e Chefes mil d Africa adusta ;  
“ Insensivel despreza os seus extremos :  
“ Mas contra a inclinaçãõ naõ lute Eliza.  
“ Naõ pensas em qual Terra está teu Reino ?  
“ A Getulia daqui, Naçaõ valente,  
“ Invencivel Naçaõ ; daqui te cercaõ  
“ Numidia infrene, inhabitaveis sirtes.  
“ Rodeiaõ-te d’alli Barcêos ferozes  
“ Aridas Regioens, dezertas Plagas :  
“ Guerras quantas surgir eu vejo em Tyro ?  
“ Ameaças fataes do Irmaõ naõ temes ?  
“ Auspicios divinaes, favor de Juno  
“ Impelio para aqui Baixeis Troyanos ;  
“ Apôz consorcio tal thé onde, oh Dido,  
“ Elevar-se verás teu grande Imperio ?  
“ Troianas Armas reforçando as Tyrias  
“ Thé onde se hade alçar a gloria nossa ?  
“ Aos Numes só te cumpre orar piedade,  
“ Dar ao Heroe hospicio, e culto ás Aras.  
“ Cumpre-te demora-lo, urdir pretextos  
“ Ja c’os perigos da intratavel Quadra,  
“ Já por que rotas Náos reparo exigem,  
“ Ja por que sobre o Mar derramaõ Furias  
“ Chuvoso Orion, tormentozo Inverno.”

Vozes taes daõ mais fôgo ao fôgo antigo  
Fogem receios, surgem-lhe esperanças,  
Os laços do Pudôr Paixaõ dezata.

Eilas no Templo assomaõ, e ante as Aras  
Orando auxilio estaõ, a Bacho, a Ceres,  
Creadôra das Leis, a Phebo, a Juno,  
Dos laços conjugaes propicio Nume ;  
Ritual sacrificio as Aras tinge.  
Sobre a fronte de candida Novilha  
A pulcherrima Dido as taças vértē

Gira entre as pingues Aras, e ante os Numes  
 Instaurando oblaçoens de dia em dia;  
 Rótos peitos de victimas consulta,  
 De palpitantes visceras no agoiro  
 A'vida anceia lèr futuro occulto.

Oh sacrificios vaõs! ignáros vates!  
 Que valem contra Amor o Templo, os votos!  
 Lavra de veia em veia a labareda,  
 Vive aberto no peito o golpe occulto;  
 Arde Dido infeliz, sem tino vaga,  
 Qual cerva onde o Pastor deixou cravada,  
 Sem saber que acertou, a alada setta;  
 Ella discorre a selva, o Monte, o Campo,  
 O lethal passador lhe afferra o lado.

Dido a Eneas conduz por entre os muros,  
 Os Sidonios thezoiros, a Cidade  
 Que lhe destina ja lhe patentêa:  
 Começa a declarar-se . . . e soçobrada  
 No meio da expressãõ se prende a falla.  
 Ao transmuntar do Sol festins instaura,  
 Mil vezes pede, anhêla ouvir trabalhos,  
 Ouvir Troianos feitos, e mil vezes  
 Dos labios do que os conta está pendente.  
 Separados em fim ja quando a Lua  
 Sepulta os lumes seus no escuro occazo,  
 E os Astros que se poem convidaõ sòmnos,  
 No vazio Salaõ sozinha, triste,  
 Auzente Æneas vê, auzente o escuta;  
 Pouza onde elle pouzou, ao peito aperta,  
 Co'a mente só no Pai Ascanio amima.  
 Lida por enganar Paixaõ terrivel,  
 Nem começadas Torres vaõ subindo,  
 Nem mocidade já se exerce em Armas,



Suspendem-se, interrompem-se trabalhos,  
De ameaçadoras de soberbas môles,  
Edifícios, Castellos, Portos, Muros.

Tanto que Juno vio de Eliza os males,  
Que nem fama, ou remorso a amor obstavaõ,  
Desta arte a Venus diz : “ Ampla victoria,  
“ Louvor egregio, memoravel nome  
“ Ganhaõ Venus, e Amór, se os dólos d’ambos  
“ Femineo, fragil peito avassalárem ! . . .  
“ Sei que d’alta Carthago os altos muros  
“ Suspeitosos te saõ, te saõ temidos ;  
“ Mas qual termo haõ-de haver combates tantos ?  
“ Eia, os laços da paz travêmos ambas,  
“ E os laços de Hymenêo : goza o que anhélas.  
“ Arde Dido, a paixãõ lhe cála o peito,  
“ Dado lhe seja unir-se ao Frigio Espozo,  
“ Em dote lhe recebe os Tirios Reinos,  
“ Hum Povo formem só Troianos, Tirios,  
“ Com poderes iguaes n’elle imperêmos.”

Com tal simulaçãõ falou Saturnia ;  
Quer na Libia retêr da Italia o Reino ;  
Venus pressente-a, e diz : “ Quem pode insanno  
“ Os teus dons desprezar, querer teus odios ?  
“ Possa a Fortuna prosperar teus votos !  
“ Mas os Fados ignoro ; e apráz a Jove  
“ Que a mesma Plaga habitem, que se enlacem  
“ Que reja a mesma Lei Troianos, Tirios ?  
“ Com preces tentar do Espôzo a Mente  
“ Ati só cumpre : seguirei teus passos.”

“ Tua Socia hei de ser no mesmo empenho,  
“ Saturnia lhe tornou : attenta, adverte  
“ Qual fim disponho a hum proximo successo ;  
“ A mizerrima Dido, o Heroe Troiano

- “ A’ pompoza cassada estaõ dispostos  
 “ Apenas de Titaõ surgindo a frente  
 “ As terras aclarar c’os seus fulgôres ;  
 “ Quando tremula rede orlar as Selvas  
 “ Sobre elles soltarei chuveiros, névoas,  
 “ O Pólo atroarãõ trovoens medõnhos,  
 “ Nos ares soltarei da noite as sombras :  
 “ Mal fôr na escuridaõ dispersa a turba  
 “ Os dois abrigará propicia gruta,  
 “ Hymen ali será, serei com elles.  
 “ Se teus votos saõ tais, consorcio estavel  
 “ Ao Troiano a dará, será só delle.”

Cytherêa annuo de Juno ás preces  
 Dos ardiz que entre-vê surri-se a Deoza.

Em tanto a Aurora surge, e deixa os Mares ;  
 Juvenil Esquadraõ postado ás portas,  
 E Sidonios Magnates Dido aguardaõ ;  
 Vem rédes, vem farpoêns de estranhas fórmas,  
 Bravos Monteiro, nos Massilios Pôtros,  
 E destros Animaes de subtil fáro :  
 D’oiro e purpura ornado espuma e morde  
 Os doirados bocaes Frizaõ Soberho :  
 Entre augusto cortejo assoma Eliza ;  
 Regia clamide a cobre, orlada em torno  
 De bordado galaõ, no matiz vario :  
 Pende-lhe aureo carcáz, aurea fivella  
 Toma-lhe as dobras da purpurea veste ;  
 Aureo nó lhe atavia, enlaça a côma.  
 Eis Ascanio louçaõ, eis Frigios Socios ;  
 Une-se Eneas á luzida turba,  
 Pulcherrimo entre os mais : Qual deixa Apollo  
 As correntes do Xanto, a hyberna Licia,  
 Voa á materna Estancia, á grata Delos

Onde Agathyrsos, Dryopes, Cretenses,  
Honrando o Nume seu em seus altares,  
Em danças, em cançoens instauraõ chóros;  
Trepado ao Cynthio cêrro, as soltas cômas  
Com brando louro as crôa, em oiro as áta,  
Aos hombros no carcáz retinem flexas.  
Naõ menos do que Apollo assôma Eneas,  
Tal formozura lhe abrilhanta as faces!  
Por sendas naõ trilhadas, e altos montes  
Bravios Animaes se vaõ batendo;  
Salta do cume alpestre o velós Cervo,  
E entre nuvens de pó travessa os campos:  
No Valle os acomete o bravo Iulo,  
Folga acossa-los no fogozo Bruto;  
Agora estes alcança, agora aquelles,  
Por entre os bandos de medrozias feras  
Anhêla que se arrote em campo aberto  
Leaõ soberbo, Javali sanhudo.

Em tanto já se vaõ toldando os ares  
Já medõnho trovaõ ressôa ao longe,  
Já sobre a terra cahe granizo, e chuva,  
Pluvioza torrente escorre o monte.  
De Cytherea o Neto, o Teucro, o Tyrio,  
Aqui, alli disperzos, se guarecem  
Aos bosques, ás cavernas; Lá se abrigaõ  
A' mesma gruta Dido, á mesma Eneas.  
A Terra e Juno de Consorcio Numes  
Daõ signal: eis relampagos fuzilaõ,  
Quais faxos de Hymeneo; rebômba o Pôlo;  
Conscios de tanto mal os Ceos trovejaõ,  
E no cume do monte as Nimphas gemem.

Oh momento de horror! tu só tu foste  
Cauza dos males seus, da morte sua!



Nem decôro nem fama abálaõ Dido,  
Naõ quer furtivo amôr, quer só consorcio,  
O nôme de Hymeneu paleia a culpa.  
Por toda a extensa Lybia a Fama vòa,  
Monstro naõ vaga mais velóz de que ella ;  
Da-lhe forças, e vida, o movimento ;  
Algum tanto ao nascer a acanha o medo,  
Cresce . . . athé que nos Ceos sumindo a fronte,  
Firma a fronte nos Ceos, na Terra as plantas.  
Dizem que á Terra deve o nascimento  
Quando dos Numes quiz vingar-se a Terra  
Por que Cæo, por que Encelado abismáraõ:  
Ajuda-se das azas, e das plantas,  
Nos giros seus o Monstro ingente e horrendo ;  
Quantas plumas á vestem (que portento !)  
Tantas as linguas, tantos os ouvidos,  
Tantas as bôcas saõ, e os olhos tantos,  
Que vélaõ sem cessar, que se naõ cerraõ  
Do socegado sômno ao doce pezo.  
Em quanto a noite reina, e reinaõ sombras,  
Vòa entre a Terra e Ceos rangendo os azas ;  
Em quanto o Sol dá luz, a lerta pouza  
Em sublime algerós, em Torre altiva,  
Espalhando o terrôr de Pôvo em Pôvo.  
Afferrada á ficção quanto a verdade,  
Assoálha ficçoens, verdades, erros.  
Folgava o Monstro de espalhar nas Terras  
O feito e por fazer, com rumor vario ;  
Que Enêas aportou, que he Teucro sangue,  
Que anceia a bella Dido unir-se ao Teucro.  
Que o longo Inverno os vio nutrindo armores ;  
No luxo, na paixãõ, no esquecimento  
Dos seus Estados. Vozes taes derrama  
O Numen malfeitôr de bôca em bôca.  
Já de Iarbas ao Reino estende os vôos,

Exacerba-lhe o ardôr, lhe dobra a raiva.  
D'Hamon, da Garamantido foi Prole  
Este Rei ; erigio no vasto Imperio  
Altars cento a Jove, em Templos cento ;  
Nas Aras nunca expiraõ sacros lumes,  
Aos cultos da Deidade eternos vélaõ,  
Victimas sempre em sangue a Terra ensopaõ,  
E floridos festoens das portas pendem.  
Sem tino, e no furôr da amarga nova,  
He fama que ante as Aras, e ante os Numes  
Aça ndo aos Ceos as maõns, dest'arte orára.  
“ O' Jove Omnipotente, que recibes  
“ As que entre os Thoros, e os festins te offerta  
“ Lenêas libaçõens a Maura Gente,  
“ Naõ vés isto ? Naõ vês ? Oh Padre ! Oh Nume !  
“ Teus Raios medos vaõns ao Mundo inspiraõ ?  
“ Tu vibras sem destino aérios fôgos  
“ Nas azas do Trovaõ ? Temer-te he sonho ?  
“ Mulher, que desterrada em meus Estados,  
“ Comprou tenue porçaõ de praia e campos,  
“ Que me deve a Cidade, e deve as Terras  
“ Onde lavra, onde impera, onde Legisla,  
“ Regeita a minha maõ ? e acolhe Eneas ?  
“ E o Teucro he Senhor seu ? roubou-ma o Teucro ?  
“ Hum Páris, hum cobarde, a que naõ peja  
“ O Meonio galéro atar na barba,  
“ Trazer de essencias rescendente a cõma !  
“ Aquem semiviril cortejo adula ! . . .  
“ E eu, por que em Templos teus cumulo offrendas,  
“ De Prole tua em vaõ me illustra o fama ? ”  
Iarbas desta arte orou co'as maõns nas Aras ;  
O Omnipotente ouviu do filho as preces.  
Os olhos volve o Deus aos Regios Paços,  
Alli de melhor fama deslumbrados

Os dois Amantes vê: Mercurio chama  
 E desta arte lhe falla: "Córre, vò  
 " Sobre as azas dos Zefiros, oh filho;  
 " Veloz por entre os ares te desliza;  
 " Dize ao Troiano Chefe, que se antolhe  
 " As Cidades que o Fado lhe destina,  
 " Longe de repouzar nas Tyrias Plagas:  
 " Tal me não prometeo, nem tal o intento  
 " Da bella Venus foi, quando entre os Gregos  
 " Huma vêz, e outra vez, da morte o salva.  
 " Que da guerreira Italia occupe o Throno,  
 " Terra de Heroes, de Reis fecunda Patria,  
 " Que da Troiana Estirpe o Tronco seja,  
 " A quem o Mundo inteiro as Leis acatê,  
 " Os seus Destinos são: De gloria tanta  
 " Se abraza-lo não pode o quadro illustre,  
 " Se seu proprio esplendôr não vale as lidas,  
 " Tênta ao Filho roubar da Italia o Reino?  
 " Entrê imiga Nação que faz? que espera?  
 " Não vê Lavinio campo? Ausonia Prole?  
 " Navegue: eis meu querer: meu mando he este."  
 Disse. Obedece o Deus de Jove ao mando;  
 Aureos talares acomoda ás plantas,  
 Sempre em rapido vôo as azas delles  
 O levão sobre o Mar, ou sobre as Terras:  
 Empolga o Caducêo, com elle as Almas  
 Ao Tartaro conduz, ou delle as tira,  
 Com elle os sòmnos dá, expelle os somnos,  
 Dôs olhos dos mortaes; no ponto extrêmo  
 Com elle extingue a luz, com elle affoito  
 As nevoas atravessa, açoita os Mares.

Já vò, enxerga já o excelso pico,  
 Do duro Atlante as ingremes encostas,



D'Atlante, em cuja frente os Céos escóraõ,  
De densa mata, e cerraçoens croada,  
Sempre das chuvas, e Aquilloens batida.  
Excarchas sobre os hombros se amontoaõ,  
Rios das fauces com fragôr despenha,  
Torcida em gêlos pende a horrivel barba.  
Cyllenio aqui, librando-se nas azas,  
Hum pouco se detem : d'ali d'hum salto  
Sobre as ondas o Deus se precipita ;  
Qual Ave, que girando escolhos, praias,  
Vôa rênte do Mar, buscando a preza,  
Tal entre a Terra e Ceos voáva o Nume,  
Quando do Monte avito ao Mar saltando  
Vôa ao longo das Lybicas areias.  
Onde Carthago foi mal firma as plantas  
Ao Teucro vê fundando Imperio novo ;  
Pendente ao lado tem brilhante espada  
De Jaspides coberta ; aos hombros pende  
De purpura de Tyro o regio manto,  
De esplendido fulgôr da côr das chammas.  
De Dido mimo foi, de Dido a dextra  
Os bordados subtiz traçou na t'ella.  
O Nume o interrompeu : “ Cidade excelsa  
“ Intentas construir ? fundar Carthago ?  
“ Prêzo em femineo amôr de ti não curas ?  
“ De teu Reinò e teus Fados esquecidò ?  
“ A ti me envia o Deus que os Deuzes rege,  
“ Que a hum léve acêno abála os Ceos, e a Terra ;  
“ Nuncio da sua vóz cumpri seu mando.  
“ Que fazes ? com que intento, e que esperanças,  
“ Consomês o ocio teu na Lybia Terra ?  
“ Se não te abraza ja da gloria o quadro,  
“ Se teu proprio esplendôr não vale as lidas,  
“ Não, não prives Iulo, e a Prole d'elle  
“ Da esperanza de alçar da Italia o Throno

“ No prometido Imperio.” Assim fallava ;  
 Ao fallar foi perdendo a humana forma,  
 E em tenue viração desfêz-se aos 'olhos.

Enêas co'a vizaõ pasmou, calou-se,  
 Pegou-se a vóz na fauce, hirtou-se a coma ;  
 Arde ja por fugir da Plaga amiga,  
 Attonito co'a vóz do Deus que o manda.

Desgraçado Amador! com que rodeios,  
 Com que expressoens diras á ancioza Amante  
 Que he forçoço o partir? De tal discurso  
 Qual hade o exordio ser? Tais pensamentos  
 Seu agitado espirito dividem ;  
 Agora este lhe apráz, aquelle agora,  
 De projecto em projecto a Mente o leva,  
 Sem nenhum preferir por todos vaga :  
 Em tal perplexidade assim rezolve.  
 Chama Sergesto, Menetheu, Cloanto,  
 Manda a Frota equipar, manda que os socios  
 Em armas sobre as praias se apresentem,  
 Que do imperado apresto a cauza occultem.  
 Em quanto ignora Dido os seus projectos,  
 Em tanto elle tenteia, em tanto espreita  
 Suave occaziaõ, subtiz maneiras  
 Que de Eliza no peito lhe disponhaõ  
 Ao lacrimozo *adeus*, benigno accesso.  
 Subito á vóz do Chefe os socios correm,  
 E todos á porfia o mando exercem.  
 Ternos Amantes illudir quem pode!  
 Dido o apresto prevê, pressente os dólos,  
 Temores não lhe affasta a segurança :  
 Impia Fama lhe diz que as Náos se prestaõ,  
 Exacerbando o amôr lhe diz que partem :

Arde Dido, sem tino errante vaga,  
 Qual a Bachante em triennaes orgias,  
 Meneando a Lieu, Lieu bradando,  
 Do Cytheron nocturno acode aos brados,  
 E desta arte primeiro o Amante increpa.

- “ Crime tão negro, ó perfido, esperavas  
 “ Occultar?...e fugir-me? e não te prende  
 “ Nosso amôr, fé jurada, e minha morte?  
 “ Morte cruel, que a infausta Dido aguarda!...  
 “ As Náos aprestas na hybernoza Quadra?  
 “ Vás arrostar c’os Aquilloens, co’ as ondas?  
 “ Oh cruel! que farias não buscando  
 “ Ignotos Lares, estrangeiras Terras,  
 “ Troia fôras buscar entre as procellas?  
 “ Tu fugiras de mim?...por estes prantos  
 “ Pela dextra te rogo que me has dado  
 “ (Já que por nada mais rogar-te posso)  
 “ Peço nosso Hymeneu tão malagrado  
 “ Se amôr te mereci, se fiz teus gostos,  
 “ Se inda em teu coração me valem preces,  
 “ Da ruina fatal de meus Estados,  
 “ E de Eliza infeliz te compadeço.  
 “ Tão barbara tenção de ti desterra.  
 “ Tu de Numidia e Lybia, e meus vassallos  
 “ Me atrahiste o rancor: tu só, tu mesmo  
 “ Me extinguiste o pudor, murchaste a fama,  
 “ Que d’antes de te vêr doirou meu nome:  
 “ Em que maons, a que morte me abandonas?  
 “ Estrangeiro? E assim só chamar-te cumpre?...  
 “ Que espero? Vêr tornar meu Throno em cinzas  
 “ Pelo barbaro Irmaõ? ou maneatada  
 “ Ornar triunfos do Getúlo Iarbas?  
 “ Se antes da fuga ao menos me deixasses,



- “ Qual teu retrato, pequenino Enêas,  
 “ Que ante os meus olhos nos saloens brincasse,  
 “ O engano, a solidão, sentira menos.”

O Heroe d'olhos no chaõ co'a Mente em Jove,  
 No rezoluto peito a dôr suffoca,  
 E breve respondeu : “ Negar não posso,  
 “ Rainha, quanto devo, e quanto hás dito,  
 “ E grata me será tua Memoria  
 “ Em quanto em mim houver Memoria e Vida.  
 “ Ouve, attende, não penses, não me arguas  
 “ De tentar fugas, de deixar-te a furto :  
 “ Nem Faxas conjugaes ante nós vimos,  
 “ Nem laço conjugal nos há ligado.  
 “ Ah! se meus Fados dirigir podesse,  
 “ Dado me fôra terminar meus males,  
 “ Doces restos dos meus, e a Patria minha,  
 “ Me houveraõ junto a si ! e d'entre as cinzas  
 “ De Priamo o Palacio, os Teucros Muros  
 “ Fizera renascer ; mas Lycias sortes  
 “ Mandaõ que só procure a Italia Terra :  
 “ Eis a Patria, eis o amor que só me outorgaõ :  
 “ Se foraõ fados teus nas Lybias Plagas,  
 “ Vir taõ longe de Tyro alçar Carthago,  
 “ Deixa os Teucros pouzar na Ausonia Terra.  
 “ Quantas vezes a Noite enluta o Mundo  
 “ Quantas os igneos Astros se levantaõ,  
 “ Vem d'Anchises a sombra horrorizar-me.  
 “ Repreheensoens de hum Pai escuto em sonhos :  
 “ A injuria, o roubo feito ao Filho amado  
 “ Do Throno que o Destino lhe promete  
 “ Pungem meu coração : neste momento  
 “ Vi baixando dos Ceos de Jove o nuncio.

“ A nossa mutua dôr com teus queixumes  
 “ Não exacerbés mais . . . A custo eu parto.”

*Fim do que ha traduzido.*

“ Ainsi tombe, atteint d'un plomb meurtrier, le Chantre  
 “ melodieux des forêts, au moment même, où il charmoi  
 “ les airs par son brillant ramage! Il expire au milieu de sa  
 “ douce chanson interrompue . . . . Il n'est plus de voix  
 “ dans le bocage, que ses concerts animoient; et l'on y  
 “ sent rentrer la sombre horreur d'un vaste, et triste si-  
 “ lence . . . . .”

YOUNG.

FIM DO DISCURSO A CERCA DE HORACIO E SUAS OBRAS.

(Continuado da pag. 15 do No. XLI.)

Elle ria dos que, como traça, se afferraõ a roêr n'hum unico livro, e que c'hum Author, ou dous, que sempre lêm, se inhabilitaõ a dar juizos saõs do que lem, ou do que escrevem; e se estorvaõ a si mesmos de ser, por outros, lidos\*. Antes pelo contrario louvava aquelles que se abalançavaõ á caminhos naõ-trilhados, desdenhando beber nas communs nascentes†. Elle mesmo meditando o spirito e o gosto dos Authores, que melhor se davaõ com o seu genio, sem lhes seguir

\* Illi, scripta quibus Comædia prisca, &c.—Lib. 1. Satyr. 10.

† Quid Titius Romana brevi venturus in ora?  
 Pindarici fontis qui non expalluit haustus,  
 Fastidire lacus et rivos ausus apertos;  
 Ut valet? ut meminit nostri? fidibusque Latinis  
 Thebanos aptare modos studet, auspice Musa?

Lib. 1. Epist. 5.

Nil intentatum nostri liquere Poetæ  
 Nec minimum meruere decus, vestigia Græca  
 Ausi describere et celebrare domestica facta.—In Art. Post.

(para assim dizer) as modulaçoens, nem as cantigas\* veio a ser Author de maneira nova, sabendo adaptar-se assim, a quantos generos de assumptos emprendeu tratar. Por esse motivo o appointavaõ, com o dedo, os que passavaõ, como o espirito mais gentil daquelle seculo†. De lá lhe proveio a inveja do irritavel bando metrificante, que entraraõ, (e mormente pelas costas) a morde-lo, os Pantilios, os Fannios, os Demetrios‡, cuja insigne raça não vera jamais cabo de si. A elevação e variedade de seu Engenho, a celebridade do seu nome, o muito que os mais graúdos Magnatas de Romas procuravaõ a sua companhia§, lhe disparava cada dia, alguma nova setta dos invejosos||

O invejoso emmagrece, porque engordo.

como elle de si mesmo diz¶. Fizeraõ alguns correr boato, que por não poder hum ditto, nem ao maior amigo perdoaria\*\* ; e na bocca delle as mais innocentes

\* Libera per vacuum posui vestigia princeps,  
Non aliena meo pressi pede. Qui sibi fudit  
Dux regit examen. Parios ego primus iambo  
Ostendi Latio, numeros animosque secutus  
Archilochi, non res, et agentia verba Lycambem.  
Ac ne me foliis ideo brevioribus ornes,  
Quod timui mutare modos, et carminis artem,  
Temperat Archilochi Musam pede mascula Sappho,  
Temperat Alcaeus, sed rebus et ordine dispar:  
Nec socerum quaerit, quem versibus oblinat atris  
Nunc ego non alio dictum prius ore Latiis  
Vulgavi fidicen. Juvat immemorata ferentem  
Ingenuis oculisque legi, manibusque teneri.

Lib. 1. Epist. 19.

† Et monstror digito praetereuntium.—Lib. 4. Od. 2.

‡ Multa fero, ut placem genus irritabile vatum.

Lib. 2. Ep. 2.

§ Romæ, principis urbium  
Dignatur soboles inter amabiles  
Vatum ponere me choros.

Lib. 4. Od. 9.

|| Invidia accrevit privato quæ minor esset.

Lib. 1. Sat. 6.

¶ Invidus alterius macrescit rebus opimis.

Lib. Ep. 2.

\*\* Fœnum habet in corqu, longe fuge, dummodo risum  
Excutiat sibi, non hic cuiquam parcat amico.

Lib. 1. Sat. 4.



chufas, se tornavaõ em gravissimos delictos\*. Se naõ hia recitar ao Publico, em companhia dos mais, alguma composiçaõ sua, desculpando-se, com dizer que nada tinha que lhe offerecer, que digno fosse diziaõ, que os chasqueava : que guardava para os ouvidos de Jove, essas preciosidades; e que embelesado de si mesmo presumia, que só os seus versos eraõ confeitados de poetico mel†. E que fazia Horacio? Quando acazo os ameaçava, com eterno ludibrio, se os punha em verso, se punha o seu estro em Campo, e quasi com a espada fora da bainha : as mais das vezes os deixava gargantear á larga ; e lhes dizia entam o que depois a Musa disse a Dante :

Che te fa cio, che quivì si pispiglia ?

Vien dietro á me, e lascia dir le genti.

Com effeito, ao Varaõ sizudo naõ compete dar attençãõ, quando segue seu caminho, ao stridor das Cigar ras‡; que bem sabe que entam se callará a Inveja,

\* Sæpe tribus lectis videas cænare quaternos,  
E quibus unus avet quavis aspergere cunctos  
Præter eum qui præbet aquam ; post hunc quoque potus  
Condita cum verax aperit præcordia Liber.  
Hic tibi comis, et urbanus liber que videtur  
Infesto nigris. Ego, si risi, quod ineptus  
Pastillos Rufillos olet, Gorgonius hircum,  
Lividus, et mordax videor tibi, &c. Lib. 1. Sat. 4.

† ————— Spissis indigna theatris  
Scripta pudet recitare, et nugis addere pondus,  
Si dixi : rides, ait, et Jovis auribus ista  
Servas : fidis enim manare poetica mella  
Se solum, tibi pulcher. Lib. 1. Epist. 19.

————— Sed hic stylus haud petet ultro  
Quemquam animantem, et me veluti custodiet ensis  
Vagina tectus; quem cur distringere coner  
Tutus ab infestis latronibus? O pater, et rex  
Jupiter, ut pereat rubigine telum  
Nec quicquam noceat cupido mihi pacis! at ille  
Qui me commorit (melius non tangere clamo)  
Flebit, et insignis tota cantabitur urbe. Lib. 2. Sat. 1.  
An siquis atra dente me petiverit  
Inultus ut flebo puer? Epod. 6.

‡ ————— Ad hæc ego naribus uti  
Formido, et luctantis acuto ne secer ungui,

quando nada elle possuia, nenhuma proeza haja acabado. Como não ha mais forte meio de tapar á Maledicencia a bocca, que o desdenhar de responder-lhe. E Horacio, que mui bem o entendia assim, tirava somente, d'essas linguas mãs, o proveito de andar sempre sobre si, e sobre seus escriptos corrigindo-os, limando-os, sem se poupar a algum cansaço, porque elles se aveziubassem, quanto mais possão, de perfeição, e triumphassem de Censura, e do Tempo\*: e nesse ponto, por companheiros a muitos dos Romanos teve, bem que outros (como elle mesmo diz) escorados em ditoso atrevimento, tomavaõ em desdouro dar gilvaz nas suas Obras†. Horacio, pelo contrario, não só desamoradamente riscava, mas ainda ao juizo alheio as submettia. Alem do nosso amor proprio, que deita nevoas no entendimento, quantos senões não descortina a agudeza de desapaixonados olhos, que atelli não sobressahiaõ á vista do affervescido Author? Quantas phrazes escuras, que lhe pareciaõ claras? Ponha-se nos Amigos intelligentes a confiança, com sincero disvello se lhe acarea a opiniaõ desmascarada de lisonja‡. Os aduladores applaudem:—Bello! guapo! sublime! —saõ pratinhos adubados, com que folga o paladar, e se arruina o estomago. Embora venha o Medico, que vos poem saõ, com recipes desagradaveis. Assim usavaõ ora o Tarpa rigido, Bibliothecario de Augusto, ora, e mui particularmente o Severo Quintilio, cuja

Displicet iste locus, clamo, et diludia posco.  
Ludus enim genuit trepidum certamen, et iram;  
Ira truces inimicitias, et funebre bellum. Lib. 1. Ep. 19.

\* Sæpe stylum vertas, iterumque quæ legi digna sint  
Scripturus: neque te ut miretur turba labores,  
Contentus pæcis lectoribus, &c. Lib. Sat. 10.

† Tentavit quoque, rem si digne vertere posset,  
Et placuit sibi natura sublimes, et acer.  
Nam spirat tragicum satis, et feliciter audet:  
Sed turpem putat in scriptis metuitque lituram.  
Lib. 2. Epist. 1.

Nec virtute foret, clarisve potentius armis  
Quam lingua Latium, si non offenderet unum  
Quemque Poetarum hic labor et mora. In Art. Poet.

‡ Pessimum inimicorum genus laudantes. Tacit.

morte prantearão igualmente Horacio, que Virgilio\*. Quando lhe vinhaõ ler alguma composiçaõ, aqui notava, *esse verso he fraco, essoutro he duro; trivial phrase he essa, enfeitos fora de proposito; essa passagem he escura, ahi ha equivoco, mude-se o passo,*—e se naõ se rendiaõ á Razaõ, e porfiavaõ sustentar o que tinhaõ escripto, naõ lhes dizia mais palavra; deixava-os, que a bel prazer, se namorassem de si mesmos, e de suas obras, desempachados de rivaes†. Desse Quintilio, bem pode ser, que apprendesse Horacio a compor com difficuldade as poezias suas, de que largas apparencias da na sua Epistola aos Pisões, e tambem na outra Epistola em que com mais maduro engenho se mostra ser severo Quintilio de si mesmo‡.

\* Si quid tamen olim.

Scripseris, in Metii descondat iudicis aures,  
Et patris, et nostras, &c.

In Art. Poet.

† Ergo Quintilium perpetuus sopor

Urget, cui Pudor, et Justitiæ soror

Incorrupta Fides, nudaque Veritas,

Quando ullum invenient parem.

Lib. 1. Od. 24.

‡ Tu seu donaris, seu quid donare velis cui,

Nolito ad versus tibi factos ducere plenum

Letitiæ, clamabit enim: Pulchre, bene, recte

Pallescet super his, etiam stillabit amicis

Ex oculis rorem: saliet, tundet pede terram.

Ut qui conducti plorant in funere, dicunt

Et faciunt prope plura dolentibus ex animo: sic

Derisor vero plus laudatore movetur.

Reges dicunt multis urgere cullillis,

Et torquere mero, quem perspexisse laborent.

An si amicitia dignus si carmina condes,

Nunquam te fallant animi sub vulpe latentes.

Quintilio siquid recitares, corrige, sodes,

Moc, ajebat, et hoc; melius te posse negares

Bis, terque expertum frustra; delere jubebat

Et male tornatos incudi redtere versus.

Si defendere delictum, quam vertere mallet,

Nullum ultra verbum, aut operam sumebat inanem.

Quin sine rivali teque, et tua solus amares.

Vir bonus et prudens versus reprehendit inertes,

Calpabit duros, incomptis allinet atrum

Transverso calamo signum, ambiciosa recidet

Ornamenta, parum claris lucem dare coget,

Arguet ambigue dictum, mutando notabit,

Fiet Aristarchus, &c.

In Art. Poet.

Leia além disto quem quizer, ou tiver tempo, a Epist. 2. do 2 Livro v. 109, &c. &c.



D'avaõ-se em Horacio amigavelmente as mãos á Doutrina e o Engenho, a Natureza, e a Arte; incrível paciencia no emendar, unida á grandissima facilidade no imaginar; juizo summo, com que, nas couzas, que mais parecenças entre si tem, discernia differenças; e summo espirito, com que, nas mais dissemelhantes, descobria parecenças. Volatissima era nelle, aquella de nós mais subtil parte, que dá vida ás filhas do Engenho, e á qual deraõ o nome de *Sal da Razaõ*. Sal, que em Horacio refinava ainda a conversaçãõ, e vivenda com os maiores, e mais polidos dos Romaos. Só, nas grandes Cidades, onde a sciencia anda mais semeada, onde mais huns com outros se embatem os espiritos e embatidos se pulem, (como roçando humas nas outras, se pulem as pedrinhas do regato) nas grandes Cidades digo, onde a sociedade de quanto he bello, engendra a delicadeza; onde, pela pauta da mais aguçada Critica, se regulaõ as ideias, he que o Atticismo, he que a Urbanidade reinar podem. Por quanto são as grandes Cidades como Laboratorios do Spirito, onde se trabalha, e adquire a justidade e a grãça, com que se hade fallar diante da porçaõ dos homens que são (digamo-lo assim) a flor da Naçaõ.

Do concurso de tam affortunadas circumstancias coube a Roma em sorte possuir hum Horacio, pela mesma occasiaõ, que motivos semelhantes produziraõ na Grecia, em mais anteriores tempos, hum Homero. Tempos (digo) mui favoraveis para hum Poema Epico, quando nelles campeava, e as palmas se grangeava agalhardia das paixões\*. Mui limitada era a autoridade do Cabo daquella empresa, e Horacio em Eras veio mais auspiciosas para formar hum gentil Poeta, quando tinha a pulidez subido de ponto, na Italia. E como não era menos difficil (assim dizia Virgilio) arrancar das mãos de Hercules a clava, que hum verso á Homero, assim diremos nos, que não será menos difficil tirar hum verso a Horacio, do que á Venus a cintura. E com effeito os Latinos Poetas todos imitados tem sido pelos modernos; (salvas as immensas difficuldades de escrever n'hum lingua ha tantas eras morta) alguns dos Quinhentistas resurgiraõ o stylo, e

\* Blackwell's Essay on the Life and Writings of Homer.

modo do terno e douto Catullo; os rayos Philosophicos, que resplandeceraõ no Poema de Lucrecio, reluziraõ depois em alguns Poemas dos posteriores seculos; e até a magestade de Virgilio (dizia o Cardeal Bembo) respirava na Syphilis de Fracastor.\* Não assim Horacio; que baldadas foraõ as lidas, e forcejos dos Flaminius, dos Sarbiewos,† e outros, que quizeraõ temperar em suas composicoens força com a delicadeza; a elegancia da phraze, com a ingenuidade do sentir, para alcançar esse desenvolto, esse frizante, que qualificaõ o mais amavel de todos os Poetas: e Horacio, que depois de tantos Seculos, todos lem, muitissimos estudaõ, e nenhum imita, só, e sem rival, occupa o throno Lyrico.

Depois de ter desfructado huma vida, Philosophica em parte, em parte mundana, mas sempre voluptuosa; amigo de tudo o que de si he bello, e o que mais he, amigo de si mesmo: depois de ter (quanto he permitido a homem vivente) domado a Inveja,‡ feneceu a vida aos 57 annos; e ao redor d'hum mez, depois da morte de Mecenas, que o recommendou a Augusto,

\* *Lettere del Bembo*, Volum. 3. Lib. 5. letter 1.

† Le Poete (Mathias Casimir Sarbievius ou Sarbiewski, Jesuite Polonais, mort à 45 ans, en 1640) à passé pour hom lyr que du premier ordre: en sort: même que Grotus a dit de lui: *Non solum æquavit, sed interdum superavit. Fiacum*; ce qui est neanmoins un peu fort. Sarbievius à peutetre autant d'elevation qu' Horace; mais il n'a ni ses graces, ni sa clarté, ni son ton philosophique, ni son talent de dire les choses les plus obligeantes sans fadeur, sans appareil, sans bassesse: ajoutez le style, qui est surement tres-bon, et tres latin, au lieu que nous aurions besoin de garants pour assurer la même chose du Poete Polonais, ainsi que de tous les Latins modernes.—Assim fallad delle os seus Jesuitas mesmos, Jornalstis de Trevoux, a respeito d'huma nova Edicaõ, que das Poesias desse Author fez em Paris o Celebre Barbou.

Memorias, para a historia das Sciencias e das Artes, &c. publicadas em Janeiro de 1755, tomo XI.

‡ ————— Invidiaque major

Urbes relinquam.—Lib. 2. Od. 20.

Romæ principis urbium

Diguatur soboles inter amabiles

Vatum ponere me choros:

Et jam dente minus mordeor invido.

O testudinis aureæ

Dulcem quæ strepitum, Pieri, temperas,

O' motis quoque piscibus

e que o tratasse como a elle proprio.\* Horacio teve gosto de que passassem á posteridade algumas particularidades no tocante á sua vida, e ao seu genio. Falla com o seu livro, que na idade de 44 annos deu ao Publico, e o encarrega de dar noticia aos Leitores, que nascido em humilde condiçãõ, e mediocre fortuna, levantára mais alto o vôo, do que compadecia a pequenez do ninho, em que viera á luz; que prezado, e querido fora dos varões do seu tempo mais conspicuo tanto em paz, quanto na guerra; que facil era em agastar-se, mais igualmente facil em depôr a colera, amigo de tomar o sol; de não-grande corpulencia, que temporaõ encanecêra: † (teve nesse ponto por companheiros a Petrarca, e a Newton.) Ainda colhemos dos seus escriptos, que padecia doença de olhos, ‡ e que não lograva perfeita saude, nem em sua

Donatura cycni, si libeat, sonum :

\* Totum muneris hoc muneris tui est,  
Quod monstror digito prætereuntium  
Romanæ fidicen lyrae

Quod spiro est placeo, si placeo tuum est.—Lib. I. Od. 9.

\* Vid. Sueton. in Vit. August.

† Quam tibi Sol tepidus plures admoverit aures,  
Me libertino natum patre, et in tenui re  
Maiores pennas nido extendisse loqueris,  
Ut quantum generi demas, virtutibus addas :  
Me primis urbis belli placuisse, domique  
Corporis exigui, præcanum, solibus aptum,  
Irasci celerem, tamen ut placabilis essem,  
Forte meum siquis te percontabitur ævum,  
Me quatuor undenos implevisse Decembres,  
Collegam Lepidum quo duxit Lollius anno.

Lib. I. Od. 20.

—quidquit sumego, quamvis  
Iufre Lucili census, ingeniumque, tamen me  
Cum magnis vixisse invita fatebitur usque  
Invidia.

Lib. 2. Satyr. 1.

Quin ubi se a vulgo, et scæna in secreta remorant  
Virtus Scipiadae, et mitis sapientia Læli,  
Nugari cum illo, et discincti ludere, donec  
Decoqueretur olus, soliti.

Ibid.

‡ Hic oculus ego nigra meis collyria lippus  
Illinere.

Lib. I. Sat. 5.

Lusum it Mæcenas, dormitum ego, Virgiliusque :  
Namque pila lippis inimicum et ludere crudis.

Ibid.



pessoa robustez,\* companheira accostumada da subtilidade do engenho. Quando, pela primeira vez, se apresentava a alguma alta personagem, hia com algum receio, e sentia acanhamento em si: † não era fallador, nem desperdiçava tempo em disputas vans, mormente com quem tinha mais possante que elle o bofe. ‡ Mui curiozo foi de pinturas, como a hum homem de tam atilado gosto competia. § Como era de animo liberal, pendia mais para o prodigo, que para o tacanho. || Grande amator dos Campos, como quem tam devoto das Musas foi, e o foi sempre da Liberdade: ¶ e dado que, como Poeta, nunca abu-

\* Quam mihi das ægro, dabis ægrotare timentii  
Mecænas, veniam; dum fœcis prima, calorque  
Designatorem decorat victoribus atris. Lib. 1. Ep. 7.  
Quæ sit hyems Velia, quod cælum, Vala, Salerni  
Quorum hom nom reatio, et qualis via, nam mihi Bajas  
Musa supervacuas Antonius, &c Lib. 1. Epist. 15.

† Ut veni coram, s'ngultim pauca loquutus,  
Infans nauque pudor prohibebat plura præfari, &c.  
Lib. 1. Sat. 6.

‡ Di bene fecerunt, inopis me, quodque pusilli  
Finxerunt animi, raro et perpauca loquentis,  
At tu conclusas hircini foliibus auras,  
Usque laborantes dum ferram molliat ignis  
Ut mavis imitare, &c. Lib. 1. Sat. 4.

§ Vel cum Pau-iacâ torpes, insane, tabella,  
Qui peccas minus ego! cum Fulvi, Rutubæque  
Aut Plac dejani, contento poplite miror  
Prælia rubrica picta, aut carbone: velut si  
Revera pugnent, feriant, videntque moventes  
Arma viri? Nequam et cessator Davus; at ipse  
Subtilis veterum judex, et callidus audis.  
Lib. 2. Satyr. 7.

|| ————— Accipe: primum  
Ædificas; hoc est longos imitaris, ab imo  
Ad summum totus moduli bipedalis, et idem  
Corpore majorem rides Turbonis in armis  
Spiritus et incessum. Qui ridiculus minor illo?  
An quodcumque facit Mecænas, te quoque verum est  
Tanto dissimilem. et tanto certare minorem?  
—E logo mais abaixo na mesma Satyra—  
Non dico horrendam rabiem. Jam desine cultum  
Majorem censu.—Satyr. 3. Lib. 2.

¶ O' rus quando ego te aspiciam? quandoque licebit  
Nunc veterum libris, nunc somno, inertibus horis  
Ducere sollicitæ jucunda oblivis vitæ! Satyr. 6.  
Urbis amatorem Fuscam salvere jubemus  
Ruris amatores.

sasse dessa prenda, para importunar os outros, em butindo-lhes versos de sua colheita, fazia-lhe nada menos cocegas, o dar mostras ao Publico de si; o que mui bem vislumbra dessa Epistola que endereça ao seu Livro, onde lhe indica os perigos com que ha-de topar quando sahir a publico, e com graça lhe accusa o descaramento.\* Ora bem verdade he que os guapos Engenhos, quando tem de sahir á luz vulgar, por mais comedidos, e judicios os que sejaõ, obraõ como as Donzellas quando se lhes trata de matrimonio: depois de bem bandeados os inconvenientes, ellas e os Authores, humas se entregaõ aos Maridos, e os outros ás Imprensas.

Tal, ou quasi tal Horacio foi, com tal ou qual desar em sua pessoa; † tal se retrata, e vive ainda em seus escriptos esse Vate, que inspirado do brio nobre (fiel companheiro de virtude) ‡ preconizou, que não morreria por inteiro, § que, com o andar dos annos, se remoçaria a sua faina; que eterno, como Roma seria o nome seu. || O tempo derrocou o Capitolio, e os versos de Horacio ainda saõ cantados, pela voz dos Seculos.

(E mais abaixo na mesma Epistola)

Tu nidum servas, ego laudo ruris amœni  
Rivos et musco circumlita saxa, nemusque, &c.

Lib. 1. Epist. 10.

\* Indoctum doctamque fugat recitator acerbus  
Quem vero arripuit, tenet, occiditque legendo  
Non missura cutem, nisi plena cruoris hirudo.—In Arte.

† O disti claves, et grata segilla pudico.

Lib. 1. Epist. 20.

‡ At qui si vitii mediocribus ac mea paucis  
Mendosa est natura, alioqui recta (veluti si  
Egregio inspersos repreudas corpore nævos)  
Si neque avaritiam, neque sordes, aut mala lustra  
Objiciet vere quisquam mihi: purus et insons  
(Ut me collaudem,) si et vivo charus amicis,  
Causa fuit pater his, &c.

Lib. 1. Satyr. 6.

§ Non omnis moriar; magnaue pars mei  
Vitabit Libitinam.

Lib. 3. Od. 30.

|| Sume superbiam  
Quæsitam meritis.

## VIAGEM

A Abyssinia, com a Descripção do interior do paiz, executada por Ordem do Governo Britanico nos annos de 1809, e 1810; na qual se inclue huma Relação dos Estabelecimentos Portuguezes na Costa Oriental da Africa, &c. &c. &c. Por Henrique Salt, Esq. F.R.S. &c. Lóndres, de 1814.

Pelo simples annuncio desta Viagem veraõ os nossos Leitores que huma parte della se emprega em descrever as nossas possessoens Africanas na Costa Oriental; e que por tanto quaesquer conhecimentos que possamos adquirir sobre estes assumptos nunca se podem julgar indifferentes. Em quanto pois nós somos taõ pouco cuidadosos em fazer-mos, e muito mais em publicar-mos, a descripção dos nossos proprios territorios, convem nos aproveitemos ao menos das indagaçoens dos Estrangeiros. E he nesta consideração de utilidade e de interesse para a nossa Patria, hum objecto que nunca perdemos de vista, que vamos extrahir da sobredita Viagem tudo aquillo que for relativo ás nossas Colonias naquella parte da Africa.

Mr. Salt, que se embarcou para esta Viagem no dia 20 de Janeiro de 1809, foi obrigado pelo máo tempo a demorar-se ainda athe 2 de Março, em que finalmente partio. Depois de haver tocado na Madeira, de que apenas fas menção, derigio-se ao Cabo da Boa Esperança, e dalli á Moçambique, em cuja entrada principia a seguinte narração, que vamos transcrever.

“Ao entrar do Porto, (de Moçambique) diz Mr. Salt, he preciso navegar junto da muralha de hum Forte, que esta situado da parte do norte da Ilha. Este Forte bem construido e de figura octogona, he defendido por seis bastioens, cujos alicerces pelo lado do norte se estendem athe o mar acima da altura das agoas na maré baixa. Na elevação acima da alta maré tem hum parapeito, em que estaõ montadas oito ou dez peças, que defendem a entrada na direcção de S. E. para N. W. e sobre o dito parapeito se eleva a forte muralha na altura de mais de



oito pés. Assim que passámos o Forte, fomos saudados na forma ordinaria com huma larguissima buzina, que pouco mais ou menos teria tres pés de circumferencia, e que parecia fazer aquelle mesmo officio deste o estabelecimento da Colonia. Logo depois chegámos ao lugar do ancoradouro em altura de sete braças, pela parte experior aonde estavaõ doze navios Portuguezes.

“ Bem de frente do ancoradouro está a Cidade de Moçambique, que occupa a parte central da Ilha do mesmo nome, situada precisamente no meio da boca de huma profunda Bahia. Esta Ilha tem pouco mais ou menos duas milhas e meia de comprimento, e hum quarto de milha de largura; e se assemelha na figura á huma meia lua com a sua concavidade para o mar.

“ O lugar do desembarque dista do ancoradouro hum tiro de espingarda, e he muito commodo pelas escadas por onde se sohe para hum Cáes formado sobre colunas, e que antigamente se estendia muito para o mar. O tempo e a atmospherá o tem muito damnificado; mas cuidava-se entaõ em completamente o reparar.

“ Assim que descembarcámos, a guarda que estava no principio do Cáes veio cumprimentar o Capitão Fisher, e fomos logo conduzidos por muitos Officiaes que nos esperavaõ, á Casa do Governador, hum elegante edificio, que faz huma bella vista junto da Cidade. Entrámos em hum espaçozo salaõ, aonde estavaõ quase todos os Officiaes militares, e empregados civis da Colonia. O recebimento que se nos fez foi summamente lisongeiro; e o Governador, D. Antonio Manoel de Mello, Castro e Mendonça, nos certificou que auxilliaria, quanto podesse, todas as nossas pertençoens, e ao mesmo tempo cuidaria em nos tornar o mais agradável possivel todo o tempo da nossa demora em Moçambique.

“ Este Fidalgo apenas acabava de chegar, e ainda só haviaõ doze dias que tinha entrado de posse do governo: circumstancia mui favoravel, porque elle era de mui nobre character, e tinha ideas e sentimentos muito mais liberaes do que esses que ordinariamente se podem esperar dos que governaõ os Estabelecimentos Portuguezes. Nos seus primeiros annos tinha

servido no Mediterraneo ; depois governou os Açores por onze annos, de donde passou para o governo de S. Paulo ; e ultimamente, por comprazer com os desejos do Principe Regente de Portugal, havia aceitado o governo de Moçambique, á fim de pôr em melhor ordem os negocios da Colonia que estavaõ mui desordenados.

“ Antes de voltarmos para o navio, fomos dar huma volta pela cidade ; a qual logo á primeira vista e pela mesma apparencia do povo, manifesta huma extraordinaria mistura de costumes Indicos, Arabicos, e Europeos, que por isso mesmo que nunca se podem bem ligar, saõ difficeis de poder ser exactamente conhecidos pelas pessoas, que não tiverem ideas destes tres paizes.

“ No dia 26 de Agosto como mostrassemos desejos de ver o Forte, deo-se ordem immediatamente para este effeito. O Commandante veio recebernos á porta, e nos andou acompanhando na vezita de todas as obras internas. Nellas haviaõ quase oitenta peças de artilharia montadas, e com as ballas convenientes junto de cada huma ; mas que pela muita ferrugem que tinhaõ parecia não se lhes ter mexido havia seculos. Algumas peças tinhaõ a seguinte inscripção : —1660, Affonso VI.—outras eraõ de origem Holandeza. Havia mais hum Morteiro immenso, feito para lançar pedras do pezo de 100 lbs., e que provavelmente era de origem Turca. A situaçãõ do forte foi mui habilmente escolhida ; e se a artilharia fosse bem servida poderia defender com todo o bom effeito a entrada do porto ; pois que mais de trinta peças poderiaõ atirar á hum tempo sobre qualquer navio, que pertendesse forçar a passagem. Nesta epocha porem não haviaõ sinaes alguns de preparo : bem poucas sentinellas, alguns prezos, e duas ou tres mulheres velhas, que vendiaõ bôlos, pareciaõ formar toda a guarniçãõ. He natural que antigamente se cuidasse mais da sua defeza ; porque em 1608 este Forte fez huma brioza resistencia contra hum ataque dos Holandezes que desembarcãõ em grande força na Ilha, e que depois de alli se conservarem desde 29 de Julho athe 18 de Agosto, foraõ obrigados em fim a reembarcar-se com a perda de mais de 100 homens cinte mortos e feridos.



“ Como fallassemos dos outros Estabelecimentos da Africa Occidental, disse-me o Governador, que o Governo Portuguez havia tido grandes dezejões de abri-  
huma communicacão interna com as suas possessoens Occidentaes, porem que todos os seos trabalhos haviaõ sido baldados. Havia sete annos, que hum dos Governadores do Sena havia emprehendido aquella viagem por terra, e havia avançado algumas centenas de milhas ao longo do grande rio Zambezi, mas que não tinha descoberto a dezejada communicacão com a parte occidental. Nesta viagem soffreo grandes trabalhos em consequencia do máo acolhimento que lhe fizeraõ os naturaes do paiz. Este intrepido viajante havia ja morrido, porem tinha deixado mui preciosas informaçoens, que estavaõ em poder do Governo do Brazil.

“ No mesmo dia jantamos com o Governador em caza de quem havia huma grande Companhia, composta das principaes pessoas da Colonia. Neste jantar, que foi mui abundante e bem servido, e em que as iguarias estavaõ preparadas, parte segundo o uzo Indiano, e parte á maneira Europea se fez huma saude a Sua Magestade Britannica, no tempo da qual toda a Compayhia esteve de pé, e se deo no Forte huma salva Real. Nós correspondemos com outra saude ao Principe Regente de Portugal, e na mesma occasiaõ houve taõbem outra salva Real. Acabado o jantar, passámos a outra salla, aonde nos foi servido xá e café em hum magnifico aparelho do purissimo oiro de Sena, e bellissimamente trabalhado por alguns arifices Bavianos rezidentes na Ilha.

“ No dia seguinte, eu e o Capitaõ Fisher embarcámos ao romper do dia juntamente com o Governador em o seo Escaler, tripolado por negros, e com remos semelhantes aos que trazem os botes da India. Derigimo-nos á Mesuril, aonde o Governador tem huma caza de Campo, em distancia de tres legoas da Cidade. A situaçãõ da Caza he extremamente bella, porque está em sitio elevado, não longe da praia, com hum pequeno jardim em frente em forma de terraço, donde descem dois lanços de escadas que vão dar a hum pamar de lorangeiras, limoeiros, cidreiras, e pa-





agora nas *aspera*, porem denominada *cristata* pelo Dr. Browne, depois da minha vinda para Inglaterra.

“ Em a nossa volta para caza passamos por huma bella fazenda de que he proprietario o Senhor Guedez, hum dos mais respeitaveis negociantes da colonia, a qual fazenda me pareceo a mais bem ordenada de quantas eu vi na peninsula. De tarde fomos passear athe a caza de hum dos plantadores, que vivia em distancia de huma milha da aldea de Mesuril, a fim de alli vermos alguns mercadores vindos do interior e pertencentes á huma nação, chamada *Monjou*, os quaes haviaõ chegado com huma cafila de Escravos, particularmente mulheres. e com oiro e dentes de elefante para vender. Informáraõ-me que elles haviaõ gastado mais de dois mezes na viagem ; porem como tinhaõ feito differentes paragens, podiaõ-se computar em 45 os seos dias de jornada. Os Portuguezes diziaõ, que o paiz habitado por este povo devia estar em meio caminho do interior do continente ; mas pelas minhas ultteriores indagaçoens tenho razaõ para crer, que elles se enganaõ. Alguns dos Monjous diceraõ-me que havia tres mezes tinhaõ sahido de suas cazas ; outros, que havia só dois ; e outros ainda, que haveria mez e meio, descontando os dias de descanso. Se de todas estas contas tomar-mos pois o periodo de dois mezes, e calcular-mos a marcha em 15 milhas por dia, acharemos somente, ainda que por hum calculo mui imperfeito, a soma de 900 milhas, que fica mui distante do centro do continente. Na minha opiniaõ o paiz *Monjou* está situado ao Nor-deste de *Moçambique*.

“ Os *Monjous* são negros de figura mui feia, tendo mui salientes as maçans do rosto, beiços mui grossos, a carapinha da cabeça mui miudamente encaracolada, á semilhança de pequenos graons de pimenta, e a pelle de hum escuro mui carregado e luzidio. As suas armas são o arco e setas, e algumas lanças curtas com pontas de ferro. A descripção que dá Mr. Bruce de huma tribu de *Naba* nas vesinhanças do *Sennaar*, he mui conforme com o caracter dos *Monjous* ; e como elles dizem que são originarios das montanhas de *Dyre* e *Tegla*, he mui possivel que tenhaõ tido algumas relaçoens huns com outros.

“ Na tarde do dia seguinte, (30 de Agosto) fiz outra



vezita ao plantador, em caza de quem estavaõ os mercadores de Monjon ; e de hum delles comprei hum arco e setas por algumas contas ou Rozarios, que o ditto plantador me deo ; porque o proprietario do arco recusou aceitar dinheiro, de que nenhum cazo fazia. No fim da tarde, quando começava a estar mais fresco, fomos á huma especie de Feira, que se fazia nas vesinhanças, á fim de melhor se negociar com os mercadores, ha ponco chegados. Os artigos, que estavaõ de venda para tentar estes rudes selvagens, eraõ todas couzas de bagatellas, como por exemplo sal, conchas, Rozarios de contas, tabaco, lenços pintados, e panos grossos de Surat : circumstancia, que prova bem a arteficioza politica que os Portuguezes haõ sempre tido neste genero de negocio ; porque de outra maneira haveria sido impossivel ter por tanto tempo conservado estes selvagens em huma ignorancia taõ proveitoza para os iu interesses coloniaes. Fui na mesma occasiaõ informado, que os negociantes compravaõ muitas vezes no interior, pouco mais ou menos pelo valor de dois dollars, hum escravo, ou hum dente de elefante do pezo de 60 athe 80 arrateis. A policia desta feira estava confiada á huma guarda de tropas Portuguezas dos naturaes do paiz, a qual era commandada por hum Arabe, cujo avô, tendo vindo do Egipto, e havendo feito grandes serviços ao governo, recebeu o commando de hum Destricto com o titulo de Principe de Patta, que ainda continuava neste seo descendente ; mas que bem se podia dizer que hoje meramente equivalia ao emprego de hum Sargento ordinario.

“ No dia 2 de Setembro se fizeraõ á vella os navios Racehorse e Staunch, e eu tive o desgosto de me separar do Capitaõ Fisher. No dia seguinte porem o Governador mui polidamente me offerecco caza na Ilha ou em Mesuril, conforme eu mais dezesasse ; e eu preferi este ultimo lugar, para onde parti em a noite do dia 5. Durante o tempo que estive em Mesuril, entretive-me em fazer algumas viagens por diferentes partes da Peninsula, e em tirar informações relativas ás Tribus do paiz ; e por honra da verdade e do nome Portuguez, he preciso confessar, que a situaçaõ e modo de vida de todos estes habitan-



tes e particularmente dos soldados com quem fallei, he mui suave e mui commodo. O soldo que se dá á estes ultimos, ainda que não he grande, he com tudo sufficiente para todas as suas precisoens, e o trabalho que elles tem que fazer he bem pouco laboriozo. A maior parte delles são Makooas de origem, os quaes forão feitos escravos, quando crianças.

“Estes Makooas, ou Makooana, como muitas vezes são denominados, formão hum povo composto de algumas Tribus mui poderozas que vivem no lado posterior de Moçambique, e que se estendem pela parte do norte athe Melinde, e pelo Sul athe á foz do rio Zambezi. Algumas tribus da mesma nação se encontram taõbem na direcção do Sudueste, e talvez quase nas vezinhanças dos Cafres, que habitão as proximidades do Cabo da Boa Esperança. Hum viajante, que ultimamente vezitou este estabelecimento diz, que elles são huma tribu de Cafres, e que o seo nome se deriva de algumas palavras Arabicas, que significão: —“trabalhadores de obras de ferro.”—Porem o viajante de certo se engana nesta conjectura, porque os Makooas são negros, e os Cafres não: alem disto não há palavra alguma Arabica que tenha tal significação. Com tudo esta noticia do nome nos indica que elle he conhecido dos Cafres, que formão a linha de connectão entre as Tribus do Cabo e Moçambique.

“Os Makooas que formao huma especie de povo mui valente, e de formas musculares mui robustas e athleticas, são com effeito muito formidaveis, e constantemente fazem incursoens no pequeno espaço de territorio que os Portuguezes possuem na Costa. A sua inimizade he antiga, e deve confessar-se, que nasce do máo comportamento que tem com elles os negociantes que lhes vão comprar escravos. Elles pelejaõ particularmente com lanças, dardos, e setas envenenadas; mas ja tem ao mesmo tempo hum consideravel numero de espingardas, que recebem dos Arabes nos districtos do norte; e o que he mais, segundo o mesmo Governador me certificou, athe dos proprios mercadores Portuguezes, que cuidando só em accumular fortuna, esquecem-se ao ponto de trocarem as suas vidas e segurança pelo oiro, escravos, e marfim que delles recebem pelas armas que lhes dão.

“ Estes temiveis vizinhos tem estado depois de algum tempo socegados ; porem na sua ultima incursão entráráo em tal força na peninsula de Cabeceiro, que forçáráo os Portuguezes á deixar-lhes o campo. Nesta sua entrada destruíráo as plantaçoens, queimárao as cabanas dos escravos, e matárao ou levárao com sigo todas as pessoas que lhes cahíráo nas mãos. Penetrárao athe no Forte de Mesuril, e delle levárao a imagem de S. João que estava na Capella, roubárao huma caza contigua á rezidencia do Governador, e convertêráo as vestimentas Sacerdotaes, que serviao para a Missa, em hum vestido de Cerimonia para o seo chefe. Este acontecimento succedeo há só tres annos ; e isto claramente manifesta o estado precario e de fraqueza em que está este estabelecimento.

“ A unica força, que tem os Portuguezes, capaz de se opor á estes incursões, he tirada de certas tribus da Costa com quem tem alliança, e que falla a mesma lingoagem dos Makooas. Há muitos seculos que elles haviaõ sido subjugados pelos Arabes, e foraõ depois conquistados pelos Portuguezes logo no principio do estabelecimento da Colonia, ficando por este modo sujeitos ao serviço militar, alem de hum tributo em especie, que agora muitas vezes consiste no insignificante presente de algumas limas. Estas tribus são governadas por Chefes, chamados Sheiks, cuja nomeação depende do Governador de Moçambique. Muitos delles são assas poderozos e tem huma extensa jurisdicção, porem o seo auxillio nem sempre se pode considerar como efficaz, porque raras vezes obraõ em perfeita uniaõ.

“ Os principaes de entre elles são os Sheiks de Quintagone, St. Cúl, e o Soberano de Sereima. A Soberania deste ultimo paiz estava agora em huma Rainha, muito affeiçoada aos Portuguezes, e que nesta mesma epocha tinha vindo de vizita á Moçambique. Ella governa hum longo districto, e pode pôr em campo 1,500 soldados. O Sheik de Quintagone ainda he mais poderozo ; o seo districto está ao norte de Moçambique ; e dizem que tem á sua disposiçaõ quatro ou cinco mil homens capazes de pegarem em armas. O seo antecessor era grandê inimigo dos Portuguezes, e fez frequentes ataques contra a penin-



sula de Cabeceiro, aonde entrava pelo caminho de Soué Souâh. A final cahio nas mãos dos Portuguezes, e por ordem do governador foi morto na bôca de huma peça de artilharia: exemplo que se julgou necessario para ter em respeito os outros chefes vezinhos. Ao Sul de Moçambique está o districto de St. Cûl, que fornece quase 3,000 homens de guerra. O Sheik deste districto morreo hum mez antes de eu chegar á Moçambique, e o governador ainda lhe não deo successor por não estar taõbem ainda cabalmente inteirado da pessoa que melhor mereça este emprego importante. Com tudo, todas estas forças que venho de mencionar, apenas são bastantes para resistir aos furiozos ataques dos Makooas.

“ Os Makooas, alem do seo vigor natural, augmentão a ferocidade do seo aspecto pelas diferentes deformidades que fazem na cara: a figura das suas mulheres aproxima-se muito das Hottentots. O que porem muito se deve admirar, he o quanto elles são docéis no estado de escravos, e a grande lealdade que tem quando passando a ser livres entraõ na classe de soldados. Entre outras indagaçoens que fis á respeito deste povo foi examinar se tinhaõ alguma idea da Divindade: mas o resultado que tirei foi que deve ser mui imperfeita e obscura no cazo que alguma tenhaõ; porque a unica palavra que na sua lingoagem se aproxima á esta idea he:—*Wherimb*—que significa—Céo.—O mesmo se pode dizer dos Monjous, que para designar idea que seja applicavel á Divindade só tem a palavra—*molungo*,—que taõbem significa—Céo.—Os Makooas são mui apaixonados da musica, como todos os selvagens; e tem certo instrumento particular, e que preferem á todos, chamado—“*Ambira*”—hum dos quaes eu truxe para Inglaterra.

“ No dia 7 de Setembro veio o Governador á Mesuril com o intento de examinar o estado da peninsula de Cabeceiro, e com muita civilidade me permitio que o acompanhasse. O Estabelecimento de Moçambique depende quase absolutamente deste terreno para a sua subsistencia; porque delle tira tudo, á excepção do que lhe vem de alguns poucos lugares solitarios de Loomb, cultivados pelos Mouros no lado opposto da bahia. Esta peninsula tem quase onze



milhas de comprido e quatro de largo; e está unida ao continente por hum isthmo, quase de huma milha de largura, o qual se chama Soué Souâh, expressão Arabica que denota—Vesinhança de mar por dois lados.—Se as agoas fossem alli bastantemente profundas, com muita facilidade se poderia defender este territorio, mas não he assim; e para remediar este inconveniente, se fez hum Forte em hum sitio elevado junto de Mesuril. Mas este Forte, e huma torre que nelle há sobre a capella de S. Joaõ, em que huma peça de artilharia está montada, achão-se prezentemente em hum estado miseravel, alem de que o local foi muito mal escolhido. Com muita maior vantagem e menos despeza se poderia escolher outro sitio, e defender toda aquella linha; do que o governador estava bem capacitado, dizendo-me que se podesse o poria em execuçãõ.

“ A aldea de Mesuril, pela sua vezinhança da caza do Governador, e pela segurança que se supunha ella dava, tem sido o lugar que os proprietarios particularmente preferem para edificar as suas cazas, entre as quaes se achão algumas muito boas: não devem porem ser saudaveis por estarem metidas entre espessos bosque de Coqueiros. A maneira de Mesuril, porem em ponto mais pequeno, estão edificadas as aldeas de Maspeita, Cabeceiro, e Soué Souâh, nas vezinhanças das quaes ha muitos plantaçoens. Ainda existe com tudo muita terra por cultivar; que serve de pastagens á numerosos rebanhos de gado, e para crear grandes manadas de porcos, em que muito particularmente cuidaõ os habitantes por lhes ser esta creação muito facil.

“ Em os nossos passeios ou digressoens que fizemos de Mesuril, por muitas vezes descançamos nas cazas dos plantadores, que sempre achámos mui civis e generozos, sem nunca quererem aceitar dinheiro por aquillo que nos davaõ.

“ A’ 8 de Setembro, dia de festa, eu acompanhei o Governador que foi ouvir missa á huma capella que estava junto da caza, e aonde havia huma gallaria ou tribuna particular para o Governador e para o Bispo. Este chegava justamente da Caça, e vinha vestido, (ao menos quanto nos pareceo) mui singularmente; por-

que trazia botinas com meias encarnadas. Depois da missa examinei o corpo da Capella, que estava muito aceada. Junto do altar está hum tumulo solitario com o seguinte elegante inscripção.

D. Annæ Candidæ

uxori suavissimæ  
animæque dimidium meæ

D. Diogo de Souza,

Regis à Concilio,

Et Africae Orientalis prorege,

in sui amoris,

et pietatis signum

M. H. C.

A. D. 1793—Die 17 Octobris.

“ Na tarde do dia 9 atravessámos o isthmo de Soué Souâh, e fomos ver huma aldea do mesmo nome, aonde dois Arabes, chamados Principes, nos estavaõ esperando para comprimentar o Governador. O pouco respeito em que saõ tidas estas Reaes personagens, e o pouco cortejo que elles tem mostraõ a degradação a que estaõ reduzidos, assim como a extravagancia dos Portuguezes em lhes conferirem titulos semilhantes.

“ No dia 10 de manham fui Vizitar o Bispo, que estava ausente na Caça; porem estive esperando por elle, e não deixei de muito me entreter, examinando o ornato das Cazas. Tinha suspensas nas paredes quatro gaiolas com quatro diferentes especies de passaros que cantavaõ, e sobre as portas de dois quartos para dormir duas bellissimas estampas de St. Cecilia; ás quaes taõbem serviaõ de companhia outras duas estampas Inglezas, huma dellas representando Cupido sem armas, e outra este mesmo Deos ja vingado. Pouco tempo depois chegou o Bispo com a espingarda em huma mão, e na outra duas perdizes (perdris rubricolla) e algumas rôlas que havia moro. Vinha calçado na forma ordinaria, e ao mesmo tempo trazia o sancto distinctivo da sua profissão,—huma esplendida Cruz de diamantes, que lhe pendia do pescoço. Como elle sabia quanto eu folgava de fazer collecção de todas as raridades do paiz, fez me presente das per-



dizes, e de hum certo peixe, huma especie de *Remora*, que ainda athe agora não foi descripto exactamente. Todos os Portuguezes de distincção, com quem fallei á este respeito, n.e affirmaraõ, que desta qualidade de peixes se servem os pescadores na costa para apanharem as tartarugas. O modo que para isso empregão he o seguinte: prendem o peixe com huma linha forte á hum bote; o ditto peixe marcha entaõ sempre invariavelmente para diante, e agarando-se á primeira tartaruga que encontra, impede que ella não mergulhe, e faz assim que o pescador a tenha certa, porque he mui raro escapar-se depois de estar por esta forma agarrada\*.

No dia 11 nós sabimos de Mesuril, e voltámos para Moçambique pelo caminho de Cabeceiro. Na estrada vimos diferentes arvores da curiosa especie, chamada Malumpava (huma especie de *Andansonia*) a qual parece que ostenta só no tronco toda a sua força de vegetação; porque tem mui poucos ramos e poucas folhas, e he de huma corpolencia tal, que bem se pode denominar o Elephante das arvores. Não he raro achar algumas que tenham hum tronco de 70 pés de circumferencia, e eu mesmo medi huma que tinha esta grossura.

“ Em Cabeceiro há huma excellente Caza, pertencente ao Senhor Araujo, que nesta occasião mui prudentemente a estava cercando de hum alto e forte muro, para estar á coberto dos Makooas. A praia, nesta parte da bahia he raza, e cortada por diferentes pequenas angras e entradas, que ficaõ em seco na maré baixa: por ella dei frequentes passeios a fim de procurar producçoens maritimas, das quaes nunca encontrei tanta variedade em outra qualquer praia. O peixe estrella, e as flores maritimas são bellissimas, e algumas tem cores mui delicadas: as esponjas de especies mui curiozas são assas communs, e a areia está alem disso coberta de musculos, carangueijos, e outros mariscos.

\* A descripção deste peixe he mui semelhante á que dá o Dr. Shaw do *Echineis Neurates*. O mesmo Dr. (á pag. 209, Vol. IV. Part I.) menciona este methodo de pescar as tartarugas; e se auctoriza com o testemunho do Conde de Lacede.



Na maré baixa encontraõ-se varias especies de *priapi* maritimos, e differentes qualidades de *molusca*, algumas das quaes ainda que mui formozas ná vista, não se podem conservar, porque se dissolvem quando expostas ao sol, ou se mergulhaõ em qualquer espirito.

“ Grande numero de escravos, homens, mulheres, e crianças, vaõ sempre na maré baixa apanhar os mariscos; e este producto do seo trabalho lhes dá os meios principaes da sua subsistencia. Há huma especie de óstra que se pesca nesta costa, á que chamaõ—Ostra de martello,—que dizem ter dentro em si petolas de hum grande valor; com tudo nós abrimos huma infinidade dellas, e nunca encontrámos o mais pequeno vestigio de alguma.

“ Aonde as producçoens maritimas são numerosas, taõbem geralmente se vê grande variedade de passaros: assim a praia sempre se achava coberta de garças, de varias especies, de Calhandras, narcejas, gaivotas de muitas qualidades, e outras mais aves.

N. B. Em o proximo No. finalizaremos estes Extractos, e nelles daremos as noticias mais importantes destas nossas ricas possessoens Africanas. Nesta primeira parte o Auctor viajante ocupou-se simplesmente em dar alguma idea da topographia do paiz, e dos seos habitantes, assim como em descrever-nos algumas das suas producçoens naturaes dos reinos animal e vegetal: na segunda, que segundo ja dicemos, fica reservada para o No. seguinte, trata da parte historica da Colonia, seo estado antigo, e moderno, productos mineraes, Economia politica e domestica, cauzas da sua actual decadencia, &c. &c. &c.: o que he bem que conheçamos, para que se acharmos justas algumas observaçoens taõbem possâmos dellas tirar algum proveito.

## EXTRACTOS

Dos M. S. de J. da Cunha Brochado.

(*Continuados da pag. 19. do No. XLI.*)

*Carta do 21 d' Abril, de 1711.*

Estamos em vespervas de ouvir os primeiros progressos da nova Campanha, e he necessario que a fortuna favoreça estremamente as armas da Liga para que El Rei de França se ache na obrigação de tirar por suas mãos a seo Neto de Hespanha. El Rey de França ja quisera largar Secilia, e todas as praças que ainda possuiue na Flandres Hespanhola, e fez esta proposição á Caza d'Austria, que não foi acceita; mas não sei o que succederá no fim da Campanha.

Nas gazetas inclusas vera Vossa Excellencia o que se refere das mais partes do mundo: nesta, *em que estou pagando as minhas culpas*, obedecerei a Vossa Excellencia em tudo o que me ordenar.

Deos Guarde, &c. &c. &c.

*Cartas de 5 de Maio, 12 do. e 16 de Junho, 1711.*

Excellentissimo Senhor,

Continuo a render os meos respeitos a Vossa Excellencia, que sobre as suas afficçoens não será menor a pena de considerar o dano que pode cauzar á Portugal o terrivel contratempo da morte do Imperador.

A minha maior confusão he, que vendo-se El Rey Carlos tão apertado em Barcelona faça mais precisa e mais justa obrigação de partir para Vienna; e neste cazo veremos voltar contra nós todas as forças dos



nossos inimigos, por onde entendo que nos deviamos oppor á esta retirada por ser evidentemente contra os nossos interesses.

Naõ duvido que o Conde de Tarouca na Assembleia, a que foraõ chamados os mais Ministros da grande Alliança, se oppozesse á ausencia de El Rey Carlos, insistindo fortemente em que os Estados Geraes naõ conviessem nella; porque ainda que esta sua representaçãõ e a dos Estados Geraes naõ fossem bastantes para deter á El Rey Carlos em Barcelona, com tudo aquelle Ministro naõ faltaria em requerer e prezistir em huma coiza que notoriamente he da nossa conservaçaõ, para em qualquer acontecimento justificar as rezoluçoens de El Rey Nosso Senhor.

Eu tomara ver-me na occasiaõ de voltar para a minha patria, e despedir-me nella de todos os negocios ainda da minha profissãõ, e ter mais tempo para contemplar as virtudes de Vossa Excellencia. . . .

Depois da eleiçaõ do novo Imperador entraremos na questãõ da renunciaçaõ da Monarquia de Hespanha ou dos Estados que della possui em Italia El Rey Carlos. Se houver esta renunciaçaõ naõ ha duvida que se fará na Arquiduqueza, filha mais velha do ultimo Imperador, e pode ser que no mesmo tempo se concerte o seo cazamento com o Principe do Piemonte que tãõbem tem sua vocaçãõ no testamento de Filippe IV.

Se a nossa Corte estivera sobre outro pé, poderia negociar este cazamento para hum dos nossos Infantes; mas esta negociaçaõ tem tantos inconvenientes á respeito da opposiçaõ e do desgosto do Duque de Saboia que creio, que naõ será util nem decoroço que entremos nella, á menos que naõ seja com muita manha, com muita delicadeza, e com muita circunspecçaõ, *de cujas artes naõ somos grandes mestres.* Bem podera eu agora auctorizar esta murmuraçaõ com provas claras no cazo presente, mas a cautella com que costume escrever, naõ permite maior exposiçaõ. . . . .

As couzas estaõ bastantemente confuzas; e ainda que por agora se naõ tenhaõ visto grandes effeitos depois da morte do Imperador, naõ falta porem



quem dezeja e procura para El Rey Nosso Senhor o Continente da Hespanha. Tal he como isto o ardor do zelo Portuguez, principalmente quando he animado de sangue illustre. A empreza ha de ter alguma difficuldade, mas sempre he glorioza.

A eleiçãõ do Imperador está segura na pessoa de El Rey seo Irmaõ; e a jornada deste Principe para a Allemanha ainda he incerta, mas sempre seria danoza.

Deos Guarde, &c. &c. &c.

*Carta de 8. de Setembro, 1711.*

Excellentissimo Senhor,

A Carta que Vossa Excellencia me fez a honra de escrever em 18 de Junho me chegou ás maõs em 2 de Setembro. A dilacãõ, com que chegou, mostra bem a ancia com que a dezejava, e a estimaçãõ com que foi recebida, que ordinariamente o Paquebot, que me traz alguma nova alegre, não acha o tempo favoravel, nem o mar tranquillo.

Não posso exprimir a Vossa Excellencia o alento que me inspirou a sua carta sempre benigna e sempre vivificadora. He verdade que não cabia na triste idea do meo entendimento a razãõ que Vossa Excellencia poderia ter para suspender este generoso soccorro da sua benevolencia, sendo-lhe taõ facil conservar-me nelle pelo avizo de qualquer creado seo; mas em fim, Senhor, á quem daõ não escolhe. Eu tomo este silencio de Vossa Excellencia por huma nova prova da minha conformidade, e da minha resignaçãõ.

Vou continuando nesta assistencia sem applicaçãõ alguma, e tenho entendido que me apozentaráõ em Inglaterra com obrigaçãõ de encomendar á Deos os interesses de El Rey Nosso Senhor, e neste sentido tenho o exercicio de maior character, porque sou Inviado á Corte do Céu.

O Conde de Tarouca não se rezolveo a sahir da Haya, e assim a minha substituiçãõ ficou desvanecida ou não lembrada; e he tudo o que posso responder á

Vossa Excellencia sobre este particular. Determino porem no principio da primavera pedir que me levantem a apozentadoria, e que me restituão ao retiro dos Olivaes, porque como Deos me não quer ouvir, he necessario buscar milhores mercieiros.

As coizas do mundo caminhaõ sempre com a mesma lentidaõ, e sempre saõ maiores na apprehensaõ que na consequencia; e segundo a prezente justiça não he crível que hajaõ de ter melhor predistinaçaõ.

O que nos deve dar maior cuidado he a Esquadra Franceza, que dizem ser vista em Canarias, e que fazia vela para o Brazil; e se assim for poderemos ter a culpa de fazer sahir a frota á engrossar o despojo, desprezando os repetidos avizos do suspeitado fim daquelle armamento.

Sobre o successo das nossas negociaçoens nesta Corte não tenho nada que dizer á Vossa Excellencia segundo o que dellas oiço á D. Luis da Cunha.— Sempre estamos a pedir, e sempre pedimos muito; mas sempre nos respondem com a resposta do Evangelho; e nem a petição nem a excluzão tem emenda.— Estas couzas não cabem na pintura; necessitaõ de mais longa e de mais viva expressaõ; e se Vossa Excellencia as quer ouvir da minha boca tome o trabalho de hir á Lisboa e dizer no Concelho de Estado, que me mandem logo recolher como ociozo, e inutil no serviço de El Rey.

Deos Guarde, &c. &c. &c.

*Carta de 15 de Setembro, 1711.*

Excellentissimo Senhor,

Não tenho que accrescentar á Carta que tive a honra de escrever a Vossa Excellencia na posta passada mais que haver aqui hum grande rumor de que Inglaterra tratava com França hum projecto de paz geral, e he certo que houve Emissarios de huma e outra parte. Mas eu não entendo como este negocio possa vir á luz; porque o partido contrario grita altamente contra esta suspeitada paz, e introduz no es-

pirito do povo que todo este projecto, sem a exclusão do Duque de Anjou, não tem outro fim mais do que quererem receber neste reino o Principe de Galles. Este ponto he unicamente o Cordel que lhes ata as mãos; e he facil de entender que elles dezejaõ algum accidente que lhes faça necessaria a admissãõ da paz, da qual daraõ entãõ conta á todos os Alliados, vendendo-lhes o serviço e vantagens que lhes fazem.

Alguns dizem que este governo dezejaria que Saboia ou Portugal se accomodassem com a França para terem hum pretexto para o seo proprio accomodamento; porem isto não seria boa politica; porque a França talvez entãõ mudasse de tom, e obri-garia a Inglaterra a subir a lei que lhe prescrevesse. A maxima que mais lhe convem he dispor o povo, fazendo-lhe crer que Portugal e Saboia fazem a guerra mui lentamente e sem progressos. A Hollanda está callada; e não sei se he porque vai de accordo com Inglaterra, ou porque á está espreitando. O tempo nos informará de tudo, por que estas couzas só vem ao conhecimento publico como por advinhação.

Deos Guarde, &c. &c. &c.

(Continuar-se-ha.)



**ECONOMIA DOMESTICA.**

Methodo de preservar substancias animaes, e vegetaes por espaço de varios annos. Por Mr. Appert.

*(Continuado da pag. 46. do Numero XLI.)*

Como o ar em estado de secura tão acceleradamente absorve humidade dos corpos, e por este meio suspende a tendencia, que elles tem para a decomposição chimica, talvez que fosse vantajozo o seguinte methodo de preservar certas substancias vegetaes. As frutas mais delicadas e destructiveis, como os damascos e pecegos, que rapidamente se corrompem, quando estão de tudo maduros, poderiaõ continuar em estado de perfeição, se fossem encerrados em huma atmosfera algum tanto seca. Isto se poderia effectuar, pondo-as debaixo de hum recipiente, dentro do qual tambem estivesse alguma substancia que atrahisse rapidamente a humidade, tal como a cal, o muriato de cal, ou acido sulfurico. A atmosfera se conservaria deste modo tão arida; que não daria lugar áquella acção reciproca entre os vegetaes, e o ar, que está ordinariamente occorrendo, segundo mostraõ as experiencias de diversos Chimicos; e se á este estado de secura se accrescentasse huma temperatura baixa; entãõ a sua preservaçãõ seria ainda menos incerta. O mesmo methodo podia ser adoptado pelos botanicos na preparaçãõ das plantas para hum herbario; e parece-nos provavel, que as flores preservadas deste modo conservariaõ as suas mais delicadas cores em maior perfeição do que na pratica usual de as secar pelo fogo, ou papel pardo. Tambem para as plantas mais odoriferas, cujo aroma quizessemos preservar, o nosso methodo parece agoirar o mais feliz exito.

Alem dos dois ja mencionados ha ainda hum ter-

ceiro methodo *natural*, pelo qual as substancias animaes e vegetaes podem ser, em temperaturas ordinarias, preservadas da putridaõ ; este consiste na exclusão do ar. Os meios frequentemente empregados para conservar ovos nos offerecem exemplos deste methodo. A casca do ovo he composta de huma materia terrea, mui chea de poros ; pelos quaes passaõ as extremidades de mui delgados vazos, que procedem da membrana ou tunica, que forra a casca. Por meio destes vazos a parte aquosa do albumen exala continuamente ; e o ovo por consequente vai gradualmente perdendo os seus ingredientes nutritivos. Por tanto se estes poros, e extremidades dos vazos forem bem tapados, cessará a exhalaçãõ ; e o ovo permanecerá incorrupto. Com este intuito Reaumur envernizou alguns ovos, e os conservou completamente frescos por espaço de dois annos : e removendo com cuidado o verniz, o mesmo filosofo achou, que elles ainda podiaõ produzir pintos. Alguns para o mesmo fim empregaõ alguma substancia unctuosa ; outros simplesmente mergulhaõ o ovo por hum instante em agoa fervendo, pela qual o albumen he em parte coagulado, e a exhalaçãõ por consequente prevenida. Em todos estes casos a intençãõ he meramente impedir a penetraçãõ do ar, e deste modo atalhar a decomposiçãõ e perda que soffre o ovo, estando exposto á sua influencia. Donde, quer o ar seja excluido do ovo, como nos sobreditos exemplos ; ou quer o ovo seja removido do ar, sendo posto em hum vaeuo, o resultado vem a ser mesmo. Nem he facil determinar ate que periodo pôde esta preservaçãõ durar, se a temperatura ambiente permanecer constante, e baixa ; pois Bomare menciona hum factõ de tres ovos, que se acharaõ dentro das paredes de huma igreja no Milanez, os quaes estavaõ perfeitamente frescos — conservando ainda o seo cheiro e sabor natural—depois de hum periodo de 300 annos.

Huma preservaçãõ de substancias animaes ainda mais notavel (effeituada pela simples exclusãõ do ar unida á huma baixa temperatura,) nos offerecem os curiosos factos de sapos, serpentes, e outros animaes que se tem achado no centro de arvores e rochas, dentro das quaes elles provavelmente tem estado encerrados por



varios seculos; e com tao pouca alteraçao na sua substancia e propriedades, que sendo expostos reiteradamente ao ar, recuperam as suas funcçoens vitaes. A esta classe de factos provavelmente pertence aquelle caso das moscas, que o Dr. Franklin vio reviverem em França, depois de virem desde a America dentro de huma pipa de vinho Madeira. Alguns dos nossos leitores talvez não dem credito á estes factos, e mesmo os considerem impossiveis, visto repugnarem aos nossos conhecimentos sobre as leis da vida animal; com tudo elles são apoiados por tao incontrastaveis authoridades; que não podemos deixar de ceder á sua evidencia; a pezar de contrariarem os nossos, ainda muito imperfeitos, conhecimentos sobre as leis concernentes á vida animal.

Ainda que raras vezes se tenta preservar substancias vegetaes pela simples exclusão do ar; com tudo he provavel, que em algumas frutas polpudas, hum methodo semelhante ao praticado com os ovos fosse adoptado com utilidade. Aquellas laranjas, limoens, &c. que se conservam meramente por causa da sua polpa, e succos, podiao ser envernizadas, ou untadas com azeite; e não receberao detrimento algum, se não quizermos fazer uso da casca. Deste modo provavelmente impediriamos a penetração do oxigenio, e por conseguinte a fermentação que de ordinario se desenvolve nas frutas expostas á influencia deste gaz.

Porem he tempo de terminarmos com esta longa prefação, e apresentarmos aos nossos leitores os resultados das experiencias de Mr. Appert. Nós deixaremos de entrar na theoria dos processos, convencidos que os nossos leitores, attendendo ás observaçoens que se tem feito sobre a exclusão de hum dos tres grandes agentes de fermentação, e putrefacção, i. e. o ar, facilmente poderao explanar os phenomenos, que lhes vamos communicar.

Mr. Appert começa, a sua obra com algumas reflexoens sobre os processos presentemente praticados para a preservaçao de substancias alimentares; os quaes incorrectamente elle divide em os seguintes dois methodos, a saber, desecaçao, e o misturar com a substancia preservada algum ingrediente que possa re-



sistir á fermentaçã, ou putrefacçã. O primeiro methodo, isto he de desecaçã o nosso Author desapprova, por isso que tira o cheiro, altera o gosto dos sucos, e endurece a fibra das substancias: ao segundo methodo tambem propoem outras objecçoens: o assucar, diz elle, encobre, e em parte destroe os outros sabores, e he alem disso mui dispendioso: o sal communica ás substancias huma acrimonia desagradavel, endurece a fibra, e a faz indigestivel: o vinagre pôde unicamente ser usado em pequena quantidade, e em poucos artigos. Havendo deste modo exposto as inconveniencias que provem dos methodos communmente adoptados—“Que eu saiba, diz elle, nunca author algum antigo ou moderno indicon, ou mesmo ha conjecturado o principio que constitue a base do methodo que proponho. Este methodo naõ he huma vã theoria; he sim o fruto de reflexã, pesquisas, assiduo cuidado, e numerosas experiencias: ao seo aperfeiçoamento eu tenho consagrado os meos bens, e vinte annos de trabalho, e meditaçã: e os resultados de mais de dez annos me authorizaõ a inferir o importantissimo e singular factõ, que por meio deste methodo mantimentos podem ser preservados por espaço de dois, tres, e mesmo seis annos. Nas tentativas que fiz para obter taõ relevante objectõ eu descubri 1<sup>o</sup>. Que o fogo tem a particular virtude naõ só de alterar a combinaçã dos ingredientes de productos vegetaes, e animaes; mas tambem de retardar por varios annos, e ate mesmo destruir a tendencia que os ditos productos naturalmente tem para a decomposiçã. 2<sup>o</sup>. Que a applicaçã do fogo ate certo ponto, depois de havermos com o maior cuidado e o mais completamente possivel excluido as substancias de todo o contacto com o ar, preserva perfeitamente os mencionados productos com todas as suas qualidades naturaes.”

O author tendo dado esta idea geral do seo methodo, passa entã a communicar os meios, pelos quaes elle se pode effectuar. Estes consistem 1. em engarrafar as substancias que se intentaõ preservar: 2. em rolar as botelhas com o maior cuidado. 3. Em expor as substancias engarrafadas á acçã de agoa fervendo em hum banho de Maria: 4. em tirar as botelhas do dito

banho no periodo determinado. Depois de fazer algumas uteis observaçoens sobre a melhor forma e construcção das botelhas que se devem empregar, o nosso Author continua dizendo: "O principio, pelo qual todas as substancias alimentares são preservadas, he invariavel nos seus effeitos. Em todos os casos a exclusão do ar he huma precaução da maior importancia para o bom exito do processo; e, a fim de que excluamos as substancias alimentares do contacto com o ar, he necessario ter o mais exacto conhecimento das botelhas e vasos que se devem usar, das rolhas, e do methodo de rolhar. A economia em rolhas he mui reprehensivel, por que com o intuito de querermos poupar alguma coiza no preço dellas, arruinamos huma artigo valioso que desejamos preservar: e de novo repetimos que deve haver o maior cuidado em tapar os vasos, a fim de que o ar seja efficaçamente excluido." Se quizermos preservar substancias solidas, e volumozas devemos fazer uso de vasos de boca larga; e o nosso author recommenda que os tapemos do modo seguinte: devem primeiramente ser bem rolhados, e depois lutados com hum composto de queijo, e cal pulverizada, o qual endurece em breve tempo, e resiste ao calor de agoa fervendo: os ditos vasos são então introduzidos em sacos de pano de linho mui grosso, a fim de que contenhaõ os fragmentos de algum vaso que se quebrar no acto de ser aquecido: elles são depois collocados com a boca para cima em huma caldeira, a qual deve conter agoa ate o collo dos vasos: a caldeira he então cuberta, e sobre o seo tapadouro se lança hum pano molhado para impedir a exalação do vapor: a agoa he agora aquecida ate ferver, e este grão de calor deve ser continuado por maior ou menor espaço de tempo, conforme a natureza das diversas substancias: chegado que seja o periodo de terminar a fervura; o fogo deve ser immediatamente extincto; e dentro de hum quarto de hora, a agoa deve ser removida da caldeira; esta porem não devera ser destapada senão passada meia hora; e so depois de huma ou duas horas he que deveremos tirar fora os vasos. Tal he a exposiçãõ geral do methodo; passemos a communicar alguns exemplos.



Para preservar carne cozida, huma porção desta privada de todos os ossos, he introduzida em huma panela, e posta ao fogo; quando está tres quartos cozida, he removida da panela, e mettida em vasos, os quaes devem conter caldo, feito de outras porções da mesma carne. Os vasos são depois rolhados, lutados, e introduzidos em sacos, e postos em huma caldeira cheia de agoa fria; esta he aquecida áte ferver; e deve continuar neste gráo de temperatura por espaço de huma hora. O fogo he então extinto, a agoa extrahida da caldeira, a tampa removida, os vasos tirados fora no periodo especificado, e postos de lado, ate quando quizermos fazer uso da substancia preservada: devemos adoptar o mesmo processo, quando se preservar caldo so de per si; com a differença, que deve ser previamente coado: esta e outras substancias liquidas, e tambem os sucos das frutas podem, sem risco algum, ferver por espaço de duas horas no banho de Maria; outras substancias-porem são danificadas sendo fervidas por hum quarto de hora, e mesmo alguns minutos alem do periodo necessario.

Para preservar leite, M. Appert o evaporou em banho de Maria ate metade do seo volume, removendo frequentemente a materia albuminosa ou cúticula, que se formava na sua superficie: foi então coado, e posto de parte ate esfriar; e sendo depois metido em botelhas bem rolhadas, foi de novo exposto á acção de agoa fervendo por espaço de duas horas: preservado deste modo, conservou-se perfeitamente doce por dois annos: porem depois de certo tempo o creme separou-se da parte seroza. Para prevenir isto, o nosso author em huma segunda experiencia acrescentou ao leite evaporado huma pequena porção de gema de ovo bem batida; e obteve perfeitamente o fim que desejava. O mesmo creme, sendo condensado no banho de Maria unicamente hum quinto; e depois coado, engarrafado, e de novo introduzido no dito banho, estava excellente no fim de dois annos.

Quanto aos vegetaes nós mencionaremos para exemplo a preservação das ervilhas: estas são colhidas não mui verdes, mas sim quando estão algum tanto grandas, e bem saborozas; ellas são immediatamente escascadas, e postas em botelhas, as quaes são rol-



hadas, e energulhadas no banho de Maria por hora e meia, ou duas horas em tempo secco. Feijoens são preparados da mesma maneira; advertindo que devemos sempre attender á natureza dos vegetaes, e á estação do anno. Cenouras, batatas e nabos são primeiramente meio cozidos em agoa, postos a esfriar, e depois mettidos em botelhas, as quaes são postas no banho de Maria por espaço de huma hora.

As frutas, e os seus sucos devem ser preparados com a maior celeridade, principalmente na applicação do calor. Ellas deverão ser colhidas não mui maduras, por isso que em tal estado não se podem engarrafar bem, e alem disso a calor as dissolve. Cerejas, murangos e outras variedades de frutas pequenas são introduzidas em botelhas, as quaes depois de rolhadas são mergulhadas em o banho de Maria; apenas a agoa ferve, apaga-se o fogo, e no espaço de hum quarto de hora a agoa he extrahida da caldeira: porem frutas maiores como damascos e pecegos não devem ser engarrafadas inteiras, mas sim cortadas em dois ou mais pedaços, e privadas dos seus caroços; o resto do processo he exactamente semelhante ao adoptado com as pequenas frutas. Os sucos das frutas depois de coados, e engarrafados, se podem preservar pela mesma operação.

Quando fizermos uso das substancias animaes preservadas por este methodo, ellas so exigem de ser propriamente aquecidas para produzirem tanto sopa como carne; por que tendo sido ja cozidas no processo preparatorio e no banho de Maria, ellas necessitam somente de ser aquecidas ate o gráo necessario acrescentado-lhes aquelles adubos de que mais gostarmos. Creme e leite são usados do mesmo modo como no seu estado fresco; ou se fôr necessario, podemos aqueta-los em hum banho de Maria. Quanto aos vegetaes: aquelles que não tiverem sido propriamente cozidos antes de passarem pelo processo preservativo, devem por conseguinte ser preparados antes de fazermos uso delles; aquelles porem, que foraõ sufficientemente cozidos, necessitam so de serem aquecidos.

Huma Commissão Especial da *Sociedade para o Aperfeiçoamento da Industria Nacional*, teve ordens para

examinar as qualidades das diversas substancias preservadas pelo methodo precedente, e fez a seguinte exposiçao. "A carne sendo propriamente aquecida, estava tenra, e de bello sabor; a sopa boa; o caldo excellente; o leite em virtude da sua condensação estava mais doce que o ordinario: as ervilhas verdes, e os feijoens sendo cozidos e adubados derao dois excellentes pratos mui saborozos, e agradaveis: as cerejas e damascos tinhao quasi todo o seo gosto natural: os sucos das uvas de corinto, e da especie de amoras, chamadas em Francez *framboise*, conservao todas as suas qualidades naturaes. Algumas destas substancias tinhao sido preparadas haviaõ oito mezes; outras hum anno, e outras quinze mezes; e todas ellas quando foraõ examinadas ja tinhao estado dois mezes em posse da Sociedade.

Ainda que o processo recommendado pelo nosso author não he original tanto no principio, comona pratica, como bem mostra o methodo proposto por Mr. Saddington no anno de 1807 para a preservaçao das frutas, pelo que recebeo hum premio da *Sociedade das Artes*, com tudo nenhum dos seus predecessores tem sabido apreciar tao justamente varios estados deste methodo, nem tambem ha feito delle tao extensa applicaçao. Sobre a escolha e preparaçao dos vazos, sobre o melhor modo de os rolhar; sobre o tempo proprio para a applicaçao do calor, e o periodo que exigem as diversas substancias; em tudo isto o nosso Author he merecedor dos maiores elogios; e tem excedido consideravelmente aquelles que tinhao anteriormente tratado da materia.

Nos esperamos, que nos extractos que havemos apresentado aos nossos leitores elles achem alguns factos dignos da sua attençao. Ja em o Numero 40 do nosso Periodico nos expusemos muitas das vantagens que delle podem provir; e só nos resta a dizer, que se os nossos compatriotas colherem delle os frutos que desejamos, o fim, que tivemos em lhes dar idea desta obra, sera plenamente preenchido.

FIM.



# SCIENCIAS.

## PRELECCOENS PHILOSOPHICAS,

SOBRE A THEORICA DO DISCURSO E DA LINGOAGEN, &c.

POR SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

(Continuadas da pag. 53. do No. XLI.)

### PRELECCÃO V.

O author, como dicemos, tornando a tomar o fio das suas considerações Cosmologicas, trata nesta Preleccão I: Da importante verdade cosmologica,— a ligação de todas as partes do universo entre si: —2. Prova isto com tres factos; theorica das marés; respiração dos animaes, e perspiração das plantas; e acção dos oleos sobre as vagas do mar. 3. Asseveração do facto; e para sua explicação, Theorica das acções e reacções successivas. 4. applicação destes principios geraes ao phenomeno de que se trata; e complemento daquella applicação, derivado da natureza da reacção dos corpos oleosos sobre as vagas. 5. Conclusão da mencionada lei cosmologica. 6. O que se entende por natureza, e por leis da Natureza; significação usual, digna de nota da palavra—natureza; e abuzo que alguns Pseudo-philosophos tem feito da mesma palavra, relativamente á creação. 7. O que seja pois creação, e que queira dizer-creador, Deos, e Creatura? 8. Classificação dos phenomenos do universo; e portanto, que sejam ordem, harmonia, e conservação de hum sistema; e o que sejam